

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO

MARISTANE MARIA DOS ANJOS

O USO DE DOCUMENTÁRIOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

TERESINA

2019

MARISTANE MARIA DOS ANJOS

O USO DE DOCUMENTÁRIOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva

TERESINA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Processos Técnicos

A597u Anjos, Maristane Maria dos.

O Uso de documentários nas aulas de filosofia no ensino médio. / Maristane Maria dos Anjos. – 2019.
169 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Mestre em Filosofia, Teresina, 2019.

Orientação : Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva

1. Filosofia – Estudo e Ensino. 2. Neopragmatismo.
I.Título.

CDD 107

MARISTANE MARIA DOS ANJOS

**O USO DE DOCUMENTÁRIOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, na Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia

Linha de Pesquisa: Ensino de Filosofia

Orientador: Heraldo Aparecido Silva

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Heraldo Aparecido Silva

Prof(o) Dr(o). Heraldo Aparecido Silva(UFPI)
Orientador(o)

Edna Maria Magalhães do Nascimento

Prof(a) Dr(a). Edna Maria Magalhães do Nascimento (UFPI)
Examinador Interno

José Elielton de Sousa

Prof(o) Dr(o). José Elielton de Sousa (UFPI)
Examinador Externo ao Programa

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, manifestação de fé, força e coragem de não desanimar, de não desistir, mas de lutar, de persistir. Ao meu pai Pascoal Manoel de Carvalho e a minha avó Maria do Socorro Santos (*in memoriam*), as mais adoráveis, afetuosas e doces marcas cravadas em minha memória e, parafraseando Rorty, minhas mais amadas marcas cegas que me acompanharão por toda a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, força inspiradora, por imprimir em mim capacidades, condições, esforço e determinação para concretizar mais este tão sonhado objetivo.

A meu orientador Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva. Um rortiano convicto, pela sua honrosa colaboração, por meio do incentivo, sugestões e autonomia dada para a produção deste trabalho, que se tornou possível somente a partir do encontro que me proporcionou com o pragmatismo filosófico, especialmente, a filosofia de Richard Rorty. A atenção deste autor voltada para a relevância da arte, como o cinema, o romance, a reportagem jornalística e demais gêneros, pois evocam a atividade da imaginação, um fenômeno de extrema força de dissolução de práticas e vocabulários culturais arraigados, logo, competentes meios educativos e de conquistas de direitos sociais que contribuem para a edificação e progresso da humanidade. Muito obrigada, Prof. Dr. Heraldo.

A meu pai, sinônimo de bondade e bravura, pelo amor, carinho, compreensão e auxílio incondicionais, tendo me oportunizado escolaridade e formação. Eternamente te amo, muito obrigada.

À minha avó paterna (*in memoriam*), pelo sentimento de amor maternal experimentado, ainda que tardio.

À irmã Nélia Maria, pelo carinho e tempo dispensados, ainda adolescente colaborou muito em minha vida.

Ao meu irmão Francisco Renato (*in memoriam*), pela lealdade e alegrias transmitidas.

À minha mãe, pelo súbito e surpreendente retorno à nossa convivência, só nos fez mais fortes e conseguimos transpor angústias e obstáculos, avançar e chegar até aqui.

A todos os familiares, irmãos, avós, tias e tios, sobrinho(as), primos(as) que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

À minha madrinha, irmã de coração, Francisca Salvelina, por sua amizade, afeto e entusiasmo de sempre me incentivar e encorajar nos estudos e, hoje, alcançar este título tão almejado.

Às minhas queridas e ternas afilhadas, Fenélia Gabriela e Francisca Renata.

A todos os amigos e amigas, de escola, universidade, trabalho e de outros lugares, os que estão mais próximos ou mais distantes, não é possível lembrar de

todos, mas que torceram sinceramente, mesmo em silêncio, para que eu tivesse êxito no trabalho que me propus a realizar, após exaustiva e satisfatória aprovação nas etapas do mestrado.

Ao Mestrado Profissional de Filosofia da Universidade Federal do Piauí- PROF FILO/ UFPI, estendo cordiais e sinceros agradecimentos a toda equipe de professores deste Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, pela enriquecedora contribuição em nos oportunizar novos conhecimentos, novos aprendizados, novos horizontes. Agradeço também à gentil secretária da Coordenação do Mestrado, Zilda Chaves, sempre muito atenciosa, agradável e prestativa.

Aos membros da banca examinadora pela prestimosa colaboração.

Ao Governo do Estado do Piauí, à Secretaria Estadual de Educação do Piauí, por possibilitar aos seus servidores contínua formação e qualificação profissional.

A mim, Maristane, por eu acreditar, por eu lutar! Sobretudo, pela força de vontade, força esta, mais poderosa que o vapor, a eletricidade, na acepção do genial físico Albert Einstein.

“A filosofia progride não ao se tornar mais rigorosa, mas ao se tornar mais imaginativa.”

Rorty

“... A arte como eco do riso de Deus, a arte que criou a fascinante esfera imaginária em que ninguém é dono da verdade e todos têm o direito de ser compreendidos...”

Milan Kundera

“Mais importante que o filósofo é o poeta.”

Gilles Deleuze

RESUMO

Este estudo tem como objeto de pesquisa o uso do gênero documentário nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. Seu objetivo central é promover metodologias que possam contribuir para a contextualização do ensino de conceitos filosóficos, mas que impulsionem o discente a uma atitude ativa, de conversação, diálogo, indagação, logo, estimule o desenvolvimento de seu pensamento crítico, reflexivo. Dessa forma, reconhece que a prática docente voltada exclusivamente para o ensino tradicional, teórico, centrada na reprodução de conteúdos, não colabora para o ensino-aprendizagem de sentido, de significado, capaz de tornar o discente mais participativo, pelo contrário, produz aprendizagem mecânica. Defende, portanto, que a preocupação maior do docente seja fornecer ao aluno subsídios para o seu desenvolvimento intelectual, motivá-lo à atividade filosófica de análise, argumentação, investigação, descoberta e, ao mesmo tempo, oferecer a ele autonomia para elaborar suas próprias ideias. Com base nisso, apresenta a narrativa do documentário como meio adequado e eficiente para propiciar a contextualização do ensino de Filosofia e, também, como poderoso instrumento para a expansão do pensamento do discente e, desse modo, auxiliar em seu próprio processo de filosofar, pois, conforme concebe Rorty (2007), as narrativas, seja do gênero documentário, romance, o livro de história em quadrinhos, a reportagem jornalística têm, efetivamente, mais força para sensibilizar, provocar a atenção e o interesse das pessoas do que a teoria. Com isso, os temas de Filosofia, as obras e os textos filosóficos, dos filósofos clássicos da antiguidade aos contemporâneos, assim como textos não filosóficos, compreendidos aqui como músicas, poemas, poesias, textos jornalísticos, quando articulados à linguagem de um documentário pertinente, são capazes de produzir um ensino de Filosofia contextualizado e inspirador. É também, intenção deste trabalho, demonstrar a importância da aquisição do conhecimento filosófico com autonomia e para exercer a liberdade, provocar mudanças, esta é a utilidade prática da Filosofia, buscar sempre transformar a sociedade, com o propósito de torná-la melhor e emancipada. Esses argumentos convergem, essencialmente, com a visão de Rorty sobre o papel da Filosofia, mas, também, com filósofos contemplados nesta pesquisa que propõem a aprendizagem com mais autonomia, maior protagonismo do discente, como forma de construir conhecimento por meio da descoberta, por conseguinte, mais significativo e mais emancipatório.

Palavras-Chave: Documentário. Ensino de Filosofia. Neopragmatismo. Rorty.

ABSTRACT

The research object of this study is the use of the documentary genre in Philosophy classes in High School. Its main objective is to promote methodologies that can contribute to the contextualization of the teaching of philosophical concepts, but that impel the student to an active attitude, of conversation, dialogue, inquiry, and thus stimulate the development of his critical and reflective thinking. In this way, we recognize that the teaching practice focused exclusively on traditional and theoretical teaching, centered on the reproduction of contents, does not contribute to a meaningful teaching learning process able to make the student more participative, on the other hand, it produces a mechanical learning. Therefore, in this work we defend that the main concern of the teacher is to provide the student with subsidies for his intellectual development, to motivate him to the philosophical activity of analysis, argumentation, investigation, discovery and, at the same time, to offer him autonomy to elaborate his own ideas. Based on this, we present the narrative of the documentary as an adequate and efficient means to propitiate the contextualization of the Philosophy teaching and also as a powerful instrument for the student's thought expansion and, thus, to assist in his own process of philosophizing. Thus, as Rorty (2007) argues, the narratives, whether of the documentary genre, novel, comic book, journalistic reporting, have effectively more power to sensitize, arouse people's attention and interest than theory. With this, we believe that the Philosophy themes, works and philosophical texts, from the classic philosophers of antiquity to the contemporaries, as well as nonphilosophical texts, understood in this work as songs, poems, poetries, journalistic texts, when articulated to the language of a pertinent documentary, are capable of producing a contextualized and inspiring Philosophy teaching. It is also the intention of this work to demonstrate the importance of the philosophical knowledge acquisition with autonomy in order to exercise freedom and incite change, this is the practical utility of Philosophy, always seek to transform society, with the purpose of making it better and emancipated. These arguments essentially converge with Rorty's view of the philosophy role, but also with philosophers contemplated in this research who propose a more autonomous learning, greater student leading role, as a way of building knowledge through discovery, therefore, more significant and more emancipatory.

Keywords: Documentary. Teaching Philosophy. Neopragmatism. Rorty.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ética e Política no Documentário <i>Tiros em Columbine</i>	46
Quadro 2 – Ideologia na perspectiva marxista no Documentário <i>Tiros em Columbine</i>	49
Quadro 3 – Etnocentrismo <i>versus</i> atitude filosófica no Documentário <i>Tiros em Columbine</i>	52
Quadro 4 – Mito <i>versus</i> Filosofia no Documentário <i>Religulous: Que o Céu nos Ajude</i>	58
Quadro 5 – Razão e Fé no Documentário <i>Religulous: Que o Céu nos Ajude</i>	62
Quadro 6 – Moral e Religião no Documentário <i>Religulous: Que o Céu nos Ajude</i>	66
Quadro 7 – Alienação no Trabalho no Documentário <i>Da Servidão Moderna</i>	71
Quadro 8 – Indústria Cultural no Documentário <i>Da Servidão Moderna</i>	75
Quadro 9 – Propriedade Privada e Capitalismo no Documentário <i>Da Servidão Moderna</i>	80
Quadro 10 – Sociedade Disciplinar no Documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	86
Quadro 11 – Sociedade de controle no Documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	89
Quadro 12 – Liberdade <i>versus</i> Determinismo no Documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	92
Quadro 13 – Liberdade de Pensamento e Expressão no Documentário <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hackativistas</i>	96
Quadro 14 – Anarquismo no Documentário <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hackativista</i>	100
Quadro 15 – A Revolução da Internet no Documentário <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hackativistas</i>	103
Quadro 16 – O Consumo Alienado no Documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i>	106
Quadro 17 – O Lazer Alienado no Documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i>	109
Quadro 18 – Publicidade e Mídia no Documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i> ..	112
Quadro 19 – O Ser no Mundo no Documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	116
Quadro 20 – Cidadania e Direitos Humanos no Documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	119

Quadro 21 – Educação Para Emancipação no Documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	123
Quadro 22 – Os Limites da Ciência no Documentário <i>Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	128
Quadro 23 – Natureza e Cultura no Documentário <i>Não Matarás – Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	132
Quadro 24 – Afetividade: Os Humanos e os Animais no Documentário <i>Não Matarás: Os Animais e Os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	137
Quadro 25 – A Estética da Existência no Documentário <i>Cara do Mundo</i>	141
Quadro 26 – A Discriminação no Documentário <i>Cara do Mundo</i>	145
Quadro 27 – A Utilidade da Filosofia no Documentário <i>Cara do Mundo</i>	149

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 RORTY E A CONTEXTUALIZAÇÃO DE TEMAS FILOSÓFICOS A PARTIR DO USO DE DOCUMENTÁRIOS	20
2.1 A necessidade de contextualização das aulas de filosofia na perspectiva de Richard Rorty	20
2.2 A linguagem do documentário como proposta de contextualização de temas do ensino de filosofia.....	22
3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	32
3.1 Delimitação do tema e problema da pesquisa	32
3.2 Justificação e metodologia da pesquisa	32
4 ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E DOCUMENTÁRIOS: PROPOSTA DE UNIDADES DIDÁTICAS	39
4.1 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Tiros em Columbine</i>	39
4.1.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Ética e Política no Documentário <i>Tiros em Columbine</i>	44
4.1.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Ideologia na perspectiva marxista no Documentário <i>Tiros em Columbine</i>	47
4.1.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Etnocentrismo <i>versus</i> atitude filosófica no Documentário <i>Tiros em Columbine</i>	49
4.2 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Religulous</i>	53
4.2.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Mito e Filosofia no Documentário <i>Religulous</i>	54
4.2.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Fé e Razão no Documentário <i>Religulous</i>	59
4.2.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Moral e Religião no Documentário <i>Religulous</i>	63

4.3	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Da Servidão Moderna</i>	66
4.3.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Alienação no Trabalho no Documentário <i>Da Servidão Moderna</i> .	68
4.3.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Indústria Cultural no Documentário <i>Da Servidão Moderna</i>	72
4.3.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Propriedade Privada e Capitalismo no Documentário <i>Da Servidão Moderna</i>	76
4.4	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	80
4.4.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Sociedade Disciplinar no Documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	82
4.4.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Sociedade de controle no Documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	87
4.4.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Liberdade versus Determinismo no Documentário <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>	90
4.5	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hackativistas</i>	93
4.5.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Liberdade de Pensamento e de Expressão no Documentário <i>Nós Somos A Legião: A História Dos Hackativistas</i>	93
4.5.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Anarquismo no Documentário <i>Nós Somos A Legião: A História Dos Hackativistas</i>	97
4.5.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Revolução da Internet no Documentário <i>Nós Somos A Legião: A História Dos Hackativistas</i>	101
4.6	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i>	104

4.6.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: O Consumo Alienado no Documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i>	104
4.6.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: O Lazer Alienado no Documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i>	107
4.6.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Publicidade e Mídia no Documentário <i>Criança, A Alma do Negócio</i>	109
4.7	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	113
4.7.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: O Ser no Mundo no Documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	114
4.7.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Cidadania e Direitos Humanos no Documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	117
4.7.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Educação Para Emancipação no Documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>	120
4.8	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	124
4.8.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Os Limites da Ciência no Documentário <i>Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	124
4.8.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Natureza e Cultura no Documentário <i>Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	129
4.8.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Afetividade: a Relação entre Humanos e Animais no Documentário <i>Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>	133
4.9	Proposta de unidades didáticas a partir do documentário <i>Cara do Mundo</i>	138

4.9.1	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A Estética da Existência no Documentário <i>Cara do Mundo</i>	138
4.9.2	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A Discriminação no Documentário <i>Cara do Mundo</i>	142
4.9.3	Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A Utilidade da Filosofia no Documentário <i>Cara do Mundo</i>	146
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS		150
REFERÊNCIAS.....		154
ANEXO A – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>TIROS EM COLUMBINE</i>		161
ANEXO B – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>RELIGULOUS</i>		162
ANEXO C – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>DA SERVIDÃO MODERNA</i>		163
ANEXO D – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>TARJA BRANCA</i>		164
ANEXO E – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>NÓS SOMOS A LEGIÃO</i>		165
ANEXO F – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO</i>		166
ANEXO G – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>PRO DIA NASCER FELIZ</i>		167
ANEXO H – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>NÃO MATARÁS</i>		168
ANEXO I – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO <i>CARA DO MUNDO</i>		169

1 INTRODUÇÃO

As constantes transformações ocorridas na sociedade na era da tecnologia da informação, em que a cultura digital se consolida e se estabelece de forma globalizada, impacta diretamente no sistema educacional de ensino, que precisa repensar, mas também, reformular suas estratégias de ação para desenvolver um ensino aprendizagem que atenda a essa demanda. Entretanto, a educação tradicional orientada para a reprodução de conteúdos, que não privilegia a participação mais ativa e autônoma do estudante e, desse modo, não provoca um ensino aprendizagem de sentido, ou seja, uma aprendizagem significativa para o aluno, sempre foi um dos maiores obstáculos para a educação. Em vista destas considerações, justificamos a relevância de apresentarmos e indicarmos neste trabalho de pesquisa, essencialmente, a perspectiva do filósofo neopragmatista estadunidense Richard Rorty para o ensino de filosofia.

O referido autor preconiza o poder e a influência da arte, como o cinema, o romance, o programa de televisão em lugar da teoria, para propiciar a transmissão contextualizada e significativa de conhecimentos. Em sua obra, *Contingência, Ironia e Solidariedade*, Rorty (2007) é a favor do ideal romântico, que declara a imaginação como a faculdade humana central e não a razão. Isto quer dizer que, o talento para falar de maneira diferente, e não para bem argumentar é o principal instrumento de mudança cultural. Sua filosofia, portanto, não está apoiada em um paradigma epistemológico, de contemplação e busca do conhecimento. Pelo contrário, Rorty propõe uma filosofia com f minúsculo, isto é, uma filosofia da ação, centrada em um paradigma pedagógico que priorize a conversação contínua e plural, visando a edificação das pessoas, por conceber os sujeitos e a cultura, como uma realidade linguística. Desse modo, sua atividade filosófica implica não somente a ação pedagógica, mas também, a ação política que pode ser exercida por uma série de intelectuais, tais como, o romancista, o cineasta, o professor, o jornalista, entre outros.

A filosofia da ação rortyana tem como princípio a ação democrática, no sentido de melhorar a vida das pessoas através de estratégias redescritivas, que compreendem o exercício da imaginação. De acordo com o filósofo a redescrição pode ocorrer de três modos, que implica a nossa capacidade de contar histórias de maneiras diferentes, qual seja, nos incluindo, empregando vocabulários que nos

sensibilizem, até criando novas histórias. Podemos citar alguns exemplos de redescritção, como uma obra literária, um trabalho cinematográfico, ver um filme ou documentário, que por meio de sua linguagem, ou seja, a maneira de narrar um fato, como a crueldade embutida na “ordem social” estabelecida ou nas instituições sociais, assim como, nas práticas sociais. Os alunos também podem ser ensinados por seus professores que os heróis e heroínas da história são as pessoas que se revoltaram contra a sabedoria convencional de seus dias, como Martin Luther King. Assim, Rorty entende que a educação deve transmitir mais a esperança que a verdade, pois sua filosofia está a serviço do progresso moral e intelectual da humanidade, logo, contrária a perpetuação da verdade vigente, verdades herdadas, que geralmente não são favoráveis a edificação da sociedade (RORTY, 2007).

Rorty se declara como auxiliar do poeta e do artista, portanto, concebe os gêneros literários, cinematográfico, a história em quadrinhos e outros, como narrativas bem mais eficientes do que a argumentação teórica, para promover a sensibilização, compreensão e, principalmente, a promoção de novas descrições da realidade. Descrições estas, que proporcionem melhorias para a vida dos indivíduos, ações educativas e políticas que contribuam para expansão e conquista de direitos. Sendo assim, o autor visa em sua filosofia prática, a defesa de uma educação para a liberdade e não para a manutenção das verdades estabelecidas. É essa filosofia edificante que Rorty recomenda, sempre disposta a incentivar mudanças com vistas ao bem-estar social (RORTY, 2007).

A construção desse trabalho de pesquisa, como mencionado inicialmente, fundamenta-se, sobretudo, na filosofia rortyana que prioriza a linguagem como poderoso instrumento para atingir nossos propósitos. Por esta razão o objeto de estudo que definimos para a disciplina de filosofia no Ensino Médio é o gênero documentário, por entender que esta forma de linguagem possibilita melhor assimilação de conceitos filosóficos, porque proporciona a sensibilização dos estudantes, logo é concebida como ferramenta de contextualização ou campo de sentido para o ensino aprendizagem significativo. Outro motivo igualmente importante que justifica a escolha da filosofia da ação de Rorty é a crença na ineficiência do paradigma da educação tradicional, pautado na reprodução objetivamente conteudista e que, portanto, não estimula, nem incentiva mudanças profícuas na realidade social (RORTY, 2007).

Em conformidade com a perspectiva de Rorty, o papel da filosofia vai muito além de indagar sobre o que é o conhecimento, o que é o ser humano, etc. Para ele, esta disciplina precisa ter como propósito ações orientadas para provocar mudanças culturais edificantes para a sociedade. A narrativa do documentário pode cumprir esta finalidade, considerando a posição de Jorge (2007), para quem o cinema documental tem vastos recursos de abordagem do espírito humano, em virtude de seu caráter transversal e humanizante, além de oferecer múltiplas e diferentes formas de apresentação da realidade.

Desse modo, acreditamos que a crosta de convenções sociais estabelecidas por meio das ideologias dominantes, podem sempre ser abaladas, desestabilizadas e transformadas em novas descrições da realidade através do documentário, esta preciosa forma de denunciar, de contar histórias, de refletir e fazer refletir diferentes aspectos da vida social. Disto, compreendemos que esta narrativa demonstra de maneira contundente que a dor e a humilhação humanas são, na maioria das vezes, produzidas e disseminadas socialmente a partir de práticas culturais reconhecidas como legítimas, verdadeiras.

Efetivamente, o uso do documentário é uma metodologia bastante apropriada para o ensino da filosofia prática, porque ambos não consistem apenas em disseminar ideias, mas ampliar nosso horizonte de saberes, assim sendo, provocar mudanças expressivas na nossa visão de mundo, que na maioria das vezes se mostra rigidamente fixa às determinações e normatizações sociais. Desta forma, este trabalho acadêmico fundamenta-se, principalmente, na filosofia de Rorty, que destaca a relevância do gênero, seja a obra literária, o filme ou documentário, como principais veículos de mudança e progresso moral e intelectual.

Como exposto acima, o principal aporte teórico que orienta este estudo é a perspectiva filosófica de Richard Rorty, que evidencia a importância do uso de narrativas, como o gênero documentário, tema desta pesquisa, como meio mais eficiente para o ensino de filosofia no Ensino Médio. Logo, suas ideias representam a espinha dorsal deste trabalho, por sua concepção prática da Filosofia e pelos modos e instrumentos que indica para alcançar uma sociedade melhor, edificada, moral e intelectualmente.

Tendo como cerne desta pesquisa, o ensino de filosofia e a proposta de metodologias adequadas a este fim, que produzam uma aprendizagem significativa, trazemos também a abordagem teórica de outros autores sobre este tema para

corroborar com o escopo deste trabalho. Apresentaremos o pensamento de Gallo (2012, 2014), sobre o ensino de filosofia na escola, sobre as metodologias e recursos didáticos mais apropriados para o ensino desta disciplina. Em seguida, temos a concepção de Ghiraldelli Jr. (2000), que vai na mesma linha de Rorty (2007), sobre a necessidade de substituir a teoria por narrativas e metáforas para um ensino aprendizagem mais eficaz. Elencamos Nietzsche e Rancière (*apud* GALLO, 2012) por considerar relevantes suas afirmações sobre a noção de autonomia no processo ensino-aprendizagem, que é fundamental para a proposta desta pesquisa.

Retratamos ainda, Deleuze e Guattari (*apud* GALLO, 2012), que denunciam os obstáculos e as barreiras impostas pelo Estado que impedem um ensino de filosofia autônomo, assim como a visão de Savater (*apud* GALLO, 2012), sobre as aulas de Filosofia que não devem ser doutrinadas. Demos ensejo também aos argumentos de autores que reconhecem como primordial o poder da imagem para ampliar os horizontes de conhecimento, como Ghedin (2009), Ramos (2001), Read e Goodenough (2005), que valorizam os elementos cinematográficos para a aprendizagem. Contemplamos ainda, autores que descrevem e fundamentam as características, essência e funcionalidade do documentário, como Penafria (2009), Lins (2007) e Bauer (2007).

No primeiro capítulo, apresentaremos de forma mais detalhada a literatura descrita acima sobre o ensino de filosofia, metodologias e recursos didáticos adequados para um ensino aprendizagem contextualizado e significativo. O uso do documentário, sua importância e finalidade, esta relação entre arte e educação que precisa ser cada vez mais cultivada, pois, representa um forte instrumento que funciona como campo de sentido para assimilação, interpretação de conhecimentos e mudança de postura acerca da realidade. Dessa maneira, este trabalho propõe o desprendimento do paradigma da objetividade do ensino, da reprodução conteudista de teorias, ou seja, do modelo tradicionalmente empregado no âmbito escolar, para uma educação que não aliene os jovens, mas voltada para a liberdade de pensamento, para novas ideias e ações que possam originar mudanças culturais benéficas para a coletividade.

No segundo capítulo, abordaremos a metodologia ou as estratégias que serão utilizadas nesta pesquisa para atingir a finalidade a que se propõe: Promover a contextualização nas aulas de filosofia no Ensino Médio por meio da narrativa do

gênero documentário em articulação com textos filosóficos e não filosóficos, para ministrar variados temas desta disciplina requeridos pelos documentos oficiais do Sistema de Educação para este nível de ensino. Pretendemos, portanto, construir planejamentos didáticos com o uso de documentários, elencando objetivos, conteúdos, atividades e recursos didáticos concernentes ao tema a ser trabalhado em cada documentário.

No terceiro capítulo, encontra-se a parte mais densa desta pesquisa acadêmica, assim como, sua principal contribuição, pois se trata de uma apresentação de cada documentário selecionado, seguidos de produções textuais que contemplam uma articulação entre este gênero e temas de filosofia adequados a este fim. Em suma, apresentaremos propostas de unidades didáticas para as aulas de filosofia no Ensino Médio, que contemplem a articulação do documentário proposto com o tema filosófico pertinente para a execução desta tarefa. O aspecto preponderante deste estudo é afinar as relações entre a Arte e o ensino de Filosofia, por reconhecer que a filosofia precisa da sensibilização e, não apenas da reflexão para ser compreendida e se tornar ativa, capaz de modificar o indivíduo e o mundo a sua volta.

2 RORTY E A CONTEXTUALIZAÇÃO DE TEMAS FILOSÓFICOS A PARTIR DO USO DE DOCUMENTÁRIOS

2.1 A necessidade de contextualização das aulas de filosofia na perspectiva de Richard Rorty

Nossa intenção ao desenvolver este trabalho de pesquisa não se limita apenas a apresentar problemas, obstáculos e angústias enfrentados frequentemente pelo professor de Filosofia do Ensino Médio em sua tarefa diária de buscar transmitir conhecimentos filosóficos. Mas também revela uma pretensão que consiste em sugerir uma perspectiva didática de conversação e não somente de reprodução de conteúdos, como defende Rorty e, assim, possa contribuir para viabilizar a realização dessa tarefa de modo mais inventivo, convidativo, que não represente uma atividade pesarosa, como é geralmente o modelo de ensino tradicional. Sabemos, pois, que na história da educação brasileira, a disciplina filosofia e os estudos sobre o conhecimento filosófico foram, muitas vezes, deixados à margem dos processos de educação. Principalmente, na educação básica, o professor de filosofia deverá ser considerado primordial no processo de formação de cidadãos reflexivos e conscientes do seu papel na sociedade.

Em vista disto, este trabalho acadêmico concentra-se sobre o tema: o processo ensino-aprendizagem de filosofia no Ensino Médio. Delimitando-se, por perspectivas e desafios docentes para a construção de práticas educativas condizentes com as exigências e demandas sociais. Tem como objeto de estudo o uso de documentário como proposta de unidades didáticas para as aulas de filosofia no Ensino Médio. Portanto, a problemática desse estudo se insere pela necessidade de um ensino-aprendizagem contextualizado de conceitos filosóficos no ensino médio, que retrata uma realidade vivenciada por docentes nas mais diversas instituições educacionais. Nesse sentido, apresenta como problema o seguinte questionamento: Como empregar metodologias de ensino que promovam uma aprendizagem contextualizada e significativa da disciplina de filosofia?

A partir de estratégias de contextualização do processo de ensino-aprendizagem com metodologias apresentadas para o ensino que produzam uma aprendizagem satisfatória e significativa para o dia a dia do alunado, acredita-se que esse trabalho contribuirá para desmistificar a ideia pré-concebida pelo senso comum

de que a filosofia é pura teoria, isto é, conceitos, ideias ou até mesmo divagações e não possui relação alguma com a realidade prática dos sujeitos. Pelo contrário, ela é a nossa realidade, são os temas do cotidiano, como vida, morte, liberdade, justiça, ética, política, entre outros, dos quais nos ocupamos. Desse modo, a filosofia é absolutamente contextualizável, basta que adotemos a metodologia adequada ao seu ensino.

Abordar diferentes temas da filosofia de forma prática, com ênfase na relação deste conhecimento com a realidade do aluno é a proposta central deste trabalho de pesquisa. A escola ao desprezar as experiências individuais do discente, empregando abordagens de ensino tradicionais, contribui para excluir as possibilidades de aprendizado do mesmo em sua singularidade. A ausência de uma formação especializada do professor de filosofia em sua graduação, que o prepare para ensinar a disciplina de forma significativa também desfavorece o ensino de filosofia no Ensino Médio.

Assim sendo, é nosso propósito demonstrar a relevância de apoiar-se em um paradigma pragmático para o ensino de filosofia com ênfase sobre a utilização de metodologias que possibilitem vivenciar este conhecimento de forma prática, dentro da sala de aula. Para isto, o professor deve priorizar o uso de uma linguagem capaz de sensibilizar os discentes, como por exemplo, o emprego de narrativas, metáforas que partam da própria realidade deles e, assim, contribua significativamente para a verdadeira assimilação do sentido do filosofar.

A partir dos estudos de Gallo (2012), sobre o ensino da filosofia na escola, constatamos que não é uma tarefa tranquila, em virtude da especificidade desta disciplina, pois, vejamos, a pergunta: o que é a filosofia, para que se possa ensiná-la? Leva-nos a diferentes respostas, diferentes perspectivas de ensino da filosofia. Portanto, diante dessa diversidade o autor afirma que só há uma possibilidade plausível, qual seja, definir uma perspectiva que permita o desenvolvimento de um trabalho coerente em sala de aula. Entretanto, ele adverte que o procedimento de escolha da perspectiva pode cair no dogmatismo, isto é, o professor adotar somente uma perspectiva filosófica, ou ainda, cair no relativismo, no qual “tudo é válido”. Gallo (2012) diz que o professor deve sim, escolher e adotar uma perspectiva, mas esclarecer aos discentes que se trata de uma perspectiva de ensino filosófico, entre várias existentes.

Devemos enquanto professores de filosofia ter como perspectiva fundamental um ensino que se proponha a despertar o interesse e gosto pela atitude filosófica, incentivando os alunos a argumentar, investigar, questionar, examinar temas de interesse social e, desse modo sensibilizá-los sobre os problemas que a realidade apresenta, no sentido de formar cidadãos conscientes, críticos, participativos, criativos, a partir do exercício da filosofia prática, que, como assegura Gallo (2012), os manuais de ensino da filosofia não devem ser o principal instrumento de trabalho do professor. Ele afirma que o professor precisa valer-se de textos filosóficos, não filosóficos, que permitam uma aproximação aos temas e problemas trabalhados, como outros materiais, filmes, documentários, que permitam sensibilizar os estudantes para os problemas filosóficos a serem abordados.

2.2 A linguagem do documentário como proposta de contextualização de temas do ensino de filosofia

As proposições acima defendidas por Gallo (2012) sobre o uso de recursos didáticos diferenciados e inovadores para o ensino de filosofia convergem exatamente com a proposta metodológica que esta pesquisa acadêmica sustenta. O uso do documentário para abordar diferentes temas de filosofia e a partir disto realizar conexões com textos filosóficos e não filosóficos, selecionados com base nos temas expostos no documentário. Dessa forma, acreditamos que as aulas de filosofia ganhariam uma alma nova, certamente provocaria maior interesse dos estudantes, porque a linguagem do documentário, por meio de dispositivos como som e imagem, é capaz de atrair e envolver com mais intensidade do que os argumentos apresentados no livro didático. Como defendem Read e Goodenough (2005), que o filme nos aproxima muito mais da realidade do que o livro, pois o que vemos e ouvimos possui um significado maior, porque faz-nos perceber e sentir o que acontece.

A concepção filosófica rortyana e, em especial, o seu papel para a educação, que tem como escopo as constantes transformações sociais, é imprescindível para empreender este estudo. Para Rorty (2007), a filosofia deve apresentar-se antes de tudo como propósito político e social. Seu pensamento aponta caminhos bastante eficientes para o ensino da filosofia. O autor preconiza uma cultura pós-metafísica que faz objeção ao conhecimento filosófico contemplativo, que nega a teoria do

conhecimento, e não está interessado em desenvolver conceitos ou “verdades” sobre o que é o conhecimento, o que é o ser humano. Logo, sua filosofia não está apoiada em um paradigma teórico, pelo contrário, ela é pragmática, uma filosofia da ação, ou seja, um saber crítico e em permanente construção que está a serviço dos mais variados temas do dia a dia.

Considerando a perspectiva de solidariedade humana, conceito-chave da filosofia de Rorty (2007), pois compreende que ela não é descoberta pela reflexão, mas sim criada. Acrescenta que conseguir perceber os outros seres humanos como sendo um de nós, os tipos de sofrimento suportados por pessoas que não nos são familiares e os tipos de crueldade de que somos capazes, torna-se mais efetivo a partir da valorização de uma cultura pós-metafísica e pós-religiosa, que abandone o sermão e o tratado. Para isso, ele afirma que a forma mais apropriada para atingir este objetivo não é a teoria, mas o uso de gêneros tais como a etnografia, o texto jornalístico, o livro de história em quadrinhos, o documentário dramatizado e, especialmente, o romance. Estes são atualmente, os principais veículos de mudança e progresso morais.

Rorty (2007) confere à literatura, à arte e não à filosofia, o papel de promover a verdadeira noção de solidariedade humana, pois ela é capaz de sensibilizar o indivíduo muito mais do que qualquer questão filosófica. Nesse sentido, o pensamento rortiano contribui claramente para a contextualização de conceitos filosóficos a partir da postura do professor, que deve promover situações de aprendizagem contextualizadas, ao incentivar o desenvolvimento da capacidade imaginativa do discente. Por conseguinte, de sensibilizá-lo, inicialmente, a partir de gêneros, não somente teorias, ou seja, empregando métodos adequados a esta finalidade. Trazemos neste trabalho, o gênero documentário como recurso eficaz para propiciar a sensibilização do discente e, portanto, o envolvimento com os temas nas aulas de Filosofia, pois de acordo com Penafria (2009), o documentário não possui apenas a função de documentar, mas de comentar o mundo em que vivemos, de interrogá-lo.

No que concerne às aulas de filosofia no ensino médio, estas deveriam ser ministradas observando os pressupostos referidos acima, isto é, utilizar recursos didáticos que se traduzam em uma metodologia contextualizada que provoque o estudante, estimule sua sensibilidade e imaginação e, desta forma, propicie o desenvolvimento do seu senso crítico, este germe capaz de revolucionar, de

transformar paradigmas convencionais, concepções arraigadas e ultrapassadas em novas ideias, novos paradigmas. Dessa forma, perspectivamos a mesma compreensão de Rorty sobre a utilidade da filosofia e esta só pode ser útil na medida em que se emprega uma narrativa adequada que descreva a realidade de modo significativo, em que o sujeito se sinta um participante dessa história e isso só é possível por meio da sensibilização. Neste trabalho, optamos pelo uso do gênero documentário para realizar essa tarefa de sensibilização e, por consequência, de contextualização de temas filosóficos na sala de aula.

Diante do exposto, convém lembrarmos Ghiraldelli Jr. (2000) sobre o uso de narrativas na educação. Ele preconiza em seu estudo a teoria educacional pós-*virada* em favor das narrativas, que privilegia o uso de metáforas, ou seja, a utilização de novos vocabulários inusitados para o esclarecimento de temas variados. Desse modo, propõe uma nova geração de professores, professores com uma postura mais compromissada em provocar a atividade imaginativa dos alunos ao invés de permanecerem no conformismo dos saberes já instituídos. Assim sendo, esta teoria precisa ser cada vez mais divulgada e utilizada no ensino, especialmente, no ensino de filosofia. Valorizar o exercício da imaginação garante que a criatividade se manifeste.

O emprego de narrativas para conduzir o aluno à compreensão de conceitos filosóficos é uma ação pedagógica bastante eficiente. Ghiraldelli Jr. (2000), reverencia a leitura de Rorty sobre o uso da linguagem rica em metáforas. Esta possibilita o professor tornar-se um incentivador no processo ensino-aprendizagem que, diferentemente, da exposição de conteúdos baseada no modelo tradicional, recorre a comparações a partir de narrativas que partem da própria realidade e, portanto, ganham significado para o aluno.

A narrativa do gênero documentário possui a habilidade de nos envolver emocionalmente, é um instrumento pedagógico que fornece elementos essenciais para contextualização de conteúdos, pois sua linguagem rica de significados consegue com extrema facilidade atrair a atenção e interesse dos jovens, diferentemente da linguagem teórica e, assim, convidá-los com maior ênfase ao exercício filosófico de reflexão. Desta forma, o objeto desta pesquisa, possui estreita relação com a filosofia, na medida em que incentiva a reflexão, uma vez que o documentário se impõe como uma arte de refletir e fazer refletir diferentes aspectos

da vida social. Como explica Ramos (2001), que uma das características essenciais do discurso cinematográfico é a flexibilidade.

Logo, o documentário é uma ferramenta poderosa de enfrentamento da realidade, isto é, ele aborda temáticas que, muitas vezes, representam uma denúncia de situações presentes. Desta forma, podemos seguramente afirmar que o gênero documentário se constitui como uma relevante dimensão pedagógica, porque na sua busca por retratar, descrever a realidade, também mostra, ensina novas possibilidades de apreensão ou modificação da mesma. Então, o documentarista ao selecionar criteriosamente temas, pessoas, lugares, objetos, som, imagem, linguagem, etc., que de acordo com Lins (2007), são dispositivos que visam produzir efeitos específicos para registro e elaboração do documentário e, assim, se tornar uma narrativa mais atraente, uma vez que desenvolve um papel pedagógico diferenciado, portanto, edificante para transmitir aquilo que pretende, ou seja, se fazer compreendido de tal maneira pelo espectador, que este mude sua postura anterior, seu olhar, suas atitudes sobre o tema abordado.

O ensino de filosofia no Ensino Médio desde seu nascimento sempre foi visto como a formação para o exercício da cidadania. Entretanto, há uma infinidade de estudos e discursos que refutam esta proposição, ou seja, não admitem que o ensino de filosofia seja reduzido a esta condição. À vista disto, Gallo (2012), entende que o ensino de filosofia deve representar uma ampliação dos horizontes culturais dos estudantes. Esta ampliação deve ocorrer com o auxílio de vários elementos culturais e artísticos, isto é, por meio de elementos não filosóficos para a sensibilização do aluno e em seguida conduzi-los aos conceitos propriamente filosóficos.

De fato, o ensino de filosofia deve invocar a sensibilização, esta nem sempre é alcançada de forma satisfatória somente a partir da teoria. O conceito de cidadania, por exemplo, seria amplamente compreendido através de uma aula teórica? Provavelmente não, especialmente no Ensino Médio. Então, na elaboração deste trabalho pretendemos evidenciar a importância da sensibilização nas aulas de filosofia e propor o uso do gênero documentário como um poderoso instrumento para o fazer filosófico, capaz de cumprir essa tarefa de sensibilização do discente. O professor deve evitar o ensino enciclopédico que não priorize uma articulação com outros instrumentais que garantam uma aprendizagem significativa, mas apenas

memorização de conteúdos para responder a uma avaliação e, em seguida esquecer.

Os jovens de nossos dias são contemporâneos da revolução digital, são inquietos, usam mídias sociais com bastante facilidade, é uma geração que está sempre conectada. Em linhas gerais, essas são algumas características do perfil da maioria dos jovens que cursam o Ensino Médio. Posto isso, cabe a nós, professores de filosofia dessa etapa de ensino reconhecer que um modelo de educação pautado no ensino tradicional, em favor da teoria, na verdade, um ensino programado, monótono, repetitivo, que em geral segue esse delineamento: Conteúdo - Atividade-Conteúdo, de modo algum é método de ensino atrativo a estes jovens, que desde criança encontram-se inseridos em contexto digital.

Com base nisso, confirmamos a necessidade da filosofia usar de forma criativa recursos da cultura contemporânea, materiais que não sejam propriamente filosóficos, mas que com certeza dizem respeito à filosofia. O documentário é o recurso da cultura contemporânea que julgamos mais adequado para planejar e promover uma aula de filosofia que seja espontânea, mas, sobretudo, criativa e, assim, preserve a autonomia de pensamento, a manifestação da subjetividade do estudante. É imensurável o valor dos recursos presentes na narrativa do documentário, tais como, a imagem, o som, com suas vigorosas nuances, são recursos de linguagem que permitem uma interação efetivamente ativa do jovem com o tema abordado, exatamente porque envolve suas sensações. Para melhor esclarecer isto convém apresentar a seguinte citação, “O olhar, é ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (GHEDIN, 2009, p. 201).

Ao defender um ensino de filosofia voltado para a prática, tendo em conta o uso do documentário como um veículo de mediação didática para seu ensino, considero bastante relevante a reflexão de Ghedin (2009) sobre o uso da imagem, seja ela cinematográfica ou das artes em geral, como possibilidade para ampliar o horizonte filosófico do aluno no processo de ensino-aprendizagem de filosofia no Ensino Médio. O autor diz que a imagem não só oferece uma possibilidade de nos fazer pensar, mas revela sua própria dinâmica, que é uma maneira de pensar e representar o mundo. É esta dinâmica que ele concebe como mediação para o ensino de filosofia. Assim sendo, presumo que a interpretação dos aspectos filosóficos abordados no documentário dependerá do envolvimento dos estudantes

com a dinâmica do documentário, seu modo particular de pensar, sentir, quer dizer, de apreender esta dinâmica.

O estímulo às sensações audiovisuais que o uso do documentário proporciona conduz a construção de um pensamento mais livre, mais autêntico, mais rico de significados. A fenomenologia já definiu que nós experimentamos a realidade a partir de nossa percepção, que compreende nossas sensações físicas e nossa consciência imediata, o nosso pensamento evolui, dá um grande salto. Nesse sentido, ocorre fatalmente a aprendizagem contextualizada, o pensamento vivo, implica no ensino ativo. Disto, consideremos a concepção de Bauer (2007), sobre a importância e utilidade do documentário:

Fazer documentário é um ato político, um posicionamento diante daquilo que se vê e sente. Um diálogo com o meio em que se vive. Uma demonstração de vigor diante da vida, uma manifestação do sentimento de estar vivo. (BAUER, 2007, p. 75).

A filosofia prática de Rorty, que prioriza o papel da linguagem na educação, defende um ensino filosófico ativo, contrário ao modelo de ensino adotado pela educação tradicional em que o aluno, geralmente, é sujeito passivo, ouvinte, apenas um receptáculo dos conteúdos transmitidos pelo professor. Este ensino para Rorty está fadado a produzir uma educação alienante, ou seja, centrada em reproduzir e perpetuar a linguagem institucionalizada pela ideologia dominante, desse modo, ele questiona que a educação e, principalmente, o ensino de filosofia precisa promover uma nova linguagem, novas maneira de se comunicar visando ao desenvolvimento do pensamento livre, pois só a liberdade é capaz de transformar realidades, diferentemente do assujeitamento às verdades herdadas que consiste o ensino teórico adotado pelo modelo de educação tradicional.

A defesa de Rorty (2007), por uma cultura pós-metafísica, pós-religiosa é exatamente propor uma linguagem inteiramente nova para a educação que me referi anteriormente e, que vale reforçar. Ele considera transformadora, ativa e libertadora, esta linguagem contra a teoria e a favor da narrativa. Assim sendo, o romance, o cinema, o programa de televisão, que vem substituindo o sermão e o tratado, são efetivamente capazes de nos sensibilizar, de nos emocionar, de tal modo que nossa postura, nosso olhar sobre um determinado tema pode ser transformado e, de maneira positiva, como por exemplo, a questão dos preconceitos que muitas vezes

naturalizamos, da desigualdade social. Estes, quando abordados pela linguagem da arte, como no documentário, produzem uma nova percepção, isto é, amplia nosso modo de enxergar e permite uma compreensão inovadora, logo, colabora efetivamente para o progresso intelectual e moral da humanidade.

Ensinar filosofia em uma perspectiva ativa, que tenha como finalidade a autonomia do sujeito, sua emancipação intelectual como afirma Gallo (2012), ao destacar o que propõem Nietzsche e Rancière (*apud* GALLO, 2012), em suas reflexões sobre a educação, pautada na figura do professor-criança que é o mestre ignorante, aquele que pode conduzir a um sempre novo começo, fazendo da filosofia uma experiência viva e criativa, como sugerem os referidos filósofos, requer do professor abandonar a posição de embrutecedor ou explicador e assumir uma nova postura, uma nova linguagem, novas maneiras de se comunicar com os discentes. Eles afirmam, assim como Rorty, que um ensino tradicional hierarquizado, comprometido com o conhecimento institucionalizado não provoca, não conduz o discente a pensar livremente e, portanto, não promove uma educação para a liberdade, que possibilite emergir novas ideias, novos vocabulários, ou seja, a criação de um mundo novo, com a conquista de novos direitos e ampliação dos direitos já existentes.

A nossa crença, a nossa trajetória no percurso de construção deste trabalho acadêmico apoiado, fundamentalmente, na filosofia de Rorty (2007), que sustenta a proposição de que o gênero documentário é capaz de cumprir verdadeiramente o papel de um ensino ativo, inovador, em que o estudante se sente participante direto da abordagem problematizada neste tipo de narrativa e, não somente um espectador. Ele apresenta o documentário como um recurso metodológico eficiente que estimula a imaginação e propicia a redescritção de nós mesmos e dos outros. Então, a experiência do conhecimento a partir do documentário é muito mais significativa, porque é contextualizada através da maneira como a linguagem deste gênero comunica, com suas nuances, como a imagem, o som, o vocabulário do documentarista, entre outros elementos que sensibilizam o espectador e o transformam em personagem ativo.

Diante disso, é bastante promissor aos professores de filosofia do Ensino Médio empreender um ensino que priorize o uso da narrativa do documentário para expressar, de um lado, o conhecimento, as verdades instituídas que indefinidamente alienam as massas e, de outro, a esperança, nas palavras de Rorty (2007), de

renovar estas verdades, substituí-las por outras verdades, novos conhecimentos, pois o ensino tradicional desta disciplina esbarra em uma reprodução de pensamentos e conceitos que não favorecem a contextualização e, assim não contribui para pensar filosoficamente a nossa realidade e buscar modificá-la. Por conseguinte, compreendo que priorizar o uso do documentário nas aulas de filosofia, de certo modo, se não impede, mas reduz os efeitos da dicotomia enfaticamente criticada por Kant do ensinar filosofia e ensinar a filosofar.

A finalidade deste estudo também corrobora com os argumentos definidos por Gallo (2012), sobre a atuação do professor de Filosofia que deve está orientada por um ensino que represente um convite à experiência filosófica do pensamento conceitual. Para isto, o professor deve colecionar materiais, os mais diversos, que poderá utilizar como estratégia de sensibilização dos alunos e, deste modo, compor todo um arsenal de recursos didáticos. Neste trabalho, o documentário é o principal instrumento de sensibilização, contudo, não será o único, pois uma aula de filosofia concebida como ação e não exatamente contemplação é o que o se pretende oferecer aqui. Assim, devemos dispor além do documentário, de textos filosóficos e não filosóficos, bem como, atividades diversificadas para realizar articulações entre estes e o documentário, a fim de promover um ensino que seja potencialmente contextualizado.

Sabemos que a implementação de um paradigma educacional inovador que se distancie do modelo de ensino tradicional não é algo tão simples de ser implementado na escola. Uma vez que esta instituição em seu ressurgimento na modernidade passa a ser controlada pelo Estado. Gallo confirma bem isto no dizer de Deleuze e Guattari: “[...] a escola foi capturada pelo Estado, transformada numa máquina de Estado, a seu serviço e seu instrumento” (*apud* KOHAN, 2004, p. 211). Nessa mesma lógica, a escola de acordo com Savater (*apud* GALLO, 2012, p. 41), está concentradamente voltada para a informação, desta forma a filosofia não teria nada a oferecer, haja vista, que esta disciplina move-se entre conhecimento e sabedoria, diferentemente da ciência que se serve somente de informação e conhecimento. Entretanto, a principal função da filosofia consiste mais em uma atitude intelectual do que em um conjunto bem definido de conhecimentos.

Outra perspectiva de Savater (GALLO, 2012, p. 43), do nosso ponto de vista, bem coerente, para fundamentar o uso do documentário nas aulas de filosofia é a sua concepção de que o filósofo não deve doutrinar as massas, mas comunicar o

individualmente pensado. Ele explica que ensinar filosofia vai muito além de expor figuras e momentos históricos da filosofia. Essa maneira de tratar a filosofia como peça de museu se distancia completamente da filosofia prática, que é o parâmetro no qual se apoia este trabalho. Enfim, o autor esclarece que o professor de filosofia não pode abrir mão do legado da tradição filosófica, pois do contrário, não estaríamos legitimando um conhecimento de quase três milênios, sendo então necessário tomarmos como ponto de partida. No entanto, o ensino de filosofia precisa buscar continuamente o processo do filosofar.

Reiteramos a importância e necessidade de valorizar o papel da arte na educação. Em razão disto, nossa proposta de pesquisa direcionada para a utilização do documentário no ensino de filosofia para os jovens do Ensino Médio, em suma, privilegia este gênero que expressa forte competência de estimular os estudantes a pensar, conhecer, questionar, porque lida com as sensações, e compreendemos que ver e sentir produz em nós uma percepção mais significativa e contextualizada do real. Nesse sentido, o documentário é uma ferramenta essencialmente indispensável para conduzir-nos no caminho do pensamento pós-metafísico, descrito na filosofia de Rorty, que pretende adotar uma filosofia terapêutica, com vistas à resolução de problemas, sejam de cunho político ou social, que se ocupem de grandes temas da vida prática, como a liberdade, a democracia, a ética, a fim de incentivar a conquista de direitos para a humanidade, de realizações, de transformações de desejos e interesse pessoais ou de pequenos grupos em direito público. A maneira mais sublime para alcançar este intento de acordo com Rorty é constituir uma filosofia edificadora, a linguagem do documentário pode, exemplarmente, realizar essa tarefa. Então Rorty sugere que as teorias tradicionais da verdade sejam rejeitadas, para que o progresso intelectual e moral aconteçam. Assim, ele robustece esta proposição ao dizer:

A verdade não pode estar dada, não pode existir independentemente da mente humana, porque as frases não podem existir dessa maneira, ou estar aí. O mundo existe, mas não as descrições do mundo. Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas. O mundo em si, sem o auxílio das atividades descritivas dos seres humanos, não pode sê-lo. (RORTY, 2007, p. 28).

O uso do documentário como ferramenta de ensino mais apropriada porque colabora para a prática dessa filosofia edificadora, que significa a conversação

contínua na proposta rortyana. Esta filosofia não se contenta apenas em discutir, investigar, problematizar as mais diversas questões humanas. Ela está preocupada sim, mas em buscar soluções para situações que afetam direta e indiretamente a sociedade, como as consequências do sistema de produção capitalista, os estigmas sociais originários das descrições ou vocabulários multiculturalistas, entre outros problemas que tornam a vida das pessoas cruel e humilhante. Deste modo, a filosofia prática busca a ação, inovação, renovação, ou seja, apresentar novas descrições e novos vocabulários culturais para a emergência de um novo mundo, melhor do que do que o atual. Para isto, é necessário assumir esta perspectiva rortyana de que o ser humano é linguagem, vocabulários encarnados como substancia Rorty (2007, p. 31): “As linguagens são feitas, e não descobertas, e que a verdade é uma propriedade de entidades linguísticas, de frases”.

Diante do exposto acima, acerca da relevância do uso do documentário para a contextualização de temas filosóficos nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, logicamente, torna-se necessário esclarecermos aqui as razões que conduziram a nossa escolha sobre os documentários contemplados para desenvolver as propostas de unidades didáticas desta pesquisa. Em harmonia com a concepção de Richard Rorty, nosso principal referencial teórico, abordamos documentários que privilegiam os gêneros de narrativas, entretanto, como adverte o próprio autor, não é qualquer narrativa. As narrativas que nos causam impacto, aquelas às quais nós reagimos são as mais pertinentes. Logo, o ensino de filosofia precisa nos sensibilizar para o exercício do filosofar, pensar, indagar e, não apenas, a transmissão exclusiva de conteúdos e conceitos, fomentando assim, um rigoroso processo de memorização.

3 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

3.1 Delimitação do tema e problema da pesquisa

Este estudo apresenta como enfoque o tema: o processo ensino-aprendizagem de Filosofia no Ensino Médio e delimita-se por perspectivas e desafios docentes para a construção de práticas educativas condizentes com as exigências e demandas sociais da contemporaneidade. Seu objeto de estudo é o uso do documentário como proposta de unidades didáticas para as aulas de filosofia no Ensino Médio. Desse modo, a problemática central desse trabalho de pesquisa concentra-se em reivindicar a necessidade e urgência de um ensino-aprendizagem contextualizado de filosofia, que compreende uma realidade vivenciada por docentes nas mais diversas instituições educacionais. Assim, o problema desta pesquisa aborda o seguinte questionamento: Como empregar metodologias de ensino que promovam uma aprendizagem contextualizada e significativa da disciplina de filosofia?

3.2 Justificação e metodologia da pesquisa

A estratégia de contextualização que se pretende produzir nas aulas de filosofia do Ensino Médio, parte do uso da narrativa do gênero documentário para abordar diferentes temas do ensino de filosofia requeridos nos documentos oficiais do Ministério da Educação, tais como, os Planos Curriculares Nacionais (PCNs). Portanto, o referido trabalho de pesquisa acadêmica assume, como intento, o que admite Fonseca (2002), de que a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado. Ela se processa através de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção no real. Nesse sentido, o presente estudo possui caráter dual, pois, de um lado empreenderá o procedimento de pesquisa bibliográfica e exploratória, que de acordo com Gil (2002), não se restringe apenas à exposição bibliográfica, mas também, a análise de exemplos que estimulem a compreensão. De outro lado, contempla o caráter prático, ou seja, uma intervenção prática, a partir de elaboração de propostas de unidades didáticas para o ensino de filosofia, como versa o documento sobre o trabalho de conclusão e

certificação PROF FILO, que espera que o trabalho inclua, por exemplo, implantação de unidades ou sequências didáticas.

O plano de desenvolvimento desta pesquisa comporta um capítulo que engloba ampla bibliografia de autores, em especial, das áreas de Filosofia e Ensino de Filosofia, que discutem o ensino de filosofia e suas implicações, ou seja, tudo que esta atividade suscita, por exemplo, o que é a Filosofia para que se possa ensiná-la? Indagação levantada por Gallo (2012), assim como, os meios ou recursos didáticos adequados à promoção de um ensino que prime pela transmissão de conhecimento filosófico contextualizado e significativo e, desta forma, possa propiciar a adoção de uma atitude filosófica tanto do docente, graduado para o ensino de filosofia, quanto do discente. Em contrapartida, é preciso mostrar que a concepção de ensino tradicional continua presente e arraigada no sistema educacional.

Assim sendo, o outro aspecto a ser enfatizado e, por conseguinte, discutido neste mesmo capítulo, refere-se à concepção de ensino de Filosofia, pois a pergunta ou as perguntas que geralmente inquietam, não apenas os professores de filosofia, mas, sobretudo, os estudiosos que se detêm a esse conhecimento são: O que é Filosofia? O que é relevante ensinar de Filosofia? Como ensinar Filosofia? É possível ensinar Filosofia? De que maneira se pode alcançar uma aprendizagem filosófica de fato contextualizada e significativa? Diante deste cenário, de vários questionamentos, que por sua vez, levam a diferentes reflexões temos, então, que reconhecer o ensino de filosofia como um problema filosófico. Posto isto, nessa pesquisa nos ocuparemos, essencialmente, em explorar e delinear as ideias de alguns autores que romperam com o paradigma de ensino tradicional de filosofia, mas principalmente, com a maneira de conceber a finalidade última deste conhecimento.

O autor referência nesta pesquisa, o filósofo pragmatista Richard Rorty, concebe a filosofia como um conhecimento prático, isto é, que pode colaborar com mudanças efetivas no contexto social, político, entre outros setores da sociedade. Sua filosofia não é contemplativa, não se detém a teorizar sobre o conhecimento, ao paradigma epistemológico. Ela é uma filosofia terapêutica e, com isto, busca o progresso intelectual e moral da humanidade, portanto, a redução da crueldade embutida nas mais diversas instituições sociais, como exemplo, a desigualdade social, a discriminação, e tantos outros temas.

Nesta perspectiva, de uma filosofia pragmatista na acepção rortyana, apoia-se o objeto de estudo deste trabalho, o uso de documentário nas aulas de filosofia no Ensino Médio. Este tipo de narrativa, capaz de envolver e sensibilizar as pessoas, é potencialmente eficiente para a transmissão de conhecimentos, para provocar a reflexão, a mudança de postura, ou seja, o olhar sobre a realidade. Como diz Rorty (2007, p. 21), “[...] é por isso que o romance, o cinema e o programa de televisão, de forma paulatina, mas sistemática, vêm substituindo o sermão e o tratado como principais veículos de mudança e progresso morais”.

Em vista disto, o uso do gênero documentário na sala de aula permite melhor esclarecer temas filosóficos, porque lida com as sensações dos discentes, ver, ouvir, sentir. É dessa maneira, como afirma Rorty (1999, 2007), que a narrativa deve possuir papel preponderante na educação, e que a teoria não influencia efetivamente no desenvolvimento de uma atitude crítica, capaz de contribuir para mudanças de pensamento e, por consequência, propiciar transformações sociais que visem a melhorar a vida das pessoas.

No que diz respeito à constituição bibliográfica deste trabalho é também bastante expressiva a contribuição de Gallo (2012), para o ensino de filosofia. Este autor fala da importância e necessidade para a atividade docente da seleção de recursos didáticos ou diversos materiais, o que ele chama de composição de um arsenal pelo professor e, quanto mais amplo e mais rico este arsenal, melhor para promover uma aula que seja de fato contextualizada e, que produza uma aprendizagem significativa. Conquanto, o livro didático não pode e nem deve ser o principal instrumento de comunicação no ensino aprendizagem. Assim sendo, como afirma Gallo (2012, p. 151), “[...] o arsenal, ‘o saco de utilidades’ é aquilo que o professor tem à mão para ‘compor’ a sua aula, a cada momento e segundo as circunstâncias”.

A proposta de uso do documentário nas aulas de filosofia no Ensino Médio, não significa empregar este recurso isoladamente, mas também compreende realizar a conexão entre o documentário e “o saco de utilidades”, como nomeia Gallo (2012), para a compreensão concreta e ativa do discente. Então, na perspectiva de um ensino filosófico satisfatório, assim como a assimilação de significados pelo aluno dos temas filosóficos abordados, consideramos e temos como prioritárias neste estudo as seguintes sugestões:

O professor precisa valer-se de textos dos próprios filósofos em traduções confiáveis, textos não filosóficos que permitam uma aproximação aos temas e problemas trabalhados, bem como outros materiais, como filmes, documentários, músicas, poesias, obras de arte, que permitam sensibilizar os estudantes para os problemas filosóficos a serem abordados. (GALLO, 2012, p. 147).

Importa ainda discorrer no texto referente à dimensão teórica deste trabalho acerca das definições de documentário, suas características, importância e finalidade, a partir da leitura de estudiosos sobre este gênero, pois, sendo este o objeto de estudo no qual aposto ser competente para transmissão contextualizada dos temas filosóficos é conveniente enfatizar a força e amplitude da linguagem presente nessa arte que possibilita, de maneira sutil e até espontânea, a reflexibilidade do estudante, característica da atitude filosófica, uma vez que esse tipo de narrativa é capaz de acionar a nossa sensibilidade muito mais do que qualquer teoria.

Uma das faces desta pesquisa é de caráter bibliográfico, entretanto, ela também pode ser considerada uma pesquisa exploratória, pois sua principal característica é proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo. Além disso, ela exige o levantamento bibliográfico, assim como, a análise de exemplos que estimulem a compreensão. Dessa forma, é pertinente considerar a posição de Gil (2002) sobre a pesquisa bibliográfica:

Qualquer tentativa de apresentar um modelo para o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica deverá ser entendida como arbitrária. Tanto é que os modelos apresentados pelos diversos autores diferem significativamente entre si. (GIL, 2002, p. 60).

Diante da necessidade de se produzir um novo pensar, um novo modo de fazer educação, isto é, de contribuir para a inovação no ensino, especialmente, no ensino de filosofia, apresento a outra face desta pesquisa acadêmica destinada a executar uma intervenção prática por meio da implantação de propostas de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio, como prevê o documento oficial de conclusão e certificação do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF FILO.

Nestas propostas de unidades didáticas para as aulas de filosofia nas três séries do Ensino Médio, indicamos o uso do documentário como principal ferramenta, como recurso mais adequado a promover um ensino aprendizagem

contextualizado dos temas vinculados à disciplina de Filosofia. Naturalmente, este gênero é bem mais provocativo para o estudante, porque gera o envolvimento emocional do aluno, ou seja, a sua sensibilização através da rica linguagem presente no documentário, que consegue fazer do discente mais que um espectador, mas uma das personagens. Desta maneira, sua capacidade reflexiva aumenta consideravelmente, por isso é que o gênero documentário é objeto essencial para o desenvolvimento da atitude filosófica, da renovação e criação de novas ideias, novos conhecimentos.

Nossa motivação para elaborar estas propostas de unidades didáticas com o uso do documentário para o ensino de filosofia pode ser traduzida nestas palavras e que coincidem com o ideal rortiano:

[...] A ciência progride porque o homem de ciência, insatisfeito, lança-se a procura de novas verdades. Assim empenhado, o pesquisador primeiro suscita e propõe questões num determinado território do saber, depois elabora um projeto ou um plano de trabalho destinado a dar resposta a seu problema [...]. (LARROYO *apud* SALOMON, 1994, p. 197).

Sobre a intervenção prática neste trabalho, o principal fundamento para a construção de propostas de unidades didáticas para as aulas de filosofia utilizando o gênero documentário, apoia-se na crença de que o ensino filosófico centrado no paradigma prático precisa ser considerado, para que haja efetiva contextualização no processo ensino aprendizagem, pois se tem verificado, por meio de relatos e de experiências nas instituições sociais de educação e em diversos estudos sobre o assunto, que o ensino de filosofia não cumpre sua função de forma satisfatória adotando Somente o paradigma teórico, ensino enciclopédico. Essa guinada em favor da narrativa e contra a teoria é o que se pretende com a elaboração de sequências didáticas priorizando o uso do documentário para as aulas de filosofia, acredito que seja este o ponto de partida para amenizar ou mesmo solucionar o problema aqui levantado: Como empregar metodologias de ensino que promovam uma aprendizagem contextualizada e significativa da disciplina de Filosofia?

Para a constituição e organização das propostas de unidades didáticas, nove documentários foram selecionados, com base em exaustiva análise de sua abordagem quanto aos temas filosóficos. Cada documentário apresenta três unidades didáticas, sendo que cada uma delas traz um tema de filosofia exibido neste gênero. Estas unidades didáticas estão dispostas em quadros com quatro

classificações: objetivos, conteúdos, atividades e recursos didáticos. O que se pretende com isto, é discutir e elencar por meio da narrativa as classificações acima descritas para alcançar a compreensão significativa do referido tema de cada unidade.

As atividades sugeridas foram solicitadas a partir dos temas propostos nos documentários apresentados. Como exemplo, a partir das de filosofia que tomem o uso de documentário como base, estão contempladas atividades como: aula debate, tribunal de julgamento, apresentações teatrais, produção textual (empreender a conexão entre o documentário e textos filosóficos, assim como textos não filosóficos). Produção de vídeo e de blog, confecção de maquetes, de painéis, murais e cartazes, gincana de perguntas por meio do confronto da turma dividida em dois grupos, construção de sala temática, palavra-chave e quebra-cabeça para serem resolvidos, organizar exposição e feira cultural, entre outras atividades a serem realizadas individualmente e em grupo.

Quanto aos recursos didáticos, foram utilizados nove documentários, sendo distribuídos três para cada série do ensino médio. Cada documentário abrange três temas de filosofia, ou seja, as propostas de unidades didáticas a serem desenvolvidas, versam sobre três temas para cada série, neste caso, são 27 temas, 9 temas para cada série, respectivamente, primeira, segunda e terceira séries. Nelas constam além dos documentários, textos filosóficos de autores da área de Filosofia, bem como, textos não filosóficos, tais como textos literários, textos jornalísticos, poemas, músicas, para serem articulados com a narrativa apresentada no documentário, isto é, os temas filosóficos discutidos.

Os objetivos e conteúdos elencados estão em consonância com os temas abordados no documentário, assim como, respeitam as exigências que constam nos documentos oficiais produzidos pelo Ministério da Educação, como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), PCNs e Orientações Curriculares Nacionais (OCNs). A aquisição de material para a efetivação de algumas atividades orientadas nas propostas de unidades didáticas também é fundamental para auxiliar na contextualização dos temas filosóficos pelo principal instrumento didático desta pesquisa que é o gênero documentário.

Em suma, esta proposta metodológica descreve um novo vocabulário a ser empregado pelos professores de filosofia do Ensino Médio para suas aulas, com a proeminente intenção de contextualizar o ensino desta disciplina, tornando-a mais

atrativa através desta preciosa linguagem que é o documentário. Portanto, esta proposta potencialmente diferenciada do modelo de ensino tradicional, busca, de acordo com a leitura da proposta filosófica de Rorty por Ghiraldelli Jr. (1999), tornar os jovens atentos para aquelas situações nas quais muitas pessoas dizem de algumas outras pessoas coisas do tipo: “[...] devem estar falando por metáforas, “ou estão falando por metáforas ou estão loucos” (GHIRALDELLI JR., 1999, p. 66).

Creio que isto poderia ser gradativamente dissolvido por meio da compreensão efetiva do estudante através do uso planejado do documentário pelo professor. Como por exemplo, a compreensão de temas como a origem do preconceito, da diferenciação, assentada na cultura, das desigualdades sociais, que também acentuam os preconceitos, reforçadas pela cultura do capitalismo. Estes professores poderiam colaborar não apenas para a contextualização do ensino, mas, sobretudo, para conscientização das pessoas sobre as várias formas de opressão geradas na sociedade. Assim, emergência de um novo mundo, melhor que este, como propunha Rorty, em que o sofrimento, a humilhação e a crueldade não sejam a regra.

4 ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E DOCUMENTÁRIOS: PROPOSTA DE UNIDADES DIDÁTICAS

4.1 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Tiros em Columbine*

O documentário, *Tiros em Columbine* (2002), produzido por Michael Moore, investiga as possíveis causas do massacre na *Columbine High School*, no estado do Colorado, EUA, em 20 de abril de 1999, onde dois adolescentes entraram na escola, mataram 13 pessoas e feriram 25. O autor do documentário pretende, sobretudo, examinar a cultura de violência presente neste país ao abordar também outros crimes violentos ocorridos com armas de fogo, onde a constituição garante a todos os cidadãos o direito ao porte de armas. Portanto, a pergunta central deste documentário é por que os Estados Unidos da América é o país onde mais morrem pessoas vitimadas por armas de fogo.

Os estadunidenses têm verdadeira fascinação por armas, cultuam como um objeto sagrado, elas representam seu escudo, sua proteção. Alguns deles, ao serem entrevistados, afirmam: “O mundo é você e sua espada”, ou seja, sua arma de fogo. Esse objeto faz parte da história dessas pessoas, além de instrumento de caça, representou independência e dominação de outras etnias. Compreendem, então, que é responsabilidade, obrigação do cidadão estadunidense possuí-la. Ela guarda sua casa, seus filhos. Eles não confiam nas autoridades de segurança de seu país, como polícia ou exército, mas no porte de armas, em tê-las à mão. Essa tradição armamentista dos estadunidenses faz parte de sua própria identidade cultural, é uma das verdades inabaláveis defendidas por essa comunidade. O número de americanos que possuem arma em casa equivale ao número daqueles que têm automóveis.

A partir das mais diversas razões expostas pelo cineasta, de que os EUA possui um elevado índice de homicídios por armas de fogo e, em particular, a tragédia na escola Columbine, o presente documentário nos permite realizar conexões com os temas propostos nos PCNs para o Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Portanto, incluem elementos da filosofia neopragmatista de Richard Rorty. Por exemplo, a compreensão do aluno como ser histórico, social, crítico e humano (BRASIL, 2006). Os estudantes devem ser sensibilizados a desenvolverem as

capacidades de analisar, discutir, interpretar, esclarecer, questionar para a promoção de um cidadão consciente de que não é necessário assimilar as verdades herdadas, mas posicionar-se como um indivíduo crítico, autônomo e, principalmente, ativo e criativo para propor reformas edificadoras a si mesmo e a sociedade.

Nessa perspectiva, o gênero documentário, diferentemente da teoria, é uma forma de narrativa, que de acordo com o pensamento rortiano, possibilita os jovens a melhor desenvolver as capacidades acima definidas. Ao narrar o documentário, o autor se comporta como um ironista liberal, que na concepção de Rorty, diz respeito àquela pessoa que está plenamente consciente da contingência de seu lugar na história, portanto, de seu vocabulário, ou seja, de que as descrições que temos do senso comum, filosofia, ciência, portanto, do mundo são criadas e, não descobertas. O ironista liberal, nas palavras de Rorty, também considera a crueldade a pior coisa que fazemos (RORTY, 2007). É exatamente esta a postura de Michael Moore, quando questiona bravamente aquilo que seu país representa.

O documentário revela uma cultura de medo disseminada na sociedade estadunidense, mas que se encontra em seu código genético, pois data das origens desta civilização e, não apenas da influência midiática, como apresentado por Moore através de um desenho animado dentro do documentário, que narra este fato, de uma maneira bastante cômica. A descrição que se tem dos Estados Unidos até os dias de hoje é de um país marcadamente etnocêntrico, a televisão estadunidense contribui muito para isto, ao fomentar o medo, o ódio, o preconceito escancarado em relação aos negros e outras etnias. A perseguição a figuras “destoantes” como o roqueiro Marilyn Manson, que teve sua carreira prejudicada ao ser acusado de incentivar crimes como o de Columbine, por causa de sua personalidade, sua arte e estilo excêntricos.

Retomando algumas ideias de Rorty (2007), mais precisamente as estratégias redescritivas, podemos constatar, que no processo de produção deste documentário, Michael Moore, quando sai para entrevistar as pessoas, na verdade, não é apenas uma entrevista, ele faz questionamentos, no sentido de sensibilizar essas pessoas que defendem o porte de armas de fogo, a se colocarem no lugar daqueles que sofrem a perda de seus entes queridos no trágico acontecimento que vitimou aquelas pessoas em *Columbine High School*. Assim, por meio da redescritão da dor, do sofrimento daquelas pessoas estranhas, narrada pelo

documentarista, possibilita reconhecer no outro semelhanças, familiaridade, o desenvolvimento da empatia e da solidariedade.

Assim sendo, a força da redescritção, que através da imaginação e do poder da linguagem, torna possível e importante a reflexão da sociedade estadunidense sobre as razões que levaram aqueles dois jovens a praticarem o massacre na escola. Em vista disto, a redescritção também é capaz de realizar uma reforma em nosso eu, alterar nossas certezas, crenças, desejos por meio da sensibilização e, isto é alcançado com mais eficiência empregando narrativas, como o documentário dramatizado, e não teorias metafísicas, positivistas ou a teologia com seus sermões. A empatia, solidariedade, a indiferença a qualquer forma de etnocentrismo só é possível a partir de laços contingentes que são construídos através da imaginação, como fez o cineasta, ao solicitar que eles que defendem o porte de arma de fogo, se colocassem no lugar daqueles que perderam seus familiares. Este exercício de sensibilização permite enxergar o outro, não como ele (a), mas como um de nós, uma mesma tribo, um mesmo grupo, uma mesma comunidade, uma comunidade humana.

Tendo presente neste documentário temas do ensino de filosofia para o Ensino Médio com o objetivo de relacioná-los a problemas, discussões, questionamentos da realidade social dos Estados Unidos, levantados por Moore ao longo de sua produção, a exemplo, o tema etnocentrismo, apresentado inicialmente neste trabalho. Os temas de ética e política são frequentes, pois o documentário denuncia a fragilidade das leis referentes ao porte de arma de fogo no país, a política externa do governo Bush, que gerou muitas intervenções militares em outros países e até financiamento de armas que podem ser causa indireta ao ataque às torres gêmeas. Moore atribui o comportamento armamentista dos estadunidenses a uma conspiração efetuada pelo governo federal, meios de comunicação de massa e grandes corporações, especialmente as do setor bélico, que lucram com as vendas de armas e de equipamentos de segurança. Nesta última observação do documentarista, é possível identificar outros temas de filosofia além de ética e política. Os conceitos marxistas, como a ideologia, a alienação, o consumo, empregados, principalmente, pelos meios de comunicação de massa.

O documentarista indaga entrevistados e provoca espectadores a refletirem sobre essa cultura do medo, medo exacerbado de tudo, que o povo estadunidense apresenta e, que não se restringe apenas a razões etnocêntricas, mas na maioria

das vezes é produzido pela mídia, principalmente, depois do ataque terrorista às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, deixou as pessoas cada vez mais inseguras e mais consumistas, na intenção de se prevenir de ataques terroristas, ameaças de todo tipo, até de eventos fictícios, extraterrestres, apocalipse. Diante deste contexto, que reforça o isolamento e consumismo dessas pessoas, podemos realizar conexões com temas já mencionados, como os conceitos do marxismo, mas também, com o conceito de indústria cultural desenvolvido pela Escola de Frankfurt.

É bastante perceptível, a presença constante dos temas ética e política no documentário, desta vez, quando Michael Moore, de maneira enfática, nos oportuniza conhecer as políticas sociais do governo do Canadá. Ele constata, ao entrevistar os canadenses, a eficiência dessas políticas sociais e, que eles não sentem o medo histórico, característico dos estadunidenses, não nutrem desconfiança, nem andam assustados, portanto, eles não precisam se cercar de segurança como seus vizinhos. O Canadá possui as mesmas leis para o porte de armas de fogo que os Estados Unidos da América, entretanto, é um país que apresenta baixos índices de violência. Eles costumam usar armas para caçar animais e não seus irmãos canadenses. Em contrapartida, a cultura de violência dos estadunidenses, como os homicídios e suicídios com armas de fogo, seja de forma acidental ou na maioria das vezes de forma intencional, tem crescido barbaramente.

Considerando ainda os temas pertinentes aos PCNs, a partir do documentário, também é possível relacioná-los a conceitos da filosofia de Michel Foucault, tais como, a sociedade disciplinar, poder disciplinar e, mais especificamente, o biopoder, definido como forma de dominação das massas humanas, controle da vida dos cidadãos. Isto pode ser constatado, quando Moore denuncia um tipo de complô entre o governo federal, os meios de comunicação de massa e grandes corporações, como a do setor bélico, com o intuito de tornar o povo estadunidense assustado e manipulável, suscetível a apoiar as decisões governamentais que supostamente deveriam proteger os Estados Unidos e seus habitantes de ameaças externas e também internas. Nesse mesmo contexto, estão presentes temas como capitalismo, dominação econômica e cultural, abordados na filosofia marxista, temos ainda, a razão instrumental, questionada principalmente por Horkheimer e Adorno (2002), representantes da Escola de Frankfurt, portanto, críticos vorazes do capitalismo.

Várias situações foram elencadas pelo documentarista para justificar as constantes mortes por armas de fogo nos EUA, inclusive o interesse por filmes e jogos violentos, produtos da indústria cultural de massa. Outros problemas tanto de cunho ético como relacionados a temas filosóficos presentes nos PCNs, como o *bullying* em instituições de ensino, gerados pelo preconceito em suas mais variadas formas, a desagregação familiar, os distúrbios mentais, que muitas vezes podem estar associados à cultura do medo presente nessa sociedade, assim como, a forte exigência dos pais estadunidenses, para que seus filhos sigam os valores adotados por essa comunidade, sua ideologia, ou seja, que tenham sucesso escolar, profissional, casem-se e tenham filhos, do contrário, por não seguirem este estereótipo, serão considerados fracassados. Michael Moore, entretanto, conclui sua produção sem oferecer uma resposta definitiva, mas seu principal objetivo foi alcançado: fazer as pessoas pensarem, estimular o espectador a tomar posição frente a toda problemática levantada.

Este trabalho se propôs a relacionar o documentário a temas contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Filosofia no Ensino Médio, ao mesmo tempo, demonstrar a importante contribuição do gênero documentário para apropriação de conceitos filosóficos, bem como, a relevância desse tipo de narrativa, para uma reforma no pensamento. Em conformidade com a proposta neopragmatista, recorrer a gêneros como este para sensibilizar tanto os cidadãos quanto as autoridades competentes acerca da restrição ao uso de armas e mudança na legislação significa buscar novas formas de pensar e agir para reformular a sociedade, expandindo ou criando novos direitos.

Nesse sentido, promover mudanças edificadoras, a partir do desenvolvimento de uma postura criativa, que produza novas ideias, novos conhecimentos de forma contínua, ao invés de nos mantermos conformados, passivos frente às descrições de mundo (conhecimentos) herdadas por nossos precursores. Isto implica em uma atitude pragmatista, ou seja, estabelecer uma filosofia da ação como proposta por Rorty, empregando estratégias redescritivas, aqui compreendidas como um talento para manifestar ideias de maneira diferente, por meio da narrativa, como o gênero documentário. Nesse mesmo contexto, as competências e habilidades definidas nos PCNs para o ensino de filosofia podem ser alcançadas de maneira mais eficiente, quando em substituição da teoria, é utilizada a narrativa no ensino aprendizagem de conteúdos desta disciplina (BRASIL, 2006).

Nas seções seguintes, faremos sugestões de temas e textos filosóficos que podem ser trabalhados em sala de aula tendo como elemento mediador alguns aspectos (cenas ou diálogos) do documentário *Tiros em Columbine*.

4.1.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Ética e Política no Documentário *Tiros em Columbine*

É constante a presença dos temas ética e política neste documentário, pois ele nos relata uma série de episódios violentos, isto é, os frequentes ataques com uso de armas de fogo em lugares públicos, especialmente escolas. Infelizmente, o que vemos é a permanente e absoluta indiferença dos estadunidenses em modificar sua postura ética diante da política de incentivo ao uso de armas de fogo estabelecida e consagrada neste país. O desejo de possuir armas da sociedade dos EUA não está relacionado apenas à sensação de segurança, que eles acreditam que proporciona, mas, sobretudo, a sensação de poder, que é umas das principais vaidades cultivadas por essa cultura. Nesse sentido, a postura ética dos estadunidenses entra em choque com a concepção ética desenvolvida por Aristóteles em seu texto, *Ética a Nicômaco*, pois a fragilidade das leis quanto ao porte de armas bem como a cultura de excessivo encantamento a elas confronta-se com a ética da prudência, da moderação, que nega os excessos ou a falta nas emoções ou ações humanas como afirma Aristóteles, reconhecendo esses extremos como defeitos, vícios, portanto, uma conduta ética que não contribui para o bem-estar pessoal e nem coletivo.

O documentário também suscita que o comportamento ético e político de governantes, corporações, mídia e grande maioria da sociedade civil dos EUA com respeito à problemática do uso de armas pode ser contextualizada na perspectiva apresentada por Maquiavel em sua obra, *O Príncipe* (MAQUIAVEL, 2009). Nesta obra, o autor demonstra que as ações políticas não precisam necessariamente possuir vínculos éticos, morais ou religiosos, o que está em jogo é manutenção do poder, dos interesses do Estado e da vontade geral de seu povo. Com efeito, a prática deve estar acima da ética, ou seja, o Estado investido de seu poder pode praticar qualquer tipo de violência aos seus cidadãos e a outros Estados, pois, o que importa é alcançar os objetivos que se almeja, mesmo que isso signifique fazer mal a cidadãos, uma vez que os fins justificam os meios como assegura o Príncipe.

Portanto, as ações políticas no interesse da coletividade não podem sofrer interferência das questões éticas no Estado. Desse modo, o Príncipe deve ser amoral no exercício do poder.

Assim compreendemos que, mesmo os crimes com arma de fogo aumentando incessantemente, famílias vitimadas pela perda de seus entes queridos, pessoas assustadas convivendo com a ideia de tornar-se a próxima vítima desses ataques violentos que acompanhamos quase que constantemente nos noticiários, não comovem as autoridades, nem a sociedade civil dos Estados Unidos, para apresentarem alternativas de mudança na legislação de armas de fogo como é denunciado em *Tiros em Columbine*. Com isto, como é constatado no Príncipe de Maquiavel, as autoridades americanas estão mais preocupadas em manter seu poder político e econômico, a lucratividade com seu arsenal bélico e, de outro lado, grande parte da população alimenta essa indústria bélica, com sua fixação em possuir armas cada vez mais sofisticadas, que lhe transmitem não somente a sensação de segurança, mas também uma ideia de poder, de força, herança cultural de seus ancestrais.

Com base no documentário, mais precisamente nas proposições apresentadas sobre a postura de autoridades e grande maioria da sociedade civil estadunidense em relação à defesa do porte de armas, consideramos pertinente relacionar esses comportamentos a ideias presentes na letra da música *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré (1968). Nela, o autor esclarece que não podemos esperar que a paz, a justiça reinem na sociedade sem buscar combater o mal social, que nós mesmos provocamos ou somos coniventes. Sejam nas ações políticas, éticas, econômicas, entre outras. Precisamos, segundo o autor saber fazer a hora, ou seja, buscar soluções para as adversidades que nos afligem. O que vimos em *Tiros em Columbine* foram depoimentos de tantas famílias arrasadas, destruídas, chorando a perda de seus entes queridos e questionando os porquês de não restringirem o uso de armas no país. Então, retomamos um pequeno trecho da música e indagamos: até quando, os amores na mente e as flores no chão, a certeza na frente, a história na mão? É muito simples responder a esta pergunta, basta que as pessoas, principalmente, as autoridades políticas e econômicas, queiram mudar essa história e que a sociedade civil reconheça que unida é a suprema força. Entretanto, muitas vezes lutam contra seus próprios interesses. Desta forma, podemos comparar a conduta da grande maioria da

sociedade estadunidense como a descrita neste trecho da música: Há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão, nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição, de morrer pela pátria e viver sem razão. Pretendemos com esta analogia, demonstrar que as pessoas são, tradicionalmente, ensinadas, treinadas a alimentar utópicas ideologias, como a do comportamento armamentista.

Essa articulação é evidenciada no Quadro 1, na sequência.

Quadro 1 – Ética e Política no Documentário *Tiros em Columbine*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: TIROS EM COLUMBINE			
TEMA: ÉTICA E POLÍTICA			
Objetivos	Conteúdo	Atividades	Recursos Didáticos
<p>Problematizar a relação entre ética e política a partir da análise da cultura de violência gerada pelo uso de armas de fogo e cultura do medo promovido pela mídia em articulação com empresas e poder público, presente na sociedade americana.</p> <p>Discutir a conduta dos americanos em cultuar armas, a fragilidade das leis dos EUA sobre o porte de armas.</p> <p>Examinar em que consiste a relação entre ética e política na visão clássica aristotélica, bem como, a proposta de distanciamento entre elas na concepção de Maquiavel e, qual delas mais se aproxima da sociedade americana.</p>	<p>Compreensão das relações entre ética e política para a vida boa na <i>pólis</i> na concepção aristotélica.</p> <p>A articulação entre ética e política em Aristóteles.</p> <p>A separação entre ética e política em Maquiavel.</p> <p>Aristóteles ou Maquiavel, qual destes pensadores está mais presente na sociedade americana em relação a sua postura ética e política frente à cultura de violência gerada na maioria das vezes pela fragilidade das leis ao porte de armas de fogo?</p>	<p>I- Introdução: A questão da veneração e culto às armas como objeto sagrado e principal sonho de consumo dos estadunidenses é suprema diante da necessidade ética e política dos EUA, de tornar mais rigorosas as leis referentes ao porte de arma fogo.</p> <p>II- Contextualização: Com base no documentário sobre a cultura de fascinação pela arma de fogo e a lei de porte de armas vigente no país, a turma dramatizaria um julgamento (tribunal, com todos os elementos), a favor e contra o porte de armas nos EUA.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Aristóteles e Maquiavel Produção de texto buscando relacionar aspectos éticos e políticos sobre porte de armas no documentário aos pensadores acima.</p>	<p>Documentário: <i>Tiros em Columbine</i>.</p> <p>Texto 1: <i>Ética a Nicômaco</i>, Aristóteles.</p> <p>Texto 2: <i>O Príncipe</i>, Maquiavel.</p> <p>Texto 3: <i>Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores</i>, Geraldo Vandré.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

Na próxima subseção, apresentamos uma nova articulação temática e textual presente do referido documentário, dessa vez sobre o conceito marxista de ideologia.

4.1.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Ideologia na perspectiva marxista no Documentário *Tiros em Columbine*

Este documentário constitui um retrato de diferentes ideologias, compreendidas na concepção marxista como ideias ou discursos com a intenção de mascarar a realidade. Temos a ideologia armamentista que é uma das principais características do acervo cultural da comunidade americana. Em seguida nos defrontamos com a ideologia da superioridade estadunidense em relação aos outros povos, outras culturas, outros modelos sociais alternativos diferentes dos efetivamente estabelecidos pela tradição dessa sociedade, por exemplo, a ideologia do conceito de sucesso, realização para os americanos que corresponde a constituição da família, o progresso profissional, o crescimento econômico, material, intelectual. Eles são também fortes aliados da propaganda ideológica, não apenas de consumo de produtos, mas de ideias, de comportamentos, sentimentos, que a mídia propaga. Considerando este contexto é coerente traçarmos algumas conexões com o texto: *A Ideologia Alemã*, de Karl Marx e Engels. Nesse texto, os autores (MARX; ENGELS, 1996), afirmam que a produção material humana que transforma a realidade é responsável pela produção do pensar. Assim, não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Desse modo, os ideais do Estado e da classe dominante de cada época é que representarão as ideias dominantes, ou seja, a única verdade possível.

Compreendemos, pois, que Michael Moore, autor de *Tiros em Columbine*, busca de diferentes maneiras ao longo do documentário, desestabilizar ideologias apregoadas pela classe dominante, como o temor descontrolado de um ataque terrorista, o uso e a ostentação de armas de fogo, o preconceito com diversos grupos de ativistas, entre outros. Um dos principais veículos de transmissão de ideologias são os meios de comunicação de massa. Contudo, há outros meios de se propagar ideologia, sem o uso da força ou repressão. Em Althusser (1980), *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, que tem como finalidade sujeitar os indivíduos a ideologia dominante que está presente na igreja, na escola, na família, no sistema político, jurídico, sindical, cultural e da informação, como imprensa, internet, televisão, etc. Todos estes Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) contribuem para reprodução das relações de produção, ou seja, para o fortalecimento das relações de exploração capitalista. Por exemplo, quando a mídia no documentário, influencia

a cultura do medo, incentiva o porte de armas, isso gera necessidade de consumo, logo reforça o sistema de exploração capitalista.

Constatamos em *Tiros em Columbine*, o esforço de Michel Moore em desmascarar uma enxurrada de ideologias disseminadas e bastante cultivadas pelos estadunidenses, que oprimem sua condição existencial, que aprisiona, torna essas pessoas reféns delas mesmas. A ideologia da insegurança generalizada, o medo de um ataque de qualquer ordem, produzida, de um modo geral, pela ideologia dominante e da propaganda, e por consequência, aquece a ideologia do consumo, resultando assim, em uma sociedade extremamente consumista e doentia. Identificamos na letra da música *Ideologia*, de Cazuza (1988), que há certa proximidade com o estado de submissão, conformismo, desesperança, descrito anteriormente sobre a condição de muitos estadunidenses, pois não buscam se libertar destas ideologias, que são sistematicamente apregoadas. Quando o cantor diz: Meu partido é um coração partido, e as ilusões estão todas perdidas, os meus sonhos foram todos vendidos, tão barato que eu nem acredito, e aquele garoto que ia mudar o mundo, agora frequenta as festas do *Grand Monde*. Estas palavras podem ser entendidas como sendo a maneira como se sente esta sociedade, desgastada, assustada, fragilizada e, que, portanto, já estabeleceu para suas vidas a ideologia dominante, sem oferecer resistência alguma, pelo contrário, afirmando sua adesão absoluta ao sistema de alienação ideológica.

Como podemos notar na proposta do Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Ideologia na perspectiva marxista no Documentário *Tiros em Columbine*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: TIROS EM COLUMBINE			
TEMA: IDEOLOGIA NA PERSPECTIVA MARXISTA			
Objetivos	Conteúdo	Atividades	Recursos Didáticos
<p>Situar a questão da ideologia a partir da narrativa apresentada no documentário sobre a função da propaganda ideológica e sua influência nas ideias e comportamento das pessoas, como por exemplo, a cultura do medo e do consumo exercida pela mídia.</p> <p>Contextualizar o conceito de ideologia marxista como veículo de alienação com base em trechos do documentário.</p> <p>Aprofundar a análise do tema a partir da narrativa do documentário e de textos de Marx/Engels e Althusser.</p>	<p>A propaganda ideológica</p> <p>A noção de ideologia como instrumento de alienação e dominação no pensamento marxista.</p> <p>Manifestações da ideologia dominante na ótica de Marx.</p> <p>Os Aparelhos Ideológicos do Estado segundo Althusser.</p>	<p>I- Introdução: A partir da discussão sobre o tema, identificar tipos de propaganda ideológica no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Desenvolver palavra cruzada contemplando manifestações da ideologia dominante (discriminação a tudo que é diferente) narradas no documentário. Divisão da turma em grupos. Cada grupo faria dramatização (teatro, novela, jornal, propaganda, reportagem), com enfoque nas formas de ideologia e alienação presentes no documentário.</p> <p>III- Estudo de texto e produção textual: Marx e Engels, Althusser. Produção de texto relacionando as ideias dos pensadores mencionados com passagens do documentário sobre o tema.</p>	<p>Documentário: <i>Tiros em Columbine</i>.</p> <p>Texto 1: <i>A ideologia alemã</i>, Marx e Engels.</p> <p>Texto 2: <i>Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado</i>, Althusser.</p> <p>Texto 3: <i>Ideologia</i>, Cazuza.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.1.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Etnocentrismo *versus* atitude filosófica no Documentário *Tiros em Columbine*

Ao analisar a cultura de violência e medo nos Estados Unidos da América, Michael Moore apresenta diferentes causas que justificam esse comportamento dos indivíduos, entre eles, o etnocentrismo. Historicamente, a sociedade estadunidense é marcada por suas implacáveis lutas e conquistas por território e poder, assim como, o domínio e manutenção de seus ideais e interesses. Logo, caracterizam-se pela postura desconfiada, preconceituosa e, conseqüentemente, assumem uma conduta de superioridade frente a outros povos, outras culturas, outros ideais. A partir disto, o produtor de *Tiros em Columbine*, convida os espectadores a desenvolverem uma atitude filosófica, isto é, de duvidar, argumentar as ações e comportamentos estabelecidos pelos membros desta sociedade.

O comportamento racista bastante presente no consciente e inconsciente coletivo da comunidade americana e cultivado de forma eloquente pelos meios de comunicação de massa, bem como, a rejeição a imigrantes, católicos, judeus e a outros modelos sociais ou personalidades que não contemplam o perfil considerado adequado a esta sociedade, por exemplo, a discriminação a figuras marcantes, enigmáticas, como o roqueiro Marilyn Manson e também a resistência a ativistas de diferentes segmentos, como é relatada no documentário. Essa atitude etnocêntrica que conduz a um medo exagerado e, em muitos casos, até o aparecimento de distúrbios mentais precisa ser avaliada criticamente pelos próprios americanos, ou seja, a atitude filosófica, a reflexão crítica dos mesmos se faz necessária para promover melhorias qualitativas nessa comunidade.

Uma atitude de preconceito racial ou etnocêntrica que ocorreu no Rio de Janeiro-Brasil e, relatada no texto jornalístico g1.globo.com/jornal-hoje/, em que uma criança negra de sete anos é discriminada em uma concessionária de carros de luxo, por causa da cor de sua pele, sua etnia. O gerente da loja a expulsa dizendo que aquele lugar não é para ela, na realidade ela encontra-se ali na companhia de seus pais adotivos que pretendem adquirir um carro. Esse tipo de situação ultrajante, infelizmente, é descrita no documentário em que as pessoas negras nos EUA, são alvo constante de desconfianças, a mídia em geral, quando propaga notícias de violência e não sabe quem é o criminoso, costuma atribuir a culpa ou sempre suspeitar de que o criminoso seja um negro.

Em um texto de Montaigne (2009), *Dos Canibais*, o autor relata uma sociedade de índios Tupinambás que apresenta como costume em sua cultura a prática do canibalismo, em uma guerra, o vencedor como prêmio devora o inimigo vencido. É a partir da análise dos costumes desse povo que o filósofo desenvolve a sua reflexão sobre barbárie e civilização, indagando quem seria mais coerente, se o povo Tupinambá ou o Europeu, que em nome de civilizar e tirar os outros povos da barbárie acaba por cometer atrocidades ainda mais bárbaras. Montaigne não pretende negar a brutalidade do ato canibalístico dos indígenas, entretanto, tece críticas aos europeus que condenam esses atos brutais, todavia, não consideram a sua própria barbárie, a exemplo, a intolerância religiosa, as injustiças sociais. Diante do exposto, podemos identificar no documentário que a cultura etnocêntrica enraizada na sociedade estadunidense e tudo que ela representa, a ideologia da superioridade, o conservadorismo, o preconceito, a discriminação, ou seja, uma

intolerância generalizada a tudo que é diferente de seu mundo, de suas verdades. Isto, naturalmente, seria concebido por Montaigne como suprema barbárie de um povo dito civilizado. Assim sendo, cabe então colocar a seguinte pergunta filosófica: haveria lógica em tratar como bárbaro somente o costume antropofágico do povo Tupinambá?

O documentário mostra que um dos principais fundamentos de se compreender os Estados Unidos como uma sociedade violenta e desconfiada são suas atitudes etnocêntricas, como a discriminação por preconceito de cor, a aversão de muitos estadunidenses a quaisquer formas de ativismo. O perfil ou o tipo ideal exaltado e constantemente buscado pelo estadunidense é de normal, equilibrado, valente, forte, vigoroso, bem sucedido, realizado profissionalmente, casado, que não siga nenhum modismo excêntrico, ou seja, defendem um estilo bem conservador. Esse é o padrão mais aceitável e, se acredita que é a fórmula da vida feliz e virtuosa, contudo, acentua a diferenciação entre os indivíduos, gerando preconceitos, como o *bullying*. É bom esclarecer que as primeiras suspeitas sobre os autores do massacre na Escola *Columbine* são de pessoas que não se enquadram em nenhum dos critérios acima. Mas, nos questionamos, porque não poderia ser um perfil de alguém forte, bem sucedido, casado?

Estes argumentos implicariam em nos acautelarmos e refletirmos acerca destas diferenciações ou demarcações de normal-anormal, forte-fraco, sucesso-fracasso, entre outros adjetivos. À vista destas considerações, trazemos a letra da música *O Pulso* (1989), de Arnaldo Antunes, que permite conexões com esta abordagem. Essa música nos faz pensar a questão do etnocentrismo que está presente em todas as sociedades como uma patologização da vida, que se constitui da dicotomização de opostos como os exemplificados e, o compositor problematiza essa questão, quando retrata na música diferentes patologias que cada indivíduo é portador, logo, demonstra a incoerência evidenciada na valorização dessas oposições, normal-anormal, superior-inferior, e demais adjetivações, pois isto serve tão somente para reforçar ainda mais a patologização da vida social, compreendida neste contexto, como o fortalecimento de posturas etnocêntricas, a nascente de todos os preconceitos, ou melhor, da discriminação.

Como podemos notar na proposta do Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Etnocentrismo *versus* atitude filosófica no Documentário *Tiros em Columbine*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: TIROS EM COLUMBINE			
TEMA: ETNOCENTRISMO X FILOSOFAR			
Objetivos	Conteúdo	Atividades	Recursos Didáticos
<p>Problematizar sobre o massacre na escola Columbine, a cultura de violência e cultura do medo presentes na sociedade estadunidense a partir da narrativa apresentada no documentário.</p> <p>Estimular a reflexão e o questionamento sobre a aversão dos estadunidenses a tudo que é diferente da sua cultura ou do paradigma socialmente estabelecidos.</p> <p>Evidenciar a necessidade de romper com a postura etnocêntrica do povo americano para desenvolver uma atitude filosófica.</p> <p>Compreender o significado do conceito etnocentrismo a partir das ideias de Montaigne em seu texto, <i>Dos canibais</i>.</p>	<p>Conceito de cultura e diferenças culturais.</p> <p>Conceito e características de Etnocentrismo.</p> <p>Etnocentrismo e senso comum.</p> <p>Etnocentrismo <i>versus</i> Atitude Filosófica.</p>	<p>I- Introdução: Problematizando o etnocentrismo como entrave a eliminação de rótulos, preconceitos, discriminações a partir do documentário.</p> <p>II- Contextualização: Divisão da turma em grupos para dramatização de diferentes exemplos de etnocentrismo abordados no documentário.</p> <p>Fabricar mural sobre os tipos de preconceitos mais recorrentes nos EUA.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Montaigne, g1.globo.com/jornal-hoje/.../crianca-e-vitima-de-preconceito-racial-em-concessionaria. A partir do pensador e texto mencionado acima, produzir texto jornalístico relatando um caso de etnocentrismo.</p>	<p>Documentário: <i>Tiros em Columbine</i></p> <p>Texto 1: Texto jornalístico g1.globo.com/jornal-hoje/.../crianca-e-vitima-de-preconceito-racial-em-concessionaria.</p> <p>Texto 2: <i>Dos Canibais</i>, Montaigne</p> <p>Texto 3: <i>O Pulso</i>, Arnaldo Antunes.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

Na próxima seção, faremos uma proposta sobre outro documentário que, conforme nossa análise, pode ser usado nas aulas com suporte para a discussão de outros temas filosóficos, além de também permitir conexões com outros textos filosóficos e não filosóficos.

4.2 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Religulous*

Religulous é um documentário do ano de 2008, dirigido pelo estadunidense Larry Charles e produzido e apresentado pelo comediante Bill Maher. O nome do documentário que representa a junção da palavra religião com a palavra ridículo e, portanto, justifica a intenção do mesmo, que é mostrar o lado ridículo das religiões. Nesse sentido, trata-se de uma sátira aos principais dogmas religiosos. Maher apresenta vários lugares de culto que visitou pelo mundo e suas entrevistas com crentes em Deus e na religião, bem como entrevistas com céticos, escolhidos criteriosamente, porque a intenção é demonstrar o lado ridículo, patético das religiões. O apresentador conduz suas entrevistas de modo bem provocatório, buscando identificar contradições nas falas dos fiéis e, portanto, semear a dúvida. É exatamente isto que acontece, muitos entrevistados se contradizem em perguntas simples e são incapazes de contornar suas ideologias.

Bill Maher destaca as contradições horrendas entre as profissões de fé dos diferentes credos e crenças e suas práticas, sempre carregadas de críticas, entretanto, acompanhadas na prática do que dizem criticar. Ele demonstra pela provocação o quão superficiais são os líderes das diversas religiões. O apresentador do documentário desenvolve críticas contundentes e reconhece a irracionalidade das opções religiosas e dogmática sem sua análise e comentários acerca de temas como a existência de Deus, a imaculada concepção, o inferno, os dez mandamentos, a figura de Jesus, a vida após a morte, o dinheiro e as religiões, a fé e o milagre, o fundamentalismo teórico, a declarada relação da violência com o islã, o fim do mundo, entre outros.

Em suma, *Religulous* é uma sátira que expressa claramente o preconceito e o fanatismo que envolve um crescente número de pessoas e dispensa qualquer prova. Por esta razão, Bill Maher questiona como é possível que a fé seja tão cega para tantas pessoas e que estas nem reflitam a possibilidade de estarem enganadas. Ele acrescenta que é muito perigoso acreditar somente em um Deus, pois, considera patético aquilo que as pessoas sem experiência real de Deus, chamam de Deus, e mais patético ainda o que em seu nome são capazes de fazer, acreditando que tem direito e dever de fazer, como matar, roubar, destruir, isto é, praticar o mal como forma de louvar, glorificar e honrar a Deus.

4.2.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Mito e Filosofia no Documentário *Religulous*

O documentário *Religulous* traz uma sucessão de entrevistas realizadas intencionalmente de forma provocatória pelo apresentador Bill Maher sobre as questões da fé. Ele não compreende porque as dezenas de entrevistas com personalidades ligadas à religião cristã, tais como, muçulmanos, mórmons, judeus, cientologistas, entre outras, não admitem que suas convicções religiosas sejam abaladas, postas em dúvida. Eles sequer argumentam a coerência de pensar como pensam, a possibilidade de pensar de outra maneira, de buscar alternativas ou caminhos para explicar a vida, a morte, a realidade, as ações humanas, etc., eles preferem seguir irrefletidamente seus dogmas religiosos. A partir desse contexto é possível destacar características do conhecimento mitológico de um lado, e do conhecimento filosófico, de outro. Por exemplo, a rigidez no modo de pensar dos seguidores de dogmas religiosos, a incapacidade ou mesmo o desinteresse de questionarem sobre as ideias em que acreditam, a possibilidade de elas não estarem corretas. Portanto, seus ideais religiosos se assemelham ao mito, porque, assim como o mito, explicam a realidade através de suas histórias sagradas, que não possuem nenhum fundamento consistente para serem aceitas como verdade.

A postura do apresentador do documentário enseja uma atitude filosófica, ou seja, pensar seus próprios pensamentos, indagar sobre eles, refletir; ele faz isso muito bem, quando suscita a dúvida em seus entrevistados. Bill Maher expressa absoluta insatisfação nas respostas dadas pelos crentes religiosos acerca de diferentes temas como a existência de Deus, o inferno, os dez mandamentos, a morte, o fim do mundo, a imaculada concepção entre outros. Neste último tema religioso, a concepção, o documentarista faz uma analogia com o mito de Horus, da civilização egípcia, em que a forma de concepção do deus Horus se assemelha bastante à de Jesus Cristo. Ele concebe como irracionais, acríticas e dogmáticas a visão sustentada pelos pregadores religiosos sobre tais temas. A criticidade, característica bastante peculiar do conhecimento filosófico, é constante no entrevistador Maher.

O documentário *Religulous* nos apresenta doutrinas das mais bizarras em várias e diferentes crenças religiosas mundiais. O interesse central deste documentário é desvelar, a partir das entrevistas carregadas de espírito cômico,

característico do apresentador Bill Maher, o lado mais ridículo da religião. Ele desenvolve ao longo deste trabalho uma análise argumentativa que não somente indaga os entrevistados, mas questiona, instiga, reflete e manifesta seu posicionamento acerca dos diferentes ideologismos religiosos, os quais considera patéticos como se encontra destacado na escolha do próprio título do documentário, portanto, trata-se de uma sátira às teorias religiosas.

Em *Religulous* pode-se constatar aspectos abordados no texto *Mito e Religião*, do filósofo Ernst Cassirer (apud FERNANDES, 2011), que em sua Filosofia concebe que todo conhecimento e toda relação do homem com o mundo se dá no âmbito das diversas formas simbólicas, tais como a linguagem, o mundo mítico-religioso, entre outras tantas construções simbólicas. O autor reconhece mito e religião como formas simbólicas distintas, mas identifica no mito o núcleo comum originário dos diversos conhecimentos, seja a Religião, a Filosofia ou até mesmo a Ciência, por ocupar-se de temas comuns a estas áreas, tais como vida, morte, etc. A construção de símbolos que não ocorre passivamente, mas de forma espontânea e mediata como afirma Cassirer, pode ser vista no início do documentário, a partir das indagações metafísicas levantadas por uma das personagens em sua busca pela felicidade, indaga sobre o significado de sua vida e outras perguntas como quem sou eu? Como eu passei a existir? Sobre o tema da morte. Através desses questionamentos é que ocorre a produção de símbolos, isto é, a construção de conhecimento ou a transição de um conhecimento a outro. Portanto, a narrativa da Filosofia sobre a criação do mundo e outros temas foi influenciada pelo mito e pela religião como assegura Cassirer.

Para ele, as diferentes formas simbólicas ou conhecimentos estão justapostos, ou seja, são irreduzíveis uns aos outros e possuem o mesmo grau de objetividade, o contrário da ideia do conhecimento evolutivo defendida por Comte. Em suas observações no documentário *Religulous*, o apresentador Bill Maher chama a atenção para a postura de pessoas tão racionais a respeito da realidade e, por outro lado, alimentam crenças infantis como acreditarem nas celebrações religiosas estar bebendo o sangue de um Deus de 2000 anos atrás. A partir disto, reconhecemos que na Filosofia de Cassirer o equilíbrio encontra-se na oposição de forças ou de formas simbólicas que estão em permanente conflito.

O texto *A Caminho de Deus*, do filósofo medieval Santo Agostinho (apud MARCONDES, 2000), em seu esforço para imaginar Deus ocupa-se principalmente

em responder à seguinte questão: de onde provém o mal? Se Deus criou tudo e é sumo bem. O pensamento deste filósofo não é somente teológico, mas também filosófico, pois reflete sobre temas centrais da Filosofia, como a natureza do bem e do mal, que se encontram presentes no mito e na religião, todavia, apresentando narrativas divergentes. Em *Religulous* o tema do bem e do mal é abordado por diferentes doutrinas religiosas e credos, assim como, por céticos, como o próprio apresentador do documentário, Bill Maher. Acerca do tema sobre o bem, há divergências nas descrições apresentadas pelos religiosos, entretanto, sobre o problema do mal, muitas religiões o atribuem a um ser (satanás, demônio, etc.) que exerce influência na vida e nas ações das pessoas, diferentemente da resposta encontrada por Santo Agostinho, de que o mal é a ausência do bem e não um ser, mas a perversão da vontade desviada, o mal surge da perversão humana.

Bill Maher, que desempenha o papel não apenas de apresentador, mas também de filósofo que convida o espectador de *Religulous* a fazer uma retrospectiva sobre a história da humanidade e refletir sobre todo o mal praticado em nome da religião e, então conclui que quando Deus é feito religião, qualquer religião, transforma-se em um conceito pessoal de Deus criado pelo próprio homem e, isto conseqüentemente, vai dividir os humanos, gerar a discriminação, a intolerância religiosa, portanto, ao invés de Deus representar o sumo bem, definido pelo filósofo Santo Agostinho, seria o seu oposto, o mal.

A partir do texto sobre a má influência das religiões populares na moralidade, escrito por um dos principais representantes do pensamento Moderno, o britânico David Hume, é possível não somente inferir, mas, sobretudo, relacionar diferentes aspectos deste trabalho ao documentário *Religulous*. Hume (2005) defende que o fenômeno das religiões é oriundo do contexto histórico, cultural e social, que influencia e é influenciado pelas disposições morais e filosóficas do ser humano. Nesse contexto, o filósofo compreende que, se de um lado a religião pode servir para exercer coesão social, para harmonizar, disciplinar, de outro, se manifesta contraditória e instiga práticas das mais vis. Portanto, uma de suas maiores preocupações é chamar atenção para os efeitos das diferentes espécies de religiões sobre a tolerância e a moralidade. Em vista disso, Hume busca de forma crítica, encontrar o fundamento racional da religião, ao afirmar que se Deus fosse bom não haveria um mínimo de mal.

Diante do exposto acima, percebe-se que o texto de David Hume dialoga perfeitamente com *Religulous*, em diferentes trechos deste documentário, por exemplo, na fala do apresentador que prescreve importantes orientações ao empregar a seguinte frase: “cresça ou morra”. Ele pretende nos mostrar o perigo de crer somente em um Deus, pois isto impediria o processo do filosofar, do pensar autônomo, do desenvolvimento do senso crítico e, conseqüentemente, do progresso da humanidade em sua capacidade intelectual e moral.

Uma das principais críticas levantadas por Hume acerca da religião é que a superstição e o fanatismo encontram nela sua maior aliada e esta ainda apresenta o inconveniente de interferir na vida humana, ditando condutas e até mesmo atentando contra a vida de indivíduos. O pensamento de Hume (2005) identifica-se, principalmente, com a postura dos cétricos presente em *Religulous*, que temem que nações sejam comandadas por líderes religiosos, pois concebem como profundamente negativo, senão drástico, os efeitos de suas doutrinas ou crenças interferindo na vida e conduta humanas. Isto representaria a perda de direitos conquistados a duras penas, como a liberdade de pensamento, de expressão, entre outros direitos garantidos por meio de grandes lutas históricas, como a Revolução Francesa.

Como podemos notar na proposta do Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Mito *versus* Filosofia no Documentário *Religulous: Que o Céu nos Ajude*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: RELIGULOUS - QUE O CÉU NOS AJUDE			
TEMA: MITO VERSUS FILOSOFIA			
Objetivos	Conteúdos	Atividades	Recursos Didáticos
<p>Demonstrar a relação de oposição entre a narrativa mitológica e a filosófica, a partir de entrevistas de representantes de diferentes doutrinas religiosas e céticos apresentadas no documentário <i>Religulous</i>.</p> <p>Indagar sobre a construção da razão presente nos mitos e a constituição da razão filosófica.</p> <p>Discutir, com base na fala dos entrevistados e entrevistador de <i>Religulous</i>, se toda a problemática do cotidiano humano é melhor justificada pelo conhecimento mitológico ou filosófico.</p> <p>Esclarecer o conceito e características de Mito e Filosofia a partir dos textos de Ernst Cassirer, Santo Agostinho e David Hume.</p>	<p>Apresentação de conceitos e características do conhecimento mitológico e filosófico com ênfase na oposição entre eles.</p> <p>O surgimento do mito como primeira descrição da realidade e o nascimento da Filosofia que propõe um novo modo de compreender e transformar a realidade.</p> <p>Concepção de Cassirer de que todo conhecimento, compreendidos como formas simbólicas, possuem no mito seu núcleo originário comum, porque partem dos mesmos problemas da vida humana. Entre estes, se destaca o problema da morte, do mal, da vida e, que são explicados de diferentes maneiras no documentário.</p> <p>Exposição acerca das reflexões de Santo Agostinho sobre quem é Deus e de onde provém o mal se identificam com questões levantadas no documentário.</p> <p>A postura cética de Hume e sua crítica à religião ao considerá-la uma má Influência para moralidade, para as culturas, também é constatada em Bill Maher (autor e entrevistador) de <i>Religulous</i>, que assim como Hume, define a religião fanatismo e superstição.</p> <p>O mito hoje (outras concepções de mito)</p> <p>Funções do Mito X Tarefa da Filosofia.</p>	<p>I- Introdução: Discussão sobre a influência do mito e do conhecimento filosófico na construção e desenvolvimento das sociedades considerando ideias apresentadas no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Identificar e apresentar, a partir da abordagem de líderes religiosos entrevistados em <i>Religulous</i>, características do mito presente em seus relatos. Assim como, justificar porque a postura do apresentador é filosófica, portanto, não é construto do pensamento mítico.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Ernest Cassirer, Santo Agostinho e David Hume. Produção de texto relacionando trechos do documentário aos textos acima, com ênfase nas características referentes a Mito e Filosofia</p>	<p>Documentário: <i>Religulous: Que o Céu nos Ajude</i></p> <p>Texto 1: <i>Mito e Religião</i>, Ernst Cassirer.</p> <p>Texto 2: <i>A Caminho de Deus</i>, Santo Agostinho.</p> <p>Texto 3: <i>A Má Influência das Religiões Populares Sobre a Moralidade</i>, David Hume.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.2.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Fé e Razão no Documentário *Religulous*

Toda a trajetória do documentário é marcada pelos depoimentos fundados nas razões de fé presentes no *Livro das Revelações* (Escrituras Sagradas, Bíblia) e, ao mesmo tempo, questionadas ou refutadas por céticos, como o próprio produtor de *Religulous*, Bill Maher. Portanto, este trabalho configura-se em uma moeda de duas faces, mas que não dialogam, pelo menos, na forma de abordagem do protagonista. De um lado da moeda se contempla as doutrinas religiosas, os dogmas, a fé na revelação divina, em que acreditam os religiosos e a julgam inquestionável, sagrada. Do outro lado da moeda, o que se verifica é a promoção da doutrina da dúvida, da incerteza, as constantes indagações e os questionamentos.

Logo no início do documentário é apresentado um lugar chamado Megiddo (Israel), onde os cristãos acreditam que o mundo vai acabar e Jesus Cristo irá descer para salvar as pessoas, segundo o *Livro das Revelações*. Essas razões de fé também conhecidas como profecias são veementemente questionadas por Maher. Ele afirma que nos dias atuais não somente Deus, mas o próprio homem pode destruir este planeta, com armas nucleares, por exemplo, ao não fazer uso racional do intelecto. O autor levanta diferentes questionamentos em todas as passagens do documentário: ele indaga, como pessoas consideradas tão racionais, acreditam ou se apegam a qualquer história ou doutrina pós- morte.

Bill Maher diz não ser capaz de assimilar essas verdades de fé apregoadas pelos credos e religiões, sua doutrina é da incerteza da busca por conhecimento, da descoberta, ou pelo menos, da tentativa de descobrir, ao desenvolver a tarefa filosófica de investigar, pesquisar, discutir. Portanto, em seu discurso sobre o conhecimento defende o uso da racionalidade, que deve ser o caminho a ser trilhado para promover o progresso da humanidade e, este pode ser prejudicado pelas razões de fé, isto é, pela religião. Assim, como a postura cartesiana defende o método da dúvida como meio para alcançar o conhecimento seguro, do mesmo jeito Bill reconhece essa necessidade de suscitar o germe da dúvida para construir um pensamento racional, lógico, que possa ser comprovado.

Na Suma Teológica de São Tomás de Aquino (*apud* MARCONDES, 2000), ele apresenta as cinco vias que provam a existência de Deus. Em sua concepção, São Tomás não somente propõe, mas demonstra que é possível conciliar fé e razão

no processo de busca pelo conhecimento, isto é, para alcançar a certeza sobre algo. Então, ele chega à certeza de que Deus existe empregando a fé, a partir da revelação divina, mas também, prova sua existência por meio do intelecto, ou seja, da razão, de modo que se pode constatar na descrição das cinco vias a justificativa lógica e racional da análise apresentada pelo autor. O documentário não produz esse discurso de conciliação entre fé e razão, pelo contrário, mantém esses conhecimentos em lados opostos.

Em *Religulous*, Bill Maher satiriza o fundamento apresentado em Gênesis, na Bíblia, sobre a origem do mal no mundo, em que a desobediência de Eva ao seguir o conselho de uma cobra falante introduz a perpetuação do pecado, do mal na humanidade. Essas temáticas religiosas que não podem ser comprovadas, são de fato bastante criticadas no documentário porque induz as pessoas a acreditarem em algo invisível, a religião desempenha esse papel de vender produtos invisíveis. Remontando ao texto *Os homens e os animais*, do filósofo francês René Descartes (*apud* MARCONDES, 2000), identifica-se a principal e mais sublime diferença entre o homem e o animal, que é a linguagem, a palavra e através dela se possa expressar seus pensamento e se fazer entender, desse ato só o homem é capaz, por ser racional, nesse sentido, Descartes afirma que a criança mais estúpida ou de cérebro perturbado se faz entender, ao contrário de outro animal porque possui uma natureza absolutamente diferente da nossa.

Em um trecho do documentário Maher entrevista um pastor evangélico Jeremiah Commings, que se veste de forma bastante luxuosa, valoriza a ostentação e fala que Jesus Cristo não era pobre e, também, andava bem vestido e, assim, ele exalta a prosperidade material, portanto, o pastor defende que para alcançar essa prosperidade as pessoas precisam em primeiro lugar buscar Deus. O entrevistador, imediatamente, contesta estas declarações, primeiro, porque o novo testamento não cita que Jesus era rico, pelo contrário, ele nasceu em família pobre, vivia de modo simples e defendia os pobres. A segunda contestação é de que há muitas pessoas que possuem tudo que desejam, são bem-sucedidas materialmente e não frequentam religião alguma, nem creem em um Deus.

A partir disto é possível perceber conexões com o texto, *curar o intelecto*, do filósofo racionalista moderno, contemporâneo de Descartes, Baruch de Espinosa (2014), que fala sobre a importância do uso racional do intelecto e delinea o comportamento racional a ser adotado, tendo como alvo desviar-se das paixões que

não preservam a vida e a saúde. Nesse sentido, a busca pelo prazer, dinheiro ou qualquer outra coisa em excesso e, que venha a ser prejudicial à saúde e a vida das pessoas não é útil, pois não proporciona bem-estar e, como consequência, será necessária a reflexão, ou seja, examinar os pensamentos e ações com a finalidade de corrigi-los. Em vista disto, se a religião atenta contra o uso reto do intelecto, como concebe Espinosa, ela não é benéfica, não é um conhecimento útil (ESPINOSA, 2014).

Como podemos notar na proposta do Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Razão e Fé no Documentário *Religulous: Que o Céu nos Ajude*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: RELIGULOUS – QUE O CÉU NOS AJUDE			
TEMA: FÉ E RAZÃO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Conduzir o discente a desenvolver um pensamento crítico por meio da postura adotada pelo entrevistador do documentário em apresentar o ridículo das religiões, onde líderes e seguidores religiosos desrespeitam as próprias leis que defendem.</p> <p>Discutir as verdades de fé ou dogmas religiosos presentes em <i>Religulous</i> e a possibilidade de duvidar dos mesmos.</p> <p>Examinar duas maneiras distintas de apreensão da realidade: A concepção de São Tomás de Aquino que concilia fé e razão, a concepção racionalista de Descartes, a concepção dos empiristas à luz de trechos do documentário.</p> <p>Compreender como se desenvolve o conhecimento a partir dos textos de São Tomás de Aquino, Descartes e Espinosa.</p>	<p>O Pensamento Medieval</p> <p>Razão e Fé em Santo Agostinho</p> <p>Razão e Fé em São Tomás de Aquino</p> <p>O Pensamento Moderno</p> <p>Racionalismo:</p> <p>Descartes e Espinosa</p> <p>Empirismo: Francis Bacon, John Locke, David Hume</p>	<p>Introdução: Realizar debate entre aqueles que defendem o conhecimento fundado na fé e os que priorizam o conhecimento fundado somente na razão. Debate este, sendo conduzido pelas reflexões, indagações de Bill Maher (apresentador do documentário) e afirmações de líderes e seguidores religiosos.</p> <p>II- Contextualização: Formar grupos de alunos que confeccionarão painéis onde irão refutar ou afirmar, fundamentados na fé ou na razão, as seguintes proposições expostas no documentário:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A fé é a virtude do não pensar. 2. É muito perigoso acreditar somente em um Deus. 3. São patéticas, as contradições que se manifestam nas condutas de seguidores e até representantes de diferentes ideologias religiosas. 4. Como se explica a prática do mal em nome de Deus. 5. O “Deus/pessoal” quando é feito religião, qualquer religião se torna o diabo. 6. A ciência já abalou os pilares das doutrinas religiosas, mas a crença continua a ser mais forte. <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: São Tomás de Aquino, Descartes e Espinosa. Produção de texto relacionando os textos dos autores acima aos temas de fé e razão presentes no documentário.</p>	<p>Documentário: <i>Religulous: Que o Céu nos Ajude</i></p> <p>Texto 1: <i>As Cinco Vias (Suma Teológica)</i>, São Tomás de Aquino.</p> <p>Texto 2: <i>Os Homens, os animais, Descartes</i>.</p> <p>Texto 3: <i>Curar o Intelecto</i>, Baruch de Espinosa</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.2.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Moral e Religião no Documentário Religulous

No documentário, o apresentador ao entrevistar pessoas da Terra Santa, levanta questionamentos de cunho religioso e ao mesmo tempo moral. Ao indagar a personagem que desempenha o papel de Jesus em Jerusalém, ele faz a seguinte pergunta: “se Deus é superpoderoso e pode fazer qualquer coisa, porque não destrói o diabo e acaba com o mal na terra?”. Então, a personagem responde que ele fará isso, mas no final dos tempos. Outra personagem, afirma que eles não estão na Terra Santa apenas para encenar a história de Jesus Cristo, desde o nascimento até a sua morte, mas também estão ali para promover a guerra espiritual que é apresentar o trabalho de Deus. Diante desse contexto, pode-se interpretar que o ridículo das religiões é que elas adotam morais que atentam contra princípios sagrados da própria religião, que seria promover a paz e o amor.

Em suas considerações, Bill Maher convida-nos a refletir sobre a moralidade religiosa presente nas diferentes religiões e, que por sua vez, não se manifesta na prática de vários fiéis ou seguidores, que atropelam essa moral por descumprir os deveres religiosos e atender aos próprios interesses pessoais ou até mesmo desprezar outras crenças, religiões, posturas de pensamento em razão de preconceitos, fanatismos, que não podem ser admitidos em pleno Século XXI, em que a liberdade de pensamento e expressão é um direito de todo cidadão. As considerações levantadas por Maher podem perfeitamente se relacionarem à ideia principal do texto *Moralidade e Felicidade*, de autoria do filósofo Iluminista Immanuel Kant (2011).

Neste texto, Kant apresenta a concepção de felicidade e de moral, que de acordo com o autor, na lei moral não é possível uma conexão necessária entre a moralidade e a felicidade, pois esta última tem a ver com a vontade, enquanto a primeira está relacionada à racionalidade humana. Para ele, a lei moral está voltada para a ética dos deveres, que nem sempre coincide com a vontade individual. Kant conclui que o soberano bem, que significa conciliar de modo intencional razão e vontade, compreendidas respectivamente como moralidade e felicidade não é possível neste mundo, isto é, na dimensão humana. Contudo, o único ser que teria essa condição é o soberano bem, autor da natureza, isto é, Deus.

Há algumas passagens em *Religulous* que o apresentador compara a fama e ostentação de astros do rock com figuras religiosas que desempenham atividade artística, como cantar e, também são idolatradas. Ele observa que esta atividade se transformou em um comércio próspero. O documentarista chama-nos atenção sobre a presença e o aumento de pessoas religiosas em diferentes atividades e instituições, e que em alguns casos, estas pessoas são denunciadas por corrupção em diferentes aspectos, entre eles a violência e a ostentação. No texto *Moralidade e Religião*, do sociólogo Carlos Alberto Rabaça, são levantados alguns questionamentos sobre a relação entre moralidade e religião. A principal questão levantada é: moralidade depende de religião? Rabaça apresenta como resposta a esta pergunta um artigo de cientistas das universidades de Helsinque e Havard, que concluem que nem a cooperação, nem a moralidade dependem da religião para existir, mesmo sendo influenciadas por ela (RABAÇA, 2015).

Este texto, portanto, conversa muito bem com os temas e as inquietações abordadas pelo próprio documentarista de *Religulous*. Este chega à mesma conclusão desenvolvida por Rabaça, de que para ser moral não é necessário seguir um credo ou religião, pois o que se tem constatado na diversidade humana é que existem ateus, céticos bastante filantropos como há religiosos imorais que não respeitam os princípios éticos. Diante deste cenário, Rabaça, acrescenta que a nação brasileira necessita de uma postura ética adequada na vida política, social, entre outros setores, em razão dos escândalos de corrupção envolvendo políticos, empresários e até personalidades religiosas, que tem vitimado a sociedade brasileira. Portanto, o sociólogo afirma que o Brasil não precisa de uma ideologia unitária ou de uma representação religiosa, mas a internalização de princípios éticos fundamentais que torne o ser humano mais respeitoso, amável, tolerante e altruísta em vez de hostil e egoísta.

No texto *Carta de Deus*, escrito pelo cientista Albert Einstein, são abordados argumentos que coincidem com os temas exibidos no documentário *Religulous*. Primeiro, Einstein considera que a palavra Deus representa uma criação da fraqueza humana, assim como Maher defende no documentário, que os seres humanos diante de questões que os assombram como o tema da morte, por não saberem o que acontece depois dela, inventam qualquer história e apegam-se a ela. Segundo, tanto o físico quanto Bill Maher têm a mesma concepção sobre as Escrituras Sagradas. Einstein diz que a bíblia não passa de uma coleção de lendas honoráveis,

mas, antigas, ultrapassadas e infantis. Na carta, ele questiona essa ideia de povo escolhido, pois, para ele a religião judaica não passa de superstições infantis, assim como todas as outras religiões. Esta proposição pode ser constatada em um trecho de *Religulous* que apresentador desenvolve uma sátira em que São Pedro diz a um religioso que ele estava na religião errada, portanto, não é permitida sua entrada no paraíso.

O Deus de Albert Einstein deve ser compreendido a partir de um contexto científico, isto é, a própria estrutura do universo seria sua representação de Deus. Ele acreditava no Deus de Espinosa, que se revela na harmonia de tudo que existe. O documentarista admite que sua principal intenção neste trabalho é mostrar o ridículo das religiões, por exemplo, o Deus conceitual ou a representação dele em cada religião, assim como, questionar as diversas religiões e credos que profetizam os dez mandamento e fecham os olhos à outras tantas violações graves praticadas por fiéis e, portanto, demonstrar seu desprezo pelas doutrinas e dogmas religiosos. Com isto, ambos compreendem que as religiões quando projetam uma divindade pessoal, acabam por gerar a separação, a discriminação e a intolerância em virtude, na maioria das vezes, pelas divergências em suas “fórmulas de salvação”.

Como podemos observar na proposta do Quadro 6, a seguir.

Quadro 6 – Moral e Religião no Documentário *Religulous: Que o Céu nos Ajude*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: RELIGULOUS – QUE O CÉU NOS AJUDE			
TEMA: MORAL E RELIGIÃO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Demonstrar, a partir do documentário que moral e religião estão estreitamente relacionadas, diferenciando-se apenas pelo fato de que na moral os deveres são praticados como princípios fundamentais de todo ser racional, enquanto que na religião esses deveres são vistos como mandamentos divinos.</p> <p>Apresentar o ridículo das religiões no documentário, que consiste exatamente na desobediência à moral ou ideologia religiosa apregoada por representantes e seguidores de diferentes credos e doutrinas religiosas.</p> <p>Aprofundar a análise dos temas moral e religião com base em textos de Kant, Carlos Alberto Rabaça e Albert Einstein.</p>	<p>Conceito e características da Moral</p> <p>Conceito e Características da Religião</p> <p>Função Social da Religião</p> <p>Principais Religiões</p> <p>Diferenças e semelhanças entre a moral como condição para a vida em sociedade e as ideologias morais religiosas</p>	<p>I- Introdução: Problematizar a relação da moralidade com a religião considerando trechos do documentário que apresentam a aversão manifestada por fiéis religiosos àqueles que não creem, vistos como indivíduos sem moralidade.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos discentes que identifiquem, descrevam e em seguida argumentem as conexões entre Bill Maher (autor do documentário) e Albert Einstein sobre a concepção Deus e Religião.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Kant, Carlos A. Rabaça, Albert Einstein Produção de texto destacando a relação entre aspectos morais e religiosos presentes em ambos, textos e documentário.</p>	<p>Documentário: <i>Religulous- Que o Céu nos Ajude.</i></p> <p>Texto 1: <i>Moralidade e Felicidade</i>, Kant.</p> <p>Texto 2: <i>Moralidade e Religião</i>, Carlos A. Rabaça.</p> <p>Texto 3: <i>“Carta de Deus”</i>, Albert Einstein.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.3 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Da Servidão Moderna*

Da Servidão Moderna é um documentário lançado em 2009, de autoria do francês Jean François Brient (2009). A abordagem central desta produção é demonstrar a condição de escravo do trabalhador moderno, gerada nas sociedades de produção capitalista. Além disto, questionar a postura subserviente e alienante destes trabalhadores, que representam apenas engrenagens ou mesmo máquinas

desse perverso sistema totalitário de mercado. A única intenção deste documentário é atacar frontalmente a organização dominante do mundo, isto é, o imperialismo do sistema capitalista e suas consequências.

A servidão moderna é uma escravidão voluntária, buscada e consentida pelos próprios indivíduos. Eles cada vez mais consomem as mercadorias que os escravizam, buscam trabalhos que os alienam, escolhem para quem irão produzir, a quem vão se submeter. Esse comportamento bizarro dos escravos modernos, que, de maneira sutil, têm suas consciências e autonomias subtraídas pela própria ordem mundial mercante, transformam-se em robôs programados para seguir ordens, instruções, do contrário sentem-se desorientados. A grande diferença entre estes escravos da modernidade e os escravos do período antigo e medieval é que os escravos modernos não têm consciência de sua exploração, portanto, não buscam emancipar-se. Pelo contrário, reforçam o comportamento obediente, domado, alienado, em uma corrida frenética e incessante para conseguir dinheiro, capital, a divindade dos tempos modernos.

O autor do documentário denuncia um sistema de dominação capitalista que transformou o mundo em um lugar sujo e barulhento, uma das causas foi a tomada do meio ambiente pelo urbanismo, o crescimento das indústrias, a produção em escala gigantesca de lixo, resíduos, poluição, etc. Nessa lógica do capitalismo, o mundo é racionalizado ao extremo, entretanto, com o fim somente de produção para gerar lucratividade econômica, mesmo que isto custe a saúde do nosso ecossistema e ameace as diferentes formas de vida que habitam este planeta. Diante disto, o documentarista defende que o poder, todo poder precisa ser destruído e não conquistado, para que seja possível o surgimento de uma sociedade capaz de se autorregular e encontrar o equilíbrio.

O papel exercido pela indústria midiática para alienar os trabalhadores, destituí-los de suas consciências é extremamente poderoso, pois a mídia vende o que ela quiser, desde modelos de vida a produtos, comportamentos, mercadorias, etc. Este universo midiático que domina os indivíduos por meio da palavra é outra robusta ferramenta que nos priva de autonomia intelectual, de pensar racionalmente, criticamente. Assim, reconhecemos que não somos nós que dominamos as palavras, mas são elas que nos dominam.

4.3.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Alienação no Trabalho no Documentário *Da Servidão Moderna*

Este documentário evidencia as diferentes formas de alienação que o homem moderno se encontra encarcerado, entretanto, ele não se dá conta desta sua condição de alienado. A alienação no trabalho tem sua origem histórica a partir da Revolução Industrial, com o advento das máquinas, e conseqüentemente, a formação e consolidação do modo de produção capitalista. O escravo da modernidade, como é chamado aquele que realiza o trabalho alienado, diferentemente, do escravo da Idade Antiga ou Medieval, além de não questionar e nem desenvolver uma consciência autônoma sobre seu estado subserviente frente a organização mercantil que domina o mundo, reforça e fortalece este sistema que aliena, explora, escraviza o ser humano.

Assim, a servidão moderna é uma escravidão irrefletida, pois buscada e consentida pela multidão de escravos, que se perdem de si mesmos em sua produção repetitiva, e não somente em um trabalho manual, mas também o trabalho intelectual se configura, muitas vezes, como trabalho alienado no sistema capitalista de produção. Esses prisioneiros do sistema totalitário mercantil que só visa o lucro econômico, não têm consciência de que eles mesmos compram as mercadorias que os tornam cada vez mais dependentes desse sistema, que aliena, explora e massacra as massas que parecem bem condicionadas, adestradas e às vezes insensatamente satisfeitas, porque ignoram sua situação. Com isto, não discutem a vida sobrecarregada e deplorável que se planejou para eles.

Em seu texto *Homem: humano ou animal?*, Karl Marx desenvolve uma crítica sobre dimensão humana do trabalho, que está estreitamente relacionada ao objetivo central do documentário *Da Servidão Moderna*. Ele conclui que a condição do homem (trabalhador) na sociedade de produção capitalista moderna se inverteu, pois este só se sente verdadeiramente livre em suas funções animais como comer, beber, procriar ou no máximo, em seu lar e no seu próprio embelezamento, enquanto, suas funções humanas se reduzem às de um animal (GALLO, 2014). Marx denuncia que no trabalho alienado o animal se tornou humano e o homem se torna animal. Exatamente como narra o documentário, o trabalhador moderno foi transformado em um escravo alienado e, portanto, não tem consciência de sua alienação e nem de sua situação de explorado. O escravo moderno é expropriado

não apenas de sua consciência, mas de seu próprio corpo, pois nesse sistema dominante, o ser humano é capturado e integralmente domado.

A preocupação central tanto de Karl Marx quanto do documentário é demonstrar a perda da essência mesma do trabalho, do seu real significado, de seu genuíno conceito, isto é, atividade voltada para transformação da natureza e produção de si mesmo para a criação coletiva e histórica daquilo que chamamos natureza humana. Contudo, no sistema de produção capitalista o trabalho transforma-se em um processo de coisificação do trabalhador que perde a possibilidade de ser criativo, passando a desempenhar as atividades de forma mecânica e repetitiva, assim como, as máquinas ou os animais, isto em razão, principalmente, da divisão social do trabalho. Nesse contexto, o trabalho deixa de ser uma produção do trabalhador, passa a ser produção de capital, de mais-valia, isto é, a produção de lucro para o capitalista.

Há uma profunda analogia entre o documentário *Da Servidão Moderna* e o texto *Discurso da Servidão Voluntária*, de La Boétie (BRIENT, 2009; FÉLIX, 2007). Esta afinidade é constatada no próprio comportamento da massa de trabalhadores alienada da sociedade capitalista, que amam servir ao Deus do capital, se submetem ao cruel processo de produção da mercadoria e seu consumo e, não reconhecem que estas os privam de suas liberdades e de suas vidas. Assim como discorre La Boétie, sobre as razões que levam o indivíduo constituir um governo tirano e a se tornar servo, subserviente, que são o hábito, a covardia e a participação, ou seja, a conivência, o consentimento. Estas são as mesmas razões que guiam a multidão escravizada pelo sistema de produção capitalista alienante. A massa de trabalhadores alienada, em diferentes funções sociais, não apenas se habitua a este sistema perverso, mas também ficam dependentes dele e acovardam-se, temem qualquer forma de autonomia ou liberdade, só se sentem seguros submetidos a esta racionalização da ordem mundial capitalista, portanto, acabam por se tornar cúmplices desse sistema, que se apropria de suas consciências e de seus corpos. Assim sendo, perseguem cegamente o modelo de felicidade imposto pela sociedade capitalista por meio das mídias.

O trabalho alienado, produto do sistema capitalista desumaniza, como aborda o documentário. O trabalhador não produz para si, mas para o capital, o escravo moderno não pensa, não reflete sua condição. Para compreender estas ideias, é conveniente destacar o texto *Defeito de Fabricação*, do cantor e compositor Tom Zé.

Nele, o artista desenvolve uma crítica sobre o tipo de trabalhador desejado pelo patrão de primeiro mundo (capitalista). Seria uma espécie de “androide”, quase sempre analfabeto e com escassa especialização para o trabalho. Estes andróides estão nas favelas do Rio, São Paulo, Nordeste do País, ou seja, em toda periferia da civilização. Eles são mais baratos do que um robô operário fabricado no Japão, entretanto, podem apresentar defeitos inatos, como criar, pensar, sonhar, que representa grande perigo para o capitalista. Desse modo, o trabalho alienado despoja o homem de suas capacidades e possibilidades transformando-o em mero robô, pois, as consciências que buscam escapar desse sistema são vigiadas e fiscalizadas.

Como podemos verificar na proposta do Quadro 7, a seguir.

Quadro 7 – Alienação no Trabalho no Documentário *Da Servidão Moderna*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: DA SERVIDÃO MODERNA			
TEMA: ALIENAÇÃO NO TRABALHO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Apresentar como se caracteriza o processo de alienação a partir da descrição do funcionamento do sistema capitalista exposta no documentário.</p> <p>Contextualizar o conceito de alienação no trabalho e em outras atividades humanas por meio da narrativa presente em <i>Da Servidão Moderna</i> e sua conexão com o pensamento marxista.</p> <p>Diferenciar trabalho intelectual e manual e sua condição alienante na sociedade capitalista através do documentário e dos textos elencados.</p> <p>Aprofundar a análise do tema com base em textos de Marx, La Boétie e Tom Zé.</p>	<p>O processo de alienação na sociedade capitalista a partir do pensamento marxista</p> <p>Conceitos e exemplos de alienação no trabalho no sistema capitalista</p> <p>Trabalho intelectual e alienação</p> <p>Trabalho manual e alienação</p>	<p>I- Introdução: Debate sobre o processo de produção capitalista, com ênfase em trechos do documentário <i>Da Servidão Moderna</i>, que demonstrem a origem do trabalho alienado. Argumentar sobre a condição do trabalho intelectual e manual no mundo capitalista e suas implicações com a alienação.</p> <p>II- Contextualização: Estudo dirigido a partir de questionamentos selecionados sobre o tema alienação no documentário, para serem respondidos e encenados pela turma.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Homem: Humano ou Animal? Karl Marx, Discurso da Servidão Voluntária La Boétie, Defeito de Fabricação: defeito inato da população humana, Tom Zé. Identificar nos respectivos textos características presentes no documentário e relacioná-los em uma dissertação sobre alienação humana e o sistema capitalista.</p>	<p>Documentário: <i>Da Servidão Moderna</i></p> <p>Texto 1: <i>Homem: Humano ou Animal?</i>, Karl Marx.</p> <p>Texto 2: <i>Discurso da Servidão Voluntária</i>, La Boétie.</p> <p>Texto 3: <i>Defeito de Fabricação</i>, Tom Zé.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.3.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Indústria Cultural no Documentário *Da Servidão Moderna*

O documentário nos apresenta a indústria cultural como um dos fenômenos decorrentes do sistema econômico dominante. O comportamento característico dos escravos modernos é a produção e consumo intenso de mercadorias. Nesse sentido, entende-se por indústria cultural, a transformação da cultura de massa em mercadoria semelhante a qualquer indústria baseada nos princípios da lucratividade. Os criadores deste conceito são os filósofos alemães da Escola de Frankfurt, Horkheimer e Adorno (2002). Eles desenvolvem uma crítica sobre a cultura de massa nas sociedades modernas, como é mostrado no documentário, a massa servil não compreende somente a atividade de produção alienada, mas a vida planejada de consumo, lazer, diversão, férias que os indivíduos são sutilmente submetidos por influência dos meios de comunicação de massa. Portanto, a ênfase em *Da Servidão Moderna* é revelar que sistema mercantil capitalista totalitário transforma os seres humanos em escravos em tempo integral.

A partir do texto *A Indústria Cultural: O iluminismo como mistificação de massas*, dos pensadores Adorno e Horkheimer e seu diálogo com vários aspectos do documentário é possível uma compreensão mais clara do desenvolvimento e consolidação da Indústria Cultural que tem como berço o período Iluminista, representado pelo racionalismo em todos os segmentos da sociedade, isto é, em todas as atividades humanas. A difusão da técnica, a extrema especialização, o instrumentalismo voltado para a lucratividade que transformou a cultura artística, literária, filosófica, entre outras, em mercadoria e dominou o homem em suas possibilidades de escolha. Diante disto, o documentário faz a mesma pergunta dos filósofos frankfurtianos: o que ocorreu com o ser racional, o ser pensante, o poder da razão humana, tão louvado no Século das Luzes?

O que se tem observado é a excessiva racionalização da vida humana por meio da técnica, principalmente, da industrialização do mundo capitalista, da produção em série, que transformou a atividade racional em atividade instrumental, o agir, o fabricar, o fazer instrumental voltado apenas para os lucros. Podemos citar como exemplo do fortalecimento da indústria cultural a apropriação de imagens de líderes como Che Guevara, que embora protestasse contra as injustiças sociais, a opressão, geradas pela sociedade capitalista, foi capturado pela indústria do

capitalismo que o transformou em mercadoria, ao estampar sua imagem em roupas e acessórios. Pode-se observar tanto no texto dos autores referidos acima quanto no documentário, que a indústria cultural produz bens de consumo que geralmente não representam uma necessidade social. Como é expresso no documentário, a oferta é que determinará a demanda. Portanto, o mercado capitalista de consumo, lazer, etc., sempre faz surgir novas necessidades e manipula as massa por meio das diferentes mídias, também denominados meios de comunicação de massa, que como próprio nome diz serve para massificar, igualar as pessoas em comportamentos, sentimentos e gostos pessoais.

Em seu trabalho sobre *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, Walter Benjamin discute a Arte e a modernidade capitalista (OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2006). Ele reconhece que com o advento da reprodução técnica, como a captação de imagens pela câmera fotográfica, perde-se a aura, a autenticidade, unicidade da obra de arte, pois no sistema capitalista a existência única é substituída pela existência serial, como podemos perceber no documentário, a reprodução em série está em tudo, ou seja, em toda atividade de produção humana, tais como, alimentação, consumo de bens e serviços, lazer, arte, entretenimento. Por outro lado, nota-se certo otimismo de Benjamin diante dos meios de comunicação de massa, principalmente o cinema de massa e pela reprodutibilidade técnica. Ele acredita que as experiências produzidas coletivamente e as artes precisam ser difundidas, acessíveis a toda comunidade, isto é, democratizadas, e compreende que o preço dessa experiência é a massificação da sociedade.

A razão instrumental que promoveu o desenvolvimento das técnicas na sociedade moderna e, por sua vez representa a principal ferramenta do sistema de produção capitalista que manipula e controla o ser humano em praticamente todas as suas dimensões, como cultura, trabalho, saúde, consumo, lazer, entre outras. Em contrapartida, a razão instrumental é responsável por produzir uma sociedade irracional, os escravos da modernidade que são comparados a máquinas em suas múltiplas atividades cotidianas como é exposto no documentário. A formação dessa sociedade escrava da ordem capitalista mundial, já inicia na infância, através dos meios de comunicação de massa, portanto, tornam-se estúpidos e não desenvolvem a capacidade de reflexão e crítica. Isto ocorre, na maioria das vezes, com a cumplicidade dos pais, como é denunciado no documentário *Da Servidão Moderna*,

os pais se desapropriam da educação de seus filhos e deixam que o sistema alienador e medíocre se encarregue de programá-los.

Diante destes argumentos podemos tecer articulações com a obra *1984*, de Orwell (2009), que trata de uma temática bastante atual, uma sociedade extremamente vigiada e esta vigilância é mecanismo de controle da vida dos indivíduos. O lugar do romance do escritor Orwell é chamado Oceania, onde o Estado impõe um regime excessivamente totalitário para a sociedade, através da vigilância do Grande Irmão, imposta pelo partido Ingsog. O local é dominado pelo medo e pela repressão, pois quem pensava contrário às ideias do regime era acusado de cometer um crime, na obra, crimideia significa crime de ideia. A proposta do documentário é justamente fazer as pessoas perceberem o quanto estão dominadas e dependentes do sistema mercantil totalitário, e que a maioria delas não têm consciência disso, portanto, não refletem sobre sua condição subserviente a esse regime e acreditam que conquistarão suas liberdades acumulando mais e mais capital para realizar os sonhos e desejos lamentáveis glorificados pela mídia, que prometem a plena realização e suprema felicidade. Assim sendo, se submetem de maneira até satisfatória a esta organização totalitária, reduzindo-se a máquinas.

Como podemos notar na proposta do Quadro 8, a seguir.

Quadro 8 – Indústria Cultural no Documentário *Da Servidão Moderna*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: DA SERVIDÃO MODERNA			
TEMA: INDÚSTRIA CULTURAL			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Evidenciar o conceito de Indústria Cultural a partir de alguns trechos do documentário <i>Da Servidão Moderna</i>.</p> <p>Conhecer, com o auxílio do documentário e textos expressos neste planejamento, o modo pelo qual o sistema de produção moderno, ou seja, o trabalho, assim como, lazer e consumo massificam os indivíduos, tornando-os escravos desse sistema.</p> <p>Estimular o desenvolvimento de uma compreensão crítica diante do controle e manipulação dos escravos modernos através dos meios de comunicação de massa, como consta no documentário.</p> <p>Analisar detalhadamente o tema Indústria Cultural e suas implicações à luz do próprio documentário e de textos de Adorno e Horkheimer, Walter Benjamin e George Orwell.</p>	<p>Conceito de Indústria Cultural.</p> <p>Ideias dos Pensadores da Escola de Frankfurt sobre Indústria Cultural.</p> <p>Cultura de Massa</p> <p>Meios de Comunicação de massa.</p>	<p>I- Introdução: Discutir o conceito e desenvolvimento da Indústria Cultural por meio de trechos do documentário <i>Da Servidão Moderna</i>.</p> <p>II- Contextualização: Construção pelos discentes, de uma sala temática (a própria sala de aula) para exposição de atividades, objetos, entretenimentos, etc., que representam produtos da indústria cultural.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Solicitar do aluno Produção de texto que correlacione a narrativa do documentário referente ao tema indústria cultural aos textos sugeridos neste planejamento.</p>	<p>Documentário: <i>Da Servidão Moderna</i></p> <p>Texto 1: <i>A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação de Massas</i>, Adorno e Horkheimer.</p> <p>Texto 2: <i>A Obra de Arte Na Era da Reprodutibilidade Técnica</i>, Walter Benjamin</p> <p>Texto 3: <i>Orwell</i> 1984, George Orwell</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.3.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Propriedade Privada e Capitalismo no Documentário *Da Servidão Moderna*

Em *Da Servidão Moderna* é evidenciada uma urbanização violenta, que representa a tomada do ambiente natural e humano pelo capitalismo, transformando o planeta em um lugar sujo e barulhento, assim como, uma usina. Todos os espaços são extremamente racionalizados e unificados de acordo com o interesse do capitalismo, tudo é privatizado, torna-se mercadoria. Esta racionalização e instrumentalização do mundo a partir do modo de produção do sistema capitalista, implica em uma intensa mudança no modo de vida das pessoas, em suas expectativas, sentimentos, comportamentos. Portanto, o capitalismo, com sua constante organização do mundo através da lógica da lucratividade, aprisiona de maneira, muitas vezes anestésica, a sociedade moderna, que não percebe o quanto é controlada em seu tempo, sua produção, seu trabalho, consumo, acúmulo de mercadorias, entre outros.

O processo de racionalização da modernidade provocado pela consolidação do sistema capitalista dominante deixou o mundo desencantado, nas palavras do sociólogo Max Weber (*apud BOMENY et al.*, 2013), ou seja, o mundo passou a ser controlado pelo instrumentalismo científico e tecnológico que representam o motor do capitalismo. Na modernidade, em lugar da religião, a ciência e, como nos mostra o documentário, em lugar de Deus, o dinheiro, o capital. Isto, de fato, impactou profundamente em toda organização social. O atual sistema capitalista dominante é baseado em relações monetárias, nesses termos, o escravo da modernidade não é apenas escravo do patrão, da máquina, mas do próprio poder econômico, da mercadoria, da propriedade privada, isto é, do capital.

Rousseau, filósofo Iluminista, apresenta em seu texto *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens* (ROUSSEAU, 2008), a crença de que o homem em estado de natureza, vivendo isoladamente seria bom, como ele chama o ser humano anterior à comunidade, de bom selvagem. Entretanto, no momento em que ele passa a viver em grupos, surge então a ideia de propriedade, que pode ser um animal, terras, armas ou até mesmo outros seres humanos. Essa noção de propriedade desenvolveu nos primitivos a compreensão de acumulação de bens e, conseqüentemente, superioridade frente aos demais. Esta suposta superioridade foi a principal motivação para os conflitos entre os homens de uma mesma tribo e em

seguida, entre cidades e nações. Diante do exposto, percebe-se estreita relação com o documentário, que nos descreve uma sociedade capitalista hierarquizada, a partir da valorização da propriedade privada, dos meios de produção, da mercadoria.

Em vista disto, *Da Servidão Moderna* nos relata que o cenário do modo de produção dominante consiste na remodelação permanente do espaço, e que cada parcela desse mundo é propriedade de um Estado ou de um particular. Esse roubo social que é a apropriação exclusiva do solo e outros meios de produção é a principal causa das injustiças sociais. Desse modo, também conclui Rousseau, que toda desigualdade se baseia na noção de propriedade particular criada pelo homem e o sentimento de insegurança com relação aos demais seres humanos. De acordo com o documentário, o sistema capitalista colonizou toda a face da terra e não existe exílio possível. As pessoas, o planeta, foram transformados em propriedade privada, mercadoria.

A cultura mercante da sociedade capitalista trouxe dois novos atores que manifestam ideias e interesses antagônicos, são eles, a burguesia e o proletariado como está exposto no texto *O manifesto Comunista*, de Marx e Engels (2009) e neste documentário. Para os autores, a luta de classes sempre existiu na história da humanidade, a história de opressores e oprimidos, ou seja, a dominação do homem sobre outros homens, que gera o martirizado, o explorado, sempre esteve presente nas sociedades. No sistema de produção capitalista, essa luta de classes ora é mascarada, ora é escancarada.

A degradação e a miséria reinam por todos os lados no sistema capitalista mercante, como é denunciado em *Da Servidão Moderna*. A indústria agroquímica de alimentação, que produz organismos geneticamente modificados e propaga a ideia da falsa abundância de alimentos e, portanto, a ilusão da escolha nos trabalhadores alienados, os escravizados da modernidade que tem seu tempo limitado, racionalizado ao extremo, para atender aos interesses do capitalismo. Nesse sentido, como explicam Marx e Engels, no *Manifesto Comunista*, as relações entre burgueses e proletários são apenas monetárias, de frio interesse econômico e severas exigências. Do mesmo modo, o fenômeno chamado capitalismo, que hoje representa a ordem mundial, também mercantilizou a medicina. O documentário narra que a intenção desse sistema não é tratar a origem do mal, mas suas consequências, pois o trabalho de prevenção condenaria esta organização econômica que só visa à produção de capital. Assim, não somente a exploração

humana, mas também, do meio ambiente, nossa morada, que já apresenta um cenário desolador, pois é vítima em potencial desse sistema totalitário, como afirmam Marx e Engels, apenas se importa em produzir, vender, consumir, acumular.

A proposta apresentada no documentário sobre a negação da ordem estabelecida pelo sistema capitalista dominante coincide com as ideias defendidas por Marx e Engels. Eles propõem a desobediência e a resistência a esse regime mercantil de exploração social, a partir de uma revolução que tenha como objetivo unir as subjetividades em uma frente comum, isto é, reinventar novas formas de organização e luta. Estas organizações deveriam apresentar um caráter anti-hierárquico tanto na forma como no conteúdo e, defendem a autogestão das empresas. Com isto, encerram o documentário, recitando uma frase de Denis Diderot, filósofo iluminista, “A natureza não nos fez amos nem escravos, eu não quero dar, nem receber leis”. Diante disto, tanto o curta-metragem quanto os autores referidos proclamam a mesma ideia, de que o poder não é para ser conquistado, é para ser destruído.

No poema *Perguntas de um Trabalhador que Lê*, de Bertold Brecht, são elencadas várias indagações que nos levam a refletir sobre a condição do trabalhador, aquele que participa diretamente da atividade produtiva com sua mão de obra, mas que é alienado, não tem consciência e nem é reconhecido o valor e importância do seu trabalho no processo de construção, transformação de uma sociedade. Isto pode ser verificado na pergunta inicial do poema: Quem construiu Tebas de Sete Portas? Nos livros estão nomes de reis. Porém, arrastaram eles blocos de pedras? É como no capitalismo selvagem descrito em *Da Servidão Moderna*, os escravos e prisioneiros desse sistema econômico dos tempos modernos, que vivem para produzir e reproduzir para o acúmulo de capital daqueles que detém os meios de produção, bem como, para o consumo frenético da sociedade massificada que também é escrava da propaganda e publicidade que aquecem o mercado de vendas (BRECHET, 2010).

Por conseguinte, o trabalhador do sistema de produção capitalista como conta o documentário, encontra-se dominado, acorrentado por todos os lados, sem a possibilidade ou capacidade de sonhar com outro mundo possível e se submete conformadamente, a esta vida que foi planejada para ele. Diante disto, temos na conclusão do poema de Bertold Brecht, a inquietação e advertência de um trabalhador que lê e interpreta sua realidade. Logo, consciente de que o habitual não

precisa ser visto como natural, a confusão organizada não precisa ser aceita, nem uma humanidade que se tornou desumana e, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar. Assim sendo, os trabalhadores precisam desenvolver uma consciência reflexiva para iniciar mudança de postura e, conseqüentemente, de mundo, em vez de se manterem anestesiados diante deste sistema totalitário mercante, que promove a desigualdade como critério de progresso.

Como podemos observar na proposta do Quadro 9, a seguir.

Quadro 9 – Propriedade Privada e Capitalismo no Documentário *Da Servidão Moderna*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: DA SERVIDÃO MODERNA			
TEMA: PROPRIEDADE PRIVADA E CAPITALISMO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Partir da discussão sobre a origem da propriedade privada e suas implicações com o sistema capitalista considerando trechos do documentário.</p> <p>Conhecer a origem, conceito, transformações e consequências provocadas pelo regime capitalista no ambiente e na sociedade através do documentário.</p> <p>Compreender, a partir da narrativa em <i>Da Servidão Moderna</i>, os impactos produzidos pelo sistema mercantil dominante no comportamento das pessoas, por meio da manipulação midiática.</p> <p>Ter contato direto com textos de autores que tratem dos temas da propriedade privada e do capitalismo.</p>	<p>Conceito e origem da propriedade privada. Conceito e origem do capitalismo.</p> <p>Definição de <i>Mais-valia</i>.</p> <p>As mudanças e consequências do sistema de produção capitalista no planeta e na sociedade.</p> <p>A influência e impacto midiático na propagação e consolidação das ideias do sistema capitalista dominante na vida dos indivíduos.</p> <p>Abordagem de Rousseau sobre a origem da desigualdade entre os homens.</p> <p>Abordagem de Karl Marx sobre <i>Capital</i>, mercadoria, exploração.</p> <p>Apreciação e compreensão do poema de Bertold Brecht.</p>	<p>I- Introdução: Problematização sobre a origem da propriedade privada, o surgimento das desigualdades sociais e a divinização do dinheiro a partir do documentário.</p> <p>II- Contextualização: Com base no que o documentário narra sobre a vida do escravo moderno no espaço urbano racionalizado pelo sistema capitalista, deve ser solicitado aos alunos que produzam uma maquete para demonstrar essa condição.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Produção textual objetivando relacionar passagens do documentário aos textos de Rousseau, Karl Marx e Engels e Bertold Brecht.</p>	<p>Documentário: <i>Da Servidão Moderna</i></p> <p>Texto 1: <i>Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens</i>, Rousseau.</p> <p>Texto 2: <i>O Manifesto do Partido Comunista</i>, Karl Marx e Engels.</p> <p>Texto 3: <i>Perguntas de Um Trabalhador Que Lê</i>, Bertold Brecht.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.4 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

O documentário *Tarja Branca* do ano de 2014, produzido por Juliana Borges e dirigido por Cacau Rhoden, traz amplo discurso de diferentes profissionais que argumentam em favor do valor e importância do brincar. Esta produção tece primorosos elogios à brincadeira, representa um manifesto pelo direito de brincar da

criança, mas também, chama a atenção para a necessidade do brincar em qualquer fase da vida, pois o ato de brincar estimula a imaginação, o desenvolvimento do espírito livre, a criatividade. Contudo, a organização social contemporânea que promove uma sociedade agitada, um ritmo de vida bastante estressante e materialista não contribui para incentivar a manifestação do espírito brincante de crianças, jovens e adultos.

As críticas elaboradas e expressas nesse documentário justificam adequadamente seu título, *Tarja Branca A Revolução que Faltava*, pois o sistema capitalista acaba condicionando os indivíduos a estarem conectados apenas à dimensão mental ou racional e a desprezarem sua condição emocional, espiritual, suas sensações. O ser humano é notoriamente investido de homem-máquina, pois nessa sociedade o indivíduo é treinado a ter, possuir, consumir bens materiais e, assim, estimulado a trabalhar intensivamente em busca de alcançar este objetivo. Assim, submetidas a estas circunstâncias, as pessoas vão se desgastando física e emocionalmente. A ausência de tempo livre prejudica seu desempenho intelectual, reduz sua qualidade de vida em vários aspectos, pois a perda da capacidade inventiva, criativa dos indivíduos é visível. Dessa forma, o ser humano necessita priorizar o tempo livre, para desenvolver sua dimensão de ser, ampliar suas possibilidades de ser mais livre, mais imaginativo, portanto, ser capaz de romper com esse modelo de clausura, aprisionamento estabelecido nas instituições, de modo geral, família, escola, empresa, etc.

Esta sociedade acelerada não dá lugar ao espírito brincante, as crianças e adultos tornam-se sérios, agitados, com pouco ou nenhum senso de humor, ansiosos e tristes. Convivemos hoje com a medicalização para não entrar em contato com esses sentimentos. Entretanto, evitá-los é nos privar de uma condição que nos é intrínseca. Diante disto, *Tarja Branca*, não apenas nos convida, mas convoca-nos e clama pela urgência de concebermos o brincar como algo sério. Então, é evidente que para atingirmos resultados positivos em nossos afazeres, tarefas sejam quais forem devemos nos envolver por inteiro, ou seja, razão e emoção devem se apresentar indissociáveis para que esse valioso espírito brincante se manifeste.

4.4.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Sociedade Disciplinar no Documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

A organização da sociedade moderna, bem como o paradigma educacional desse contexto histórico apresenta como cerne a disciplina, a ordem, a racionalização do tempo, espaço, das ações dos indivíduos, em suma, da vida humana, como constatou Max Weber (*apud* BOMENY *et al.*, 2013). Este documentário propõe-se a demonstrar a necessidade de resgatar a liberdade humana, que representou uma das principais motivações para lutar na Revolução Francesa. A valorização da espontaneidade, a brincadeira, isto é, a abertura ao desenvolvimento do espírito lúdico, podem colaborar para a construção de uma sociedade mais autônoma, mais livre, pois isto é o que impulsiona a imaginação, a criatividade. Entretanto, a sociedade disciplinar que se estabeleceu com toda força nas instituições sociais impede essa conquista de sermos nós mesmos, manifestando nossas diferentes habilidades e, portanto, negando a adesão a este modelo disciplinar que busca igualar a todos, ao desprezar nossas vontades e competências individuais.

Em *Tarja Branca*, essa defesa pelo direito a investir e deixar fluir nosso espírito brincante, nossos desejos, liberdade de ação e de pensamento, precisam ser preservadas em todas as idades. Contudo, a sociedade disciplinar fabrica o homem-máquina, o homem programado, condicionado a agir mentalmente. Geralmente, não se verifica no desempenho de suas atividades, a presença da componente emoção, ele age quase que mecanicamente. De modo que não há espaço para evocar a imaginação, logo, a criatividade também não se revela. O documentário ressalta que no contexto escolar, as crianças são aprisionadas em suas carteiras e esta repressão não se restringe somente a seus corpos, suas mentes também são alvo desse aprisionamento, através de um ensino conteudista. E, não para nisso, além da alienação na disciplina de aprendizagem escolar, a criança, o jovem, encontram-se submetidos a esse sistema de alienação no lazer, como a substituição da brincadeira autêntica, artesanal pelos shoppings centers e consumo de eletrônicos. Assim como o adulto em seu trabalho submete-se a atividades mecânicas, das quais não se identifica, em razão de sua subsistência ou visando o acúmulo de capital como apregoa o sistema vigente, ou ainda, porque

acha que não garantiria sua sobrevivência em outra atividade pela qual se identifique e propicie alegria e prazer.

Na obra *Vigiar e Punir*, do pensador francês Michel Foucault, o conceito de sociedade disciplinar é empregado por ele para denunciar o malogro dos ideais iluministas, pois argumenta que as luzes da razão que lutaram pela conquista da liberdade, também inventaram as disciplinas. Estas por sua vez, contrariam a luta pelos direitos, pois com a ascensão da burguesia que promove um declínio de valores e, tem como finalidade estabelecer um processo que enquadra a multiplicidade sob linhas de normalidade e semelhança. A sociedade disciplinar é constituída pelo exercício do poder disciplinar que ocorre, não somente pelo desenvolvimento de diversos conhecimentos que nortearão nossas vidas, mas também através das relações sociais que travamos, sejam elas hierárquicas ou não (FOUCAULT, 2014).

Nas sociedades modernas disciplinares, o alvo não é somente as consciências individuais, mas, sobretudo, os corpos, como diz Foucault (2014), o processo de docilização dos corpos, de submissão dos indivíduos, seja às disciplinas ou saberes, seja às relações sociais é o principal objetivo do poder disciplinar exercido pelas sociedades disciplinares. Nessa perspectiva de sociedade foucautiana, em que os indivíduos são domados, domesticados, convém relacionarmos às críticas relatadas em *Tarja Branca*, sobre a maneira como a sociedade encontra-se organizada. Na verdade, o termo ou termos mais apropriados seriam de sociedade acelerada, mas também acorrentada e reprimida, onde o ócio, a liberdade, o espírito brincante são vistos de forma negativa, como algo perigoso. Assim, vários entrevistados no documentário reforçam as ideias defendidas por Foucault. Eles percebem que nessa sociedade somos cotidianamente vigiados, fiscalizados, para em seguida sermos moldados, programados de acordo com a disciplina do lugar, seja escola, fábrica, empresa, qualquer espaço social. Logo concluem, que este contexto não contribui para uma sociedade saudável, que preze pela espontaneidade, liberdade, criatividade.

Podemos constatar no documentário *Tarja Branca* que os discursos exibidos por diferentes especialistas, em especial pedagogas e psicólogas, incluindo também outros participantes, expõem críticas e considerações ao modelo de sociedade que educa da maneira tradicional e, desse modo, concebe um ensino reduzido à transmissão de conteúdos, a repressão, o adestramento da criança, que é tratada

como se adulto fosse. A seriedade que envolve esse modelo de ensino e aprendizagem não corrobora para a aceitação e compreensão da singularidade de cada indivíduo. Com isto, ao desprezar a espontaneidade, o desenvolvimento do espírito livre da criança por meio de atividades lúdicas, brincadeiras, acabam por podar a sua capacidade imaginativa e criativa, pois o documentário, enfaticamente, mostra a necessidade e a importância do brincar e, que infelizmente, não é valorizado nas instituições escolares e, cada vez mais, vem sendo substituído por novos hábitos inserido pela cultura capitalista e tecnológica.

Os argumentos imediatamente expostos acima coincidem claramente com as reflexões do filósofo iluminista Rousseau acerca da educação das crianças. Em sua obra *Emílio ou da Educação* (ROUSSEAU, 2017), que se trata de um romance pedagógico que narra a educação de um menino órfão, nobre e rico. O autor fiel ao seu princípio de que o homem nasce naturalmente bom, defende que é preciso partir dos instintos naturais da criança para desenvolvê-los. Então, ele propõe uma educação negativa que implica em o professor preservar a criança, sua condição, sua singularidade em substituição à educação positiva, que representa o ensino tradicional na qual a criança é tratada como um adulto em miniatura, uma vez que se interessa apenas pela formação prematura do intelecto, ou seja, a transmissão de conteúdos. Nesse sentido, as crianças não se desenvolvem ativamente e de forma mais livre, pelo contrário, esse estágio de suas vidas, a infância lhes é negado, porque ao invés de estimularem a brincadeira que é a primeira maneira de comunicação com o mundo social, as crianças são programadas a desenvolverem somente o intelecto.

Na letra da canção *Epitáfio*, de Britto (2001), identificamos trechos que podem ser evidenciados no documentário *Tarja Branca*, tais como, incentivar a interação da criança com a natureza, as estações do ano, a variação do clima, pois, privar a criança da livre experiência ao aprendizado é de certo modo uma violência para seu desenvolvimento saudável. Portanto, a letra musical retrata a manifestação da linguagem natural, a manifestação do humano na passagem que narra: “devia ter complicado menos, trabalhado menos, ter visto o sol se pôr”. Outra importante relação a ser destacada é quando o documentário mostra que o brincar nada mais é que ir atrás de seus desejos, suas vontades, fazer exatamente aquilo que nos faz sentirmos felizes, inteiros e, todos nós, em qualquer idade precisamos despertar essa criança interior. Desse modo, precisamos valorizar mais nossas emoções,

sensações, a nossa dimensão ser, e não nos voltarmos apenas para o ter, quase sempre buscado em primeiro lugar nesta sociedade materialista, que treina os sujeitos a valorizarem excessivamente este fim. Assim, a parte inicial da canção afirma a principal intenção de *Tarja Branca* neste trecho: “Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais, e até errado mais, ter feito o que eu queria fazer”. Fica claro, portanto, a convergência entre as intenções do compositor da canção e o propósito do documentário.

Como podemos verificar na proposta do Quadro 10, a seguir.

Quadro 10 – Sociedade Disciplinar no Documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: TARJA BRANCA: A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA			
TEMA: SOCIEDADE DISCIPLINAR			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Evidenciar na fala dos entrevistados em trechos do documentário, como se configura a sociedade disciplinar e seus efeitos sobre os indivíduos.</p> <p>Entender em que contexto surge a sociedade disciplinar e as transformações sociais advindas desse sistema de poder com o auxílio do documentário.</p> <p>Compreender, a partir da narrativa do documentário <i>Tarja Branca</i>, a importância de se valorizar a imaginação, a capacidade criativa do indivíduo por meio da brincadeira, do ato de brincar.</p> <p>Assimilar de forma mais consistente o conceito e características da sociedade disciplinar a partir do estudo de textos que discutem esse tema.</p>	<p>Origem da sociedade disciplinar.</p> <p>Conceito e características da Sociedade Disciplinar.</p> <p>As consequências do modelo de sociedade disciplinar para a qualidade de vida das pessoas.</p> <p>A importância e valorização do tempo livre na sociedade capitalista, para o ócio imaginativo e criativo.</p> <p>Abordagem de Foucault sobre o significado de corpos dóceis na sociedade disciplinar.</p> <p>A análise crítica de Rousseau sobre a disciplina da educação.</p> <p>Apreciação da letra musical, Epiáfio, de Sérgio Britto, sobre aproveitar o tempo de forma mais prazerosa, mais simples, negando o homem-máquina da sociedade capitalista</p>	<p>I- Introdução: Problematização sobre o surgimento da sociedade disciplinar e suas consequências para a vida das pessoas a partir do documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar a turma que produza um vídeo sobre a importância da brincadeira, da descontração, do prazer para realizar diferentes tarefas e, assim, estimular a imaginação, considerando o documentário.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Produção textual buscando articular o documentário a textos filosóficos e não filosóficos, a saber: Vigiar e Punir, Michel Foucault. Emílio ou da Educação, Rousseau. Epiáfio, Sérgio Britto.</p>	<p>Documentário: <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i></p> <p>Texto 1: <i>Vigiar e Punir, Michel Foucault.</i></p> <p>Texto 2: <i>Emílio ou da Educação, Rousseau.</i></p> <p>Texto 3: <i>Epiáfio, Sérgio Britto.</i></p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.4.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Sociedade de Controle no Documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

A transição da modernidade para a contemporaneidade representa a passagem de uma sociedade disciplinar, assim denominada por Michel Foucault (2014), para uma sociedade de controle, definida por Deleuze (1992). Cada um destes modelos sociais apresenta como finalidade fiscalizar e controlar todos os segmentos da vida das pessoas. Entretanto, a sociedade disciplinar se caracteriza através das instituições modernas de disciplina e confinamento, como escola, fábrica, entre outros. Já a sociedade de controle é caracterizada por sua invisibilidade que se expande junto às redes de informação. Vejamos, que no documentário *Tarja Branca a Revolução que Faltava*, exhibe fortemente severas críticas ao modelo social que estamos expostos e que somos “educados”, pois, a preocupação central desta narrativa é demonstrar a necessidade de autonomia, de liberdade, espírito brincante que são recursos imprescindíveis para abrir o portal da imaginação, manifestar a criatividade, mas principalmente, garantir melhor qualidade de vida às pessoas.

O documentário denuncia que o ato de brincar é visto como algo perigoso pela sociedade que é manipulada pelo sistema de disciplinamento e controle. Portanto, na obra *Conversações*, de Deleuze (1992), o autor desenvolve o conceito de sociedade de controle para explicar que o modelo de sociedade atual é sutilmente vigilante e controlador, assim como apregoa o documentário, uma vez que não oportuniza a liberdade para pensar, ou simplesmente usar o tempo com leveza e de forma lúdica, sem a agitação, disciplinamento e amarras desse sistema organizado para nos programar, nos domar integralmente, em qualquer circunstância ou atividade, seja trabalho, escola ou até lazer. Desse modo, reconhecemos que a sociedade de controle amplificou a função da sociedade de disciplinar, pois, além de ultrapassar a fronteira entre o público e o privado, também está presente em todas as esferas sociais.

No texto *O que é o esclarecimento*, o pensador iluminista Immanuel Kant (2010) responde a esta pergunta afirmando que é a saída do homem de sua menoridade da qual ele mesmo é culpado. Em outras palavras, Kant questiona não utilização pelo ser humano de sua própria racionalidade, de sua capacidade de

pensar livremente, de forma autônoma, sem ser conduzido pela razão de outrem. Em *Tarja Branca*, esse pensamento do referido autor também é defendido, quando se discute a importância da brincadeira, da postura lúdica em qualquer idade, os modelos e posturas comportamentais estandardizados. Por exemplo, como está expresso no documentário e que podemos relacionar aos argumentos do texto de Kant, em que se concebe a seriedade como sinônimo de competência e a brincadeira, seu oposto, sinônimo de imperfeição. Disso, conclui-se, que a razão da nossa sociedade mercadológica pretende aniquilar a brincadeira autêntica, o desenvolvimento do espírito livre, da capacidade inventiva e imaginativa dos sujeitos e submetê-la à sua razão. Nesse sentido, cabe a nós buscar recuperar a brincadeira, despertar esta criança interna que habita em cada um de nós e, desse modo, construirmos uma sociedade com mais humor, mais alegrias e satisfações e menos remédio.

A mensagem fundamental que o documentário *Tarja Branca A Revolução que Faltava* pretende divulgar é que pratiquemos mais o exercício da liberdade. Assim, a narrativa argumenta sobre a importância e o valor da brincadeira para o desenvolvimento de pessoas saudáveis, de uma sociedade saudável. Desse modo, é bastante oportuna uma conexão com o texto *Liberdade*, de Cecília Meireles, pois, a escritora neste trabalho, afirma que deve existir nos seres humanos um sentimento profundo que corresponde a essa palavra liberdade, uma vez que sobre ela se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade (MEIRELES, 2002). Em suma, a autora aclama em seu texto que a liberdade deve ser sempre desejada e buscada, mesmo que nos sacrifiquemos para conquistá-la, mesmo que nunca a alcancemos, mas não podemos parar de sonhar com ela. É exatamente como nos mostra o documentário, o espírito brincante deve ser preservado em nós, renovado todos os dias, mesmo que “pareça perigoso”. Então, é indispensável compreendermos que o nosso bem-estar físico e mental dependem dessa palavrinha, que também pode significar plenitude, a Liberdade. Ela não representa somente progresso, mas, sobretudo, o maior bem a ser continuamente buscado pela humanidade.

Como podemos constatar no Quadro 11, a seguir.

Quadro 11 – Sociedade de Controle no Documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: TARJA BRANCA A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA			
TEMA: SOCIEDADE DE CONTROLE			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Situar a ideia de sociedade de controle partindo da concepção de sociedade disciplinar considerando as queixas apresentadas pelas personagens do documentário.</p> <p>Identificar em <i>Tarja Branca</i>, o tipo de encarceramento produzido pela sociedade de controle.</p> <p>Conhecer a partir do pensamento de Gilles Deleuze e com o auxílio do documentário, maneiras de escapar à sociedade de controle.</p> <p>Ter contato direto com textos de autores que tratam do referido tema ou que possa ser articulado a ele.</p>	<p>Conceito e características da sociedade de controle.</p> <p>Definições de territorialização, desterritorialização e reterritorialização a partir de Gilles Deleuze.</p> <p>Mecanismos da Sociedade de Controle.</p> <p>Revolução Molecular (maneiras de escapar à sociedade de controle) em Deleuze e Guattari.</p> <p>Abordagem sobre a sociedade de controle em Deleuze e Guattari.</p> <p>Abordagem de Kant sobre o que é o esclarecimento para confrontar com o controle social do sistema na vida humana a partir das ideias do documentário.</p> <p>Interpretação do texto <i>Liberdade</i>, de Cecília Meireles, para confrontar a sociedade de controle.</p>	<p>I- Introdução: Discussões e exemplificações acerca da sociedade de controle com o uso do documentário <i>Tarja Branca</i>.</p> <p>II-Contextualização: Parte da turma produzirá um vídeo sobre a sociedade de controle e confrontá-lo com <i>Tarja Branca</i>. A outra parte da turma elaborará crônicas sobre o que fazer para não se deixar capturar e controlar integralmente pela sociedade de controle, considerando o documentário.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Produção textual objetivando relacionar o documentário aos textos apresentados: <i>Sociedade de Controle</i>, Deleuze. <i>O Que é Esclarecimento</i>, Immanuel Kant. <i>Liberdade</i>, Cecília Meireles.</p>	<p>Documentário: <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i>.</p> <p>Texto 1: <i>Sociedade de Controle</i>, Gilles Deleuze.</p> <p>Texto 2: <i>O Que é Esclarecimento</i>, Immanuel Kant.</p> <p>Texto 3: <i>Liberdade</i>, Cecília Meireles.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.4.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Liberdade *versus* Determinismo no Documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

Ao longo do documentário deparamo-nos com indagações de várias personagens sobre a nossa capacidade e as nossas possibilidades de escolha diante da vida, no nosso dia a dia e, que muitas vezes, nos esquivamos de buscar aquilo que queremos, negamos nossa liberdade de escolha e nos mantemos presos a uma ordem dominante, que determina nosso modo de vida em praticamente todos os aspectos. A Filosofia se interessa pela corrente que defende a liberdade humana, assim como, pela corrente determinista, que nega essa condição. O representante maior da teoria da liberdade é o filósofo existencialista, Sartre. Em seu texto, *Liberdade: uma condenação*, ele argumenta que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si próprio, e livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo que fizer. Então, como afirma Sartre (1973), o homem a partir de suas escolhas define sua essência, ou seja, primeiro ele existe e, durante toda sua vida ele vai constituindo sua essência. Portanto, a existência precede a essência. Logo, a angústia da escolha está sempre presente.

Como vimos no documentário, o desabafo de uma personagem que diz ter passado vinte e cinco anos de sua vida carimbando cheques devolvidos de pessoas desconhecidas em um banco, algo de que não gostava, até que um dia descobriu que podia sair do banco, e se ocupar de uma atividade, que de fato gostasse. Desta forma, a doutrina filosófica da liberdade apregoa a nossa capacidade de empreender sobre nossa vida. Isto ocorre a partir das escolhas que fazemos, da nossa vontade. Entretanto, a corrente filosófica determinista, não considera que o homem seja um ser livre e autônomo, único responsável por sua existência. Admite que os seres humanos estão sujeitos a leis que determinam sua existência. Sendo assim, suas decisões ou escolhas seriam apenas produto de uma falsa ideia de livre-arbítrio. No texto do pensador britânico empirista, David Hume, a concepção determinista é mais aceita do que a liberdade. O pensador reconhece que mesmo as ações regidas pela vontade humana, são condicionadas por certos motivos ou circunstâncias, pois, embora a vontade seja aquilo que origina uma ação, não é a partir de si mesma que ela o faz, mas com base em causas que lhes são anteriores. Desse modo, a vontade

é efeito dessas causas, portanto, Hume (2009) afirma que o homem é livre para realizar as deliberações da vontade, contudo, não é iniciadora das ações humanas.

Diante disto, remontamos ao documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*, que demonstra bem essa determinação da vontade de que Hume fala, a partir da queixa de alguns participantes que afirmam que para recuperar o lúdico na vida cotidiana é necessário lutar contra um processo histórico, mais precisamente, a cultura do capitalismo, que estimulou a substituição da brincadeira artesanal, autêntica, pelos *shoppings centers* e consumos de eletrônicos. Assim, constatamos que a vontade humana é guiada por um contexto de causas e, não é absolutamente autônoma, livre em suas escolhas. Nesse sentido, é indiscutível que o determinismo em todas as suas variações influencia diretamente na vida dos sujeitos. Entretanto, como a partir da criatividade humana, contextos históricos podem ser modificados, conclui-se que o ser humano é ao mesmo tempo e em algumas circunstâncias, livre e determinado.

Tarja Branca coloca em evidencia a necessidade de uma mudança drástica na postura das pessoas em relação ao trabalho e ao tempo de trabalho que precisa ser reduzido, pois, atualmente, a maioria das pessoas desempenham atividades que não gostam, não se identificam, de forma alienada. Dessa maneira, transformam suas vidas em uma batalha torturante, massacrante, estressante. É interessante, apresentarmos aqui um texto do pensador alemão Nietzsche, presente em uma de suas obras, *A Gaia Ciência*. Neste trabalho, Nietzsche (2012) exalta o poder da arte, para retirar o homem da vida comum, da sobrecarga de atividades, muitas vezes mecânicas, isto é, o fardo repetitivo do cotidiano, e, que não possui nenhum valor, nenhum significado para o desenvolvimento do espírito livre, em que o homem possa descansar dele mesmo.

Estes argumentos do filósofo convergem exatamente com a proposta do documentário. Nietzsche diz que precisamos descobrir o herói e, também, o tolo que há em nossa paixão pelo conhecimento, nossa constante busca e necessidade de verdade. Então, ele recomenda que nada nos faz tanto bem como o *chapéu do bobo*, necessitamos dele diante de nós mesmos, necessitamos de toda arte exuberante, flutuante, dançante, zombeteira, infantil e venturosa, para não perdermos a liberdade de pairar acima das coisas que o nosso ideal exige de nós, pois, para ele seria um retrocesso, cair totalmente na disciplina que o sistema de normas, regras, leis exige. Essa retidão, em razão de severas exigências representa

fazermos de nós mesmo, virtuosos monstros e espantalhos. Encontramos nestas palavras de Nietzsche, a receita que o documentário *Tarja Branca* orienta para enfrentarmos os imperativos da “tarja preta”, a vida séria, pesada, estressante da contemporaneidade que leva muitas vezes ao adoecimento. Este enfrentamento corresponde a valorização da brincadeira em qualquer idade e, reconhece-a como um meio de expressão, imaginação, criatividade e aprendizagem.

Como podemos visualizar no Quadro 12, a seguir.

Quadro 12 – Liberdade *versus* Determinismo no Documentário *Tarja Branca A Revolução Que Faltava*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: TARJA BRANCA A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA			
TEMA: LIBERDADE VERSUS DETERMINISMO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Estimular o pensamento crítico acerca da compreensão dos temas liberdade e determinismo à luz do documentário <i>Tarja Branca</i>.</p> <p>Assimilar conceitos e ideias defendidas pelos filósofos representantes dessas teorias e exemplificá-las a partir do documentário.</p> <p>Adquirir amplo entendimento dos temas referidos através de textos selecionados que sejam relevantes sobre este assunto.</p>	<p>Conceito de Liberdade e Determinismo.</p> <p>Exemplificações sobre Liberdade e Determinismo na perspectiva de pensadores que representam as respectivas teorias.</p> <p>Formas de Determinismo.</p> <p>Abordagem de Sartre sobre a Liberdade Humana.</p> <p>Ideias de David Hume sobre Determinismo e Liberdade.</p> <p>Crítica de Nietzsche a diferentes formas de Determinismo.</p>	<p>I- Introdução: Desenvolver aula debate buscando ressaltar articulações de trechos do documentário à teoria da liberdade e a teoria do determinismo.</p> <p>II- Contextualização: Elaboração e apresentação teatral que aborde os temas liberdade e determinismo em sintonia com alguns depoimentos exibidos no documentário.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Produção textual que evidencie aspectos comuns entre <i>Tarja Branca</i> e os textos propostos para o referido tema.</p>	<p>Documentário: <i>Tarja Branca A Revolução Que Faltava</i></p> <p>Texto 1: <i>Liberdade: uma condenação</i>, Jean Paul Sartre.</p> <p>Texto 2: <i>Tratado Sobre a Natureza Humana</i>, David Hume.</p> <p>Texto 3: <i>A Gaia Ciência</i>, Nietzsche.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2017).

4.5 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Nós Somos A Legião: A História dos Hacktivistas*

Este documentário nos apresenta um dos maiores grupos cyberativistas da atualidade: O *Anonymous*, considerado por seus integrantes em todo mundo e simpatizantes, um movimento mundial de liberdade na internet. Entretanto, outra grande maioria de pessoas concebe este movimento como irresponsável, perigoso e até terrorista, pois, já conseguiram derrubar muitos sites de empresas multinacionais, atacaram crenças como a cientologia, mas também já denunciaram muitos problemas negativos para a sociedade. Este movimento se formou inicialmente por membros do fórum 4chan, eles ficaram conhecidos como anônimos por conta de seus perfis incógnitos na rede. São zoadores de carteirinha que buscam instaurar o caos nos ambientes virtuais. Este caos às vezes pode ser positivo, mas outras vezes negativo, através de mobilizações completamente insanas, tendo como *modus operandi*, a opinião pública.

O movimento hacktivista organizava desde denúncias em massa por e-mail até uma infinidade de comentários de conteúdo vexatório, praticavam invasões em diferentes sites, ameaçavam juízes e outras autoridades, fabricaram vídeo para derrubar a igreja de cientologia e pequenas igrejas com suas máfias. Portanto, eles usam a internet para protestar sobre praticamente tudo, e sua operação tem líderes momentâneos, não existem líderes efetivamente. Tudo é alvo desse grupo. Eles tratam a internet como um jogo da vida real, por isso, muitas vezes perturbam a vida de pessoas inocentes. Embora estes *anonymous* tenham praticado muitas coisas ilegais, eles não se reconhecem criminosos na medida em que acreditam que beneficiaram pessoas com seus ataques e denúncias a empresas e outras instituições.

4.5.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Liberdade de Pensamento e de Expressão no Documentário *Nós Somos A Legião: A História Dos Hacktivistas*

Neste documentário, nos deparamos com aspectos positivos, mas também negativos sobre o uso da liberdade de pensamento e expressão, pois, o movimento *Anonymous* que reivindica a liberdade de expressão na internet, de um lado gera o

caos, derrubando sites, empregando meios ilícitos para denunciar coisas erradas, perturbando a vida das pessoas, ao violar sua privacidade, praticar várias formas de assédio e *bullying*. De outro lado, colaboram quando interferem no curso da história ao denunciar esses erros, muitas vezes estão beneficiando pessoas, até a sociedade. Esses garotos malvados do ativismo, como são chamados por muitos, são realmente fortes. Contudo, muitos, também os definem como criança forte com baixa autoestima, por incitarem um tipo de liberdade caótica, irresponsável, suas ações, quase sempre, estão acima da ética, da norma, da lei.

O período histórico Iluminista, também designado Idade da Razão, representou a conquista de direitos, tais como, a liberdade de pensamento e expressão, que foi obtida pela manifestação, principalmente escrita, de vários pensadores, como o filósofo francês, Voltaire, em sua obra *Tratado Sobre a Tolerância* (VOLTAIRE, 2015), que defende a convivência pacífica entre seres humanos diferentes e divergentes, mas que se relacionam entre si. Sua ideia sobre o respeito a liberdade de pensar e se expressar dos indivíduos vai de encontro com o posicionamento de integrantes do movimento hackativista *Anonymous*, que concebem a liberdade de opinião como mais importante, como cita uma das entrevistadas no documentário, de que não importa a religião, o credo, as convicções, ou o ódio que sinta por alguém, mas o que vale, o que importa verdadeiramente é seu direito de opinião. Em outras palavras, o depoimento desta jovem transmite exatamente a mesma ideia postulada por Voltaire, expressa em sua célebre frase: “não concordo com o que dizes, mas defendo até a morte seu direito de dizer”. Este autor nos inspira liberdade, porque não negava somente a intolerância religiosa, mas qualquer de suas formas.

Em *Nós Somos a Legião*, o *Anonymous*, movimento que tem em sua essência o anonimato, usa *sites* como o 4chan onde há uma completa falta de privacidade, desrespeito às pessoas, pois eles fazem pegadinha com exatamente tudo, quem visita este *site* jamais se esquece das postagens, horrendas, nojentas, absurdas, é o lugar prolífero para a cultura *hacker*. Eles não demonstram qualquer escrúpulo, tratam a internet como um jogo da vida real, sua meta é humilhar, exasperar, enfurecer, seus alvos. Desse modo, usam sua liberdade de expressão em ambientes virtuais, para importunar, retirar o sossego de pessoas ou instituições, ameaçar autoridades e, muitas vezes em decorrência desses atos, acabam prejudicando seriamente pessoas inocentes. Este estado de anomia absoluta, a falta

de regras, leis em que esses hackativistas agem, pode nos esclarecer melhor as ideias do filósofo Thomas Hobbes em sua obra-prima *O Leviatã*, na qual ele relata que o homem em estado de natureza, ou seja, na ausência de uma comunidade política, sociedade, mais precisamente, na ausência de um contrato social, de leis que possam proteger os homens uns dos outros, podem se destruir (HOBBS, 1997). Assim, sendo, é mais vantajoso aceitar entregar suas liberdades ao Estado, para em troca terem suas vidas preservadas.

Neste sentido, a internet é reconhecidamente um território sem lei, selvagem, pois muitas vezes é utilizada de forma irresponsável pelos ativistas e estes manipulam comunidades inteiras, sem nenhuma ética, limite ou parâmetro, provocando efeitos devastadores, criam memes que se tornam uma ideia. Isto é realmente assustador. Diante deste contexto, é coerente citarmos a visão de Malcolm X, um importante líder americano na luta contra o racismo, em um de seus poemas sobre o poder da imprensa, ou de quem faz uso das mídias, como o hackativismo, para construir imagens distorcidas sobre pessoas ou situações. Segundo ele, a mídia é a entidade mais poderosa do planeta. Ela é capaz de fazer um criminoso parecer vítima, e transformar uma vítima em criminoso. Nas mídias em geral, a voz do opressor sobressai e se sustenta, em detrimento da voz do oprimido. Então ele aconselha que sejamos muito cuidadosos ao ler, ver, ouvir, em suma, usar mídias para não concebermos as distorções frequentes nessa atividade.

Como podemos verificar no Quadro 13, a seguir.

Quadro 13 – Liberdade de Pensamento e Expressão no Documentário *Nós Somos A Legião: A História dos Hacktivistas*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: NÓS SOMOS A LEGIÃO: A HISTÓRIA DOS HACKATIVISTAS			
TEMA: LIBERDADE DE PENSAMENTO E EXPRESSÃO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Dialogar sobre a origem da liberdade de pensamento e expressão no período iluminista e as implicações positivas e negativas de seu uso no documentário.</p> <p>Compreender as consequências da ausência de direito a este tipo de liberdade, assim como, as vantagens de conquistá-lo a partir da análise do documentário.</p> <p>Reconhecer a necessidade e a importância da lei para regular e limitar o direito de livre pensamento e expressão na internet.</p> <p>Ler textos filosóficos de clássicos da filosofia e textos não filosóficos que tratem deste tema.</p>	<p>Conceito e origem de Liberdade de pensamento e expressão.</p> <p>Filósofos iluministas que defenderam a liberdade de pensamento e expressão.</p> <p>Apresentação do texto sobre tolerância, de Voltaire, e suas implicações com trechos do documentário.</p> <p>Abordagem sobre a Filosofia de Thomas Hobbes que defende a liberdade limitada pelo Estado, para a proteção dos homens, uns dos outros.</p> <p>Apreciação de Poema de Malcolm X sobre o poder dos meios de comunicação.</p>	<p>I- Introdução: Análise e discussão sobre o uso da liberdade de pensamento e ação na internet, como supõe o movimento Anonymous no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar a grupos de alunos da turma que realizem uma entrevista com funcionários da escola e, também, alunos de outras turmas sobre a liberdade de imprensa (aspectos positivos e negativos), de que modo os jovens devem empregar sua liberdade de pensamento e expressão na internet, em benefício da sociedade, como preconizam algumas falas do documentário.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Produzir texto sobre Liberdade de pensamento e expressão desenvolvendo articulações com o documentário os textos de Voltaire, Hobbes e Malcolm X.</p>	<p>Documentário: <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hacktivistas</i></p> <p>Texto 1: <i>Tratado Sobre a Tolerância</i>, Voltaire.</p> <p>Texto 2: <i>O Leviatã</i>, Thomas Hobbes.</p> <p>Texto 3: <i>Poema Sobre Meios de Comunicação</i>, Malcolm X.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.5.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Anarquismo no Documentário *Nós Somos A Legião: A História Dos Hackativistas*

É comum associarem o anarquismo a bagunça, ao caos, mas não se trata disso. Na verdade, o anarquismo refere-se a uma teoria socialista, que apresenta como princípio a preferência por alternativas de organização voluntária, em oposição ao estado, considerado nocivo e desnecessário (ARANHA & ARRUDA, 2013). Do mesmo modo, no documentário *Nós Somos a Legião: A história dos hackativista*, retrata um movimento, denominado *anonymous*, que tem em sua essência o anonimato e não se sabe ao certo como ele se originou. É um grupo conhecido por gerar o caos na internet, em uma era de informação livre, por isso, causa desconforto para muitas pessoas, mas também, há quem os veja como heróis, quando, por exemplo, denunciam abusos de autoridades, empresas, Estado e outras instituições.

Mas, deixemos claro, que o anarquismo não compactua com o desrespeito às liberdades individuais, pelo contrário, este movimento é baseado na organização não coercitiva, regida pela cooperação e pela aceitação dos membros da comunidade. Eles defendem a autodisciplina e cooperação em vez do poder hierárquico imposto de cima para baixo, como na sociedade estatal. Na obra *Deus e o Estado*, de Mikhail Bakunin (2000), um dos principais representantes do anarquismo, define o Estado como instrumento político do capitalismo, da burguesia, que estabelece sobre o povo uma dominação e alienação por meio da religião e de todas as leis jurídicas.

Podemos perceber, a partir das ideias de Bakunin, que mesmo sem uma intencionalidade, se estruturam alguns posicionamentos de integrantes do *anonymous*, como a concepção que eles têm de Estado, pois, que deva ser suprimido e o povo seja soberano e plenamente livre. Eles propagam a defesa do acesso e uso livre da internet, mesmo que seja atropelando a legalidade jurídica, para denunciar algo errado, e justificam que pessoas serão beneficiadas com isto, portanto, muitas vezes, agem acima do eticamente correto, para eles valem mais os efeitos que resultaram de suas investidas do que os meios ou atos empreendidos para alcançar tais resultados.

Em seu ideal revolucionário, Bakunin pretende aniquilar todo sistema político-clérico-burguês, portanto, as instituições econômicas, jurídicas, religiosas e políticas do Estado a fim, a fim de elevar, fortalecer as massas populares, os despossuídos de capital. Para tanto, a teoria socialista revolucionária de Bakunin aprova o uso da violência organizada para extirpar o sistema de dominação social. Ele garante que isso só é possível com a luta organizada do povo, uma revolução construída de baixo para cima, levaria o movimento anarquista a realizar a liberdade completa. No documentário, os *hackers* ativistas também se organizam, agem de forma truculenta, agressiva, quando lutam pela liberdade de falar, do poder do povo, sua capacidade de protestar na internet contra o que é errado em todos os lugares. Também podemos considerar esse movimento de revolucionário, que fazem história, buscam transformar a realidade, a partir da propaganda de desconstrução de ideologias de diferentes instituições sociais. Entretanto, em alguns casos são heróis, em outros, vilões.

Na medida em que o movimento *Anonymous* busca derrubar estruturas de poder para combater o errado, acreditam que estão agindo eticamente, mesmo que não empreguem meios legais para isso. O texto de Henry Thoreau (2012), sobre *Resistência ao governo civil*, esclarece que o melhor governo é aquele que não governa, mas partindo do princípio de que os homens estejam preparados, pois este seria o governo adequado para eles. Esse texto nos remete ao documentário pela razão de que em alguns casos, os ativistas agem de forma política, conscientes do seu papel social, contribuem para mudanças positivas, este, portanto, é o ideal de uma comunidade anarquista, pessoas ativas, preparadas, que se autorregulem e cooperem entre si, desse modo, não necessitam se submeter a governos.

Na história em quadrinhos *V de Vingança*, escrita por Alan Moore (1988) e desenhada por David Lloyd, é bastante perceptível a sintonia entre esta obra e o documentário *Somos a Legião: A história dos hackativista*, pois, o Movimento Mundial de Liberdade na Internet, denominado *Anonymous*, adota, de certo modo, a postura da personagem protagonista de *V de Vingança*, um revolucionário misterioso que tenta destruir o Estado através de ações diretas. Esta é a ideia central do movimento anarquista. Assim sendo, os integrantes deste movimento agem como o protagonista V, de forma violenta, a partir da gama de habilidades e recursos que possuem na internet, eles derrubam sites, prejudicam pessoas e instituições, sem nenhum princípio legal ou ético. A Maioria deles defende a crença

de que estão contribuindo para a sociedade ao combater erros, mesmo violando os princípios da legalidade e da ética.

Desse modo, os membros do *anonymous* afirmam que são bons criminosos, porque colaboram com a sociedade e com a História apesar do desrespeito às leis e à ética. Então, o poderoso movimento *anonymous*, como é reconhecido por muitos, compreende que não se faz história, não se muda a história com flores, mas com batalhas, a própria história assim nos ensina. Eles se vestem da mesma máscara usada por V no filme, a máscara do soldado inglês, católico, que teve participação na “conspiração da pólvora”, que pretendia assassinar o rei protestante Jaime I e os membros do parlamento inglês durante uma sessão em 1605, para dar início a um levante católico. Esta máscara se tornou o símbolo do grupo *anonymous* contra a tirania, em seus protestos como as manifestações na sede de Cientologia, no movimento *Ocupa Wall Street*, nos Estados Unidos e em outros semelhantes ao redor do mundo. Finalmente, muitos entrevistados no documentário *Nós Somos a Legião*, advertem a importância de enfatizar que de um lado, é nobre o papel exercido pelo *anonymous*, sua contribuição social, que por meio da organização de despossuídos ou afetados em alguns de seus direitos humanos, civis, etc., se organizam via internet para combater. Contudo, de outro lado, é pavoroso, hediondo, como consequência de seus atos irresponsáveis, surreais, arrasam a vida de pessoas, instituições trazendo prejuízos políticos, sociais, morais, econômicos e outros incalculáveis danos.

Como podemos conferir no quadro 14, a seguir.

Quadro 14 – Anarquismo no Documentário *Nós Somos A Legião: A História dos Hackativista*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: NÓS SOMOS A LEGIÃO: A HISTÓRIA DOS HACKATIVISTAS			
TEMA: ANARQUISMO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Explicar conceito e características do anarquismo, relacionando sempre a trechos do documentário <i>Nós Somos a Legião</i>.</p> <p>Conhecer as principais ideias defendidas pelo anarquismo, seus representantes e movimentos e articulá-los às ideias de integrantes do documentário.</p> <p>Compreender textos relacionados ao tema anarquismo como suporte ao entendimento do conteúdo presente no documentário.</p>	<p>Conceito e características de Anarquismo.</p> <p>Principais representantes e ideias defendidas pelo Anarquismo.</p> <p>Movimentos Anarquistas</p> <p>Análise e compreensão do texto <i>Deus e o Estado</i> de Mikhail Bakunin.</p> <p>Apresentação do texto <i>Resistência ao governo civil</i> de Henry Thoreau.</p> <p>A perspectiva do anarquismo a partir de <i>HQ V de Vingança</i> de Alan Moore e David Lloyd.</p>	<p>I- Introdução: Promover debate sobre as concepções anarquistas partindo de ideias e comportamentos divulgados em <i>Nós Somos a Legião</i>.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar a turma que produza um mural com ideias comuns ao movimento anarquista e ao movimento anonymous que o documentário trata, sobre os modos de interpretar e transformar a realidade. Esse mural deve ficar exposto na biblioteca ou pátio da escola, pelo menos, por um período, e, assim, compartilhar conhecimentos.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Produzir texto sobre as ideias anarquistas considerando a leitura de textos sugeridos e documentário.</p>	<p>Documentário: <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hackativistas</i></p> <p>Texto 1: <i>Deus e o Estado</i>, Mikhail Bakunin.</p> <p>Texto 2: <i>Resistência ao Governo Civil</i>, Henry Thoreau.</p> <p>Texto 3: <i>HQ V de Vingança</i>, Alan Moore e David Loyd.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.5.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Revolução da Internet no Documentário *Nós Somos A Legião: A História Dos Hacktivistas*

A globalização e a revolução informacional que ocorreu através dos meios de comunicação, em especial, da internet, provocou mudanças significativas na vida social. Para o sociólogo polonês Bauman (2001), em sua obra *Modernidade Líquida*, que enfatiza o fenômeno da globalização onde os acontecimentos mesmo separados por longas distâncias, fuso horários, questões políticas e sociais diversas, se tornaram universais. Por esta razão, o mundo agora valoriza a instantaneidade do software, que delinea uma modernidade líquida, em que prevalece a flexibilidade, a dissolução de forças tradicionais, não há mais padrões de referência, mas a ação política de coletividades humanas, sobretudo, quando geram conhecimentos e inovações, como afirma Bauman (2001).

Os argumentos deste autor leva-nos a refletir e compreender como a cultura hacker apresentada no documentário *Nós Somos A Legião: A história dos hacktivistas* é capaz de promover intensas revoluções facilitadas pelo uso da internet. A ação desses grupos como *Anonymous*, *Wikileaks* e outros, possuem líderes momentâneos, não existem líderes efetivamente. Tudo é alvo dos hackers, eles são o exército da internet, às vezes suas ações são positivas, mas também negativas. Defendem que o conhecimento é livre e podem usá-lo como quiserem.

Em entrevista a revista *Época*, Eco (2011), afirma que informação demais faz mal e é isto que a geração desta era digital tem buscado. O pensador, escritor e professor italiano acrescenta que a internet é perigosa para o ignorante e útil para o sábio, pois, ela não filtra o conhecimento e congestiona a memória do usuário. Assim, ele admite que ausência de informação pode ser bem menos prejudicial do que o acúmulo delas, uma vez que a internet não seleciona o conhecimento, revela que um site publicou fofocas a seu respeito, e teve que intervir para corrigir os erros. Desta forma, o autor adverte que a internet ainda é um mundo selvagem e perigoso e, completa, dizendo que a imensa quantidade de coisas que circula é pior do que a falta de informação. Umberto Eco conclui sua fala com a seguinte previsão: a longo prazo, a internet pode trazer resultados pedagógicos danosos, porque uma legião de ignorantes usarão essa ferramenta para as mais variadas imbecilidades e bobagens, como jogos, bate-papos, notícias irrelevantes. Então, ele aconselha que é coerente

às universidades criarem uma disciplina sobre filtragem de conhecimento, pois, conhecer não é absorver o que se apresenta, mas saber filtrar.

Diante destes argumentos de Eco, é possível delinear uma robusta conexão com o documentário *Nós Somos a Legião*, justamente pelo fato de os hackativistas agirem muitas vezes de modo imbecil, atacando pessoas, instituições diversas com falsas ideias ou conhecimentos irrelevantes e instaurando o caos, portanto, na maioria das vezes, de forma intencionalmente irresponsável, absolutamente desprovida de ética, não filtram o conhecimento que transmitem e, assim, tornam a internet um território hostil, violento e perigoso, como descreveu o escritor italiano. Muitos hackativistas fazem pegadinhas com praticamente tudo. Eles se intitulam como o coringa da internet, a favor do caos, acreditam que o caos tanto pode trazer algo de bom como de ruim.

Na música *Tribunal do Feicebuqui*, o cantor e compositor Tom Zé, em um tom de ironia faz um desabafo às críticas recebidas nas redes sociais, por ter sido contratado para dar voz a uma propaganda em vídeo da Coca-Cola. Portanto, de forma cruel, antiética e ilegal, muitas pessoas usaram as redes sociais com argumentos mesquinhos, chamando o cantor de vendido, entre outros termos pejorativos. E, Tom Zé, responde a estas críticas através desta composição, empregando as mesmas estratégias, ou seja, piadinhas carregadas de críticas depreciativas em relação a ele próprio, mas de forma bem irônica. Desse modo, o cantor questiona os limites da razão e do comportamento humano.

Esta sua postura, vai frontalmente de encontro com as polêmicas geradas em torno da cultura hacker, apresentadas no documentário, pois, o compositor concebe, que usuários da redes sociais pregam o ódio, ao detonar, destruir a imagem, a identidade, a vida de pessoas ou outras entidades, desrespeitam, violam a privacidade delas, um direito constitucional, conquistado a duras penas e, que constantemente é infringido. Será que esse direito a liberdade e a privacidade continuarão somente na história do romance, como reconhece Kundera (*apud* RORTY, 2007). Assim sendo, o músico nomeia as pessoas que se prestam a estas atitudes de *haters* e não *hackers*, ou seja, aqueles que praticam *bullying* virtual, que odeiam, são assim chamados, os odiadores.

Em várias passagens de *Somos a Legião: A história dos hackativistas*, nos deparamos com estas atitudes odiantas, a prática do *cyberbullying* por diferentes grupos na internet, um dos principais é 4 Chan, aliás, é considerado o site mais

nojento do mundo, em razão da soma da “criatividade ou imaginação” de muitas pessoas, que pintam juntas sem nenhum parâmetro ou limites qualquer situação, objetos, pessoas. Então, produzem cenas, vídeos, memes, assim como, a maneira de escrever as coisas e postar imagens, são às vezes cômicas, mas também aterradoras. Quem acessa esses ambientes virtuais, jamais esquece o que vê, porque é mesmo chocante, a ausência de escrúpulos destes internautas, que também se expressam nas redes sociais.

Como podemos constatar no quadro 15, a seguir.

Quadro 15 – A Revolução da Internet no Documentário *Nós Somos A Legião: A História dos Hackativistas*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: NÓS SOMOS A LEGIÃO: A HISTÓRIA DOS HACKATIVISTAS			
TEMA: A REVOLUÇÃO DA INTERNET			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Apreender as principais mudanças produzidas pela internet, por meio das redes sociais a partir do documentário <i>Nós Somos a Legião</i>.</p> <p>Assimilar, em que medida a internet contribui ou presta um desserviço à sociedade através das ações do movimento <i>anonymous</i>, presente no documentário.</p> <p>Discutir os perigos da ausência de ética e desrespeito à legislação ao utilizar os recursos da internet relacionando a narrativa do documentário.</p> <p>Interpretar textos filosóficos e não filosóficos sobre o tema desta unidade didática.</p>	<p>Conceito e História da Internet.</p> <p>Como o ciberespaço tem revolucionado a vida das pessoas.</p> <p>Ética e Cultura Digital.</p> <p>Implicações sociais produzidas pelo uso de mecanismos da internet: Redes Sociais.</p> <p>Abordagem sobre o uso da internet a partir da concepção de Zygmunt Bauman.</p> <p>A visão de Umberto Eco sobre a utilidade da internet.</p> <p>Análise da Letra musical Tribunal do Feicebuque de Tom Zé.</p>	<p>I- Introdução: Debate sobre a influência das mídias sociais, como a internet na vida das pessoas partindo de trechos do documentário.</p> <p>II- Contextualização: Pesquisar e selecionar fatos praticados pelos hackativistas <i>anonymous</i>, que mesmo desrespeitando a ética e a legalidade, contribuíram para beneficiar pessoas e fatos que prejudicaram pessoas. Em seguida, fazer a exposição desse material em painéis.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual:</p> <p>Interpretação e produção textual relacionando tema do documentário aos textos indicados nesta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Nós Somos A Legião: A História dos Hackativistas</i></p> <p>Texto 1: <i>Modernidade Líquida</i>, Zygmunt Bauman.</p> <p>Texto 2: <i>Informação Demais Faz Mal</i>, Umberto Eco.</p> <p>Texto 3: <i>Tribunal do Feicebuqui</i> Tom Zé e as Bandas o Terno, Trupe Chá de Boldo, Filarmônica de Pasárgada e os músicos Tatá Aeroplano e Emicida.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.6 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Criança, A Alma do Negócio*

O documentário denuncia a interferência da mídia no desenvolvimento e comportamento infantil. A propaganda influencia continuamente o consumismo entre as crianças e, também, os adultos. A indústria capitalista que visa exclusivamente os lucros, não está preocupada em afetar a qualidade de vida dessas pessoas. As crianças precocemente são induzidas ao desejo de consumir como ação mais importante, mais necessária em suas vidas para se sentirem bem e felizes. Entretanto, valores como viver a infância, brincar está sendo substituído por fazer compras.

Infelizmente, muitos pais reforçam o comportamento consumista das crianças, o que prejudica seu desenvolvimento, pois vão deixando de lado a infância e iniciam um comportamento adulto muito cedo, se interessam mais em frequentar um salão de beleza ou ir ao shopping do que brincar. Atualmente, sempre nos deparamos com crianças que apresentam comportamento e modo de se vestir como adultos. Muitas delas já possuem celulares, computadores, passam mais tempo nessas mídias ou assistindo televisão do que brincando.

Desse modo, a propaganda que está presente no programa infantil, em seus intervalos, nas músicas, molda a personalidade das crianças, transformando-as em adultos precoces, que constituem família, muitas vezes, sem estarem preparadas para essa responsabilidade. É necessário um processo de conscientização por parte dos pais e escola, para que se volte a valorizar a infância, e assim, permitir que as crianças aproveitem adequadamente cada etapa da vida.

4.6.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: O Consumo Alienado no Documentário *Criança, A Alma do Negócio*

Este documentário aborda o tipo de consumo gerado pelo sistema capitalista, o consumo alienado, que a partir da mídia introduz no ser humano a necessidade de consumo excessivo, a pessoa passa a comprar coisas que não precisa. O público alvo da propaganda neste documentário é o infantil que é sua presa fácil, eles influenciam os pais ou responsáveis. Este tipo de consumo alienado está presente em todos os tipos de mercadorias, alimentos, roupas, calçados, eletroeletrônicos,

brinquedos, assim por diante. O consumo consciente, ao contrário, é o consumo responsável, que se preocupa com as consequências de sua compra, com a qualidade de vida no planeta e das próximas gerações.

No texto, *Os Tempos Hipermodernos*, de Gilles Lipovetsky (2004), encontramos a descrição da sociedade de consumo alienado presente no documentário, a qual o autor denomina de hipermodernidade. Para Lipovetsky, a sociedade hipermoderna é a sociedade da hipervalorização das sensações íntimas, do hipernarcisismo, do hiperconsumo, da lógica da moda. O filósofo afirma que o indivíduo hipermoderno encontra-se inquieto, corroído pela ansiedade. Essa vulnerabilidade da sociedade hipermoderna submetida a onipotência da lógica consumista cada vez mais cedo, é a preocupação central do documentário *Criança, a alma do negócio, pois*, os valores e princípios do consumo estão impregnados na vida das pessoas. O ato de brincar genuíno tem sido substituído pelo consumismo, isto vem interferindo no desenvolvimento saudável das crianças. A alegria, o bem estar encontra-se associado ao consumo, fazer compras, ir ao shopping. Desta forma, as crianças são prejudicadas nas etapas de suas vidas, se tornam adultos precoces, mas infantis.

No documentário, tornar a criança mais precoce significa a aquisição de um consumidor mais cedo no mercado. O desejo do consumo é implantado na criança pelos comerciais de televisão, grupo de amigos, que influenciam a competição, a sensação de poder pelo uso da marca que a pessoa consome. Na obra *O Mal Estar na Civilização*, de Freud (2010), nosso sofrimento ou felicidade advém da própria dinâmica do desejo, nada mais provocativo e inquietante do que o desejo, que nunca está satisfeito, não descansa, persiste, nos consumindo continuamente. É basicamente este princípio, que norteia a propaganda voltada para o público infantil que o documentário aborda. Portanto, o mal estar ou o prazer e a felicidade da civilização do consumo alienado está relacionado a insatisfação ou satisfação do desejo de consumir.

As propagandas apelativas direcionadas às crianças para o consumismo, dizendo peçam aos seus pais, alguns entrevistados afirmam que a propaganda acaba por colocar as crianças contra os pais, quando eles não atendem a seus desejos. Nesse sentido, na sociedade consumo não é a família, a escola, a igreja que vai fazer a cabeça da criança, mas a própria mídia. Entretanto, o documentário informa que a criança precisa ouvir o não, não pode, não dá, de seus pais para

amadurecerem enquanto pessoas, compreenderem o valor do consumo com responsabilidade. A ênfase nesta postura de conscientização dos pais pode ser reforçada a partir da mensagem apresentada no cordel *A Criança e o Consumo*, de Carlos Alberto Custódio (2012): “Comprar não é pecado, querer não é errado, quero condenar o consumismo desenfreado, que transforma a criança em adulto frustrado. Portanto, cultivar o consumismo na criança não auxiliará no seu crescimento pessoal, pelo contrário, só contribui para transformá-la em um adulto imaturo, insatisfeito, frustrado.

Como podemos verificar no quadro 16, a seguir.

Quadro 16 – O Consumo Alienado no Documentário *Criança, A Alma do Negócio*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO			
TEMA: O CONSUMO ALIENADO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Compreender o contexto e as motivações da origem e estabelecimento da cultura de consumo alienado, fazendo uso de trechos de <i>Criança, A Alma do Negócio</i>.</p> <p>Diferenciar consumo consciente de consumo alienado a partir da dinâmica do consumismo apresentada no documentário.</p> <p>Elencar as consequências do consumo precoce e alienado da sociedade a partir do discurso presente no documentário.</p> <p>Analisar textos que discutem o tema sobre consumo alienado e fazer a articulação entre eles e o documentário.</p>	<p>Conceito e características do consumo consciente e consumo alienado.</p> <p>Origem e motivações da cultura de consumo alienado.</p> <p>As múltiplas consequências do consumismo na infância para a sociedade.</p> <p>Estudo e análise de texto de Gilles Lipovetsky.</p> <p>Compreensão de texto <i>O Mal Estar na Civilização</i> de Freud.</p> <p>Apreciação de Cordel: <i>A Criança e o Consumo</i> de Carlos Alberto Custódio.</p>	<p>I- Introdução: Discutir as causas e consequências do consumismo infantil a partir do documentário.</p> <p>II- Contextualização: Produzir um vídeo com entrevistas direcionadas a jovens de outras turmas da escola, com o seguinte questionamento: o que as deixam felizes e, em seguida, fazer um levantamento das respostas, isto é, conferir se a maioria está relacionada ao consumo e que tipo de consumo. Depois realizar a socialização do trabalho.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Pensar e produzir seu texto sobre consumo alienado a partir dos textos e documentário indicados nesta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Criança, A Alma do Negócio</i>.</p> <p>Texto 1: <i>Os Tempos Hipermodernos</i>, Gilles Lipovetsky.</p> <p>Texto 2: <i>O Mal Estar na Civilização</i>, Sigmund Freud.</p> <p>Texto 3: <i>Cordel: A Criança e o Consumo</i>, Carlos Alberto Custódio.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.6.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: O Lazer Alienado no Documentário *Criança, A Alma do Negócio*

O lazer alienado é uma forma de dominação ideológica, originado na cultura capitalista que através da mídia, direciona o tempo livre das pessoas, molda seus gostos, isto é, a maneira como elas deverão gastar esse tempo. Dentro deste contexto, o lazer alienado encontra-se intrinsecamente relacionado ao consumo. Grande parte das pessoas não se sentirão plenamente satisfeitas em um tipo de lazer que não envolva o consumo orientado pelos meios de comunicação de massa, como por exemplo, o descanso, a caminhada na orla marítima, na praça, no parque, ou simplesmente, um piquenique. Essas atividades são desestimuladas, principalmente, pelo poder público e pelas mídias que trabalham a favor da lucratividade do capitalismo, impondo obstáculos, como não investir em espaços públicos de lazer e cultura e, também, reforçar o medo da violência urbana nas pessoas.

No documentário é enfática a manifestação do desejo das crianças em seguir o modelo de lazer alienado produzido pelo mercado do capitalismo. Suas opções de lazer estão sempre voltadas para o consumismo, passeios aos *shoppings centers*, cinema, lanches, aquisição de brinquedos e outros produtos apresentados nas propagandas comerciais. A brincadeira livre, criativa, genuína, tem sido descomedidamente substituída pelo consumo, portanto, um momento de lazer, significa comprar, consumir. Essa ideia de lazer alienado disseminada no público infantil narrada em *Criança, A Alma do Negócio*, converge com as ideias desenvolvidas por Adorno e Horkheimer (1985), na obra *Dialética do Esclarecimento*. Nela, os pensadores da Escola de Frankfurt, que produziram uma teoria crítica da sociedade moderna, também responsáveis pela criação de expressões como Indústria Cultural e Cultura de Massa, compreendem que o lazer alienado é produto dessa indústria cultural e tornou-se cultura de massa. Desse modo, Adorno e Horkheimer questionam as consequências do avanço da técnica que fortaleceu o sistema capitalista de produção, substituindo a razão, o conhecimento, exaltados no Período Iluminista, por uma razão instrumental, que valoriza a técnica, a lucratividade como fim a ser alcançado e, o ser humano apenas como meio nesse processo.

Com isto, o documentário mostra que o lazer alienado não representa uma escolha livre, autônoma da criança, mas um modismo ditado pela cultura consumista do capitalismo, que manipula as crianças por meio da mídia e de outros grupos de crianças que aderem a este modelo, em seguida estas mesmas crianças induzirão seus pais a proporcioná-las este tipo de lazer consumista e alienante. O sociólogo Edgar Morin (2018), em seu livro *Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo-Neurose e Necrose*, esclarece sua intenção em empregar o termo neurose para expressar as consequências da cultura de massa que inclui o lazer alienado, esta estende seus poderes sobre o mundo e produz industrialmente os mitos que condicionam a integração do público consumidor à realidade social. O autor compreende a neurose não apenas como um mal do espírito, mas de um compromisso desse mal com a realidade por meio de fantasias geradas pela mídia. A necrose está relacionada à crise da cultura em razão da crise da sociedade de consumo. No documentário, os prejuízos da substituição da infância por adultos em miniatura, contudo, sem maturidade é o retrato da necrose na acepção de Morin.

Na narrativa do documentário, podemos verificar que as crianças já frequentam salão de beleza, passam mais tempo em frente a televisão ou utilizando celular, internet e não priorizam os passeios que propiciem o contato com a natureza, conhecer as plantas, as flores e outras tantas belezas naturais. A razão alienante da sociedade de consumo capitalista que imprime, principalmente, nas crianças que ainda não se encontram preparadas para a reflexão, os desejos, as vontades de se divertirem dizendo, fazendo o que a mídia manda, sua dicção é total alienação, conforme diz a música *Total Alienação*, de Armagedom (1986).

Como podemos observar no quadro 17, a seguir.

Quadro 17 – O Lazer Alienado no Documentário *Criança, A Alma do Negócio*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO			
TEMA: O LAZER ALIENADO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Conhecer o conceito de lazer alienado, suas características e seu contexto histórico procurando identificá-los através do documentário.</p> <p>Distinguir lazer não alienado de lazer alienado com ênfase nas consequências de ambos para a vida das pessoas e relacioná-los ao documentário.</p> <p>Elaborar ideias e desenvolver textos que demonstrem a compreensão do que seja lazer alienado, a partir da leitura de autores indicados nesta unidade didática e abordagem de <i>Criança, A Alma do Negócio</i>.</p>	<p>Conceito e características do Lazer Alienado.</p> <p>Contexto histórico da Cultura do Lazer Alienado.</p> <p>Diferenças e nível de satisfação dos indivíduos entre Lazer Não Alienado e Lazer Alienado.</p> <p>Compreensão do tema Lazer Alienado por meio do texto <i>Dialética do Esclarecimento</i>.</p> <p>Abordagem do texto <i>Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo</i>.</p> <p>Análise e interpretação de letra musical <i>Total Alienação</i>.</p>	<p>I- Introdução: Discutir o significado de lazer alienado, suas causas e consequências nas sociedades capitalistas.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos alunos que realizem uma enquete sobre a preferência de lazer de estudantes de outras salas de aula e funcionários da escola. Após isto, promover a socialização dos resultados da enquete em forma de debate.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Pensar e produzir seu texto sobre lazer alienado a partir dos textos e documentário indicados nesta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Criança, A Alma do Negócio</i>.</p> <p>Texto 1: <i>Dialética do Esclarecimento, Theodor W Adorno & Max Horkheimer</i>.</p> <p>Texto 2: <i>Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo- Neurose e Necrose, Edgar Morin</i>.</p> <p>Texto 3: <i>Total Alienação, Armagedom</i></p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.6.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio:

Publicidade e Mídia no Documentário *Criança, A Alma do Negócio*

Ao longo do documentário a publicidade infantil se manifesta através das mais variadas mídias. Essa indústria da propaganda está sempre presente, desde a televisão até os produtos alimentícios que as crianças consomem. No intervalo de um desenho animado e também na apresentação do mesmo, nos deparamos com a publicidade de produtos e marcas. As crianças são o principal veículo de publicidade infantil, elas são presas fáceis da mídia e, exercem forte influência sobre seus pais e grupos de amigos. Sem contar, que as crianças famosas, artistas, personagens de programas da mídia, impulsionam vorazmente a manipulação midiática.

No livro, *A Manipulação do Público* de Chomsky (2003), filósofo e linguista estadunidense em coautoria com Herman (2003), encontramos afirmações que reforçam o poder do tema exposto no documentário. Chomsky diz que a propaganda representa para a democracia aquilo que o cacete ou a repressão da polícia política significa para o estado totalitário. A propaganda, segundo ele, conduz as pessoas a pensarem consensualmente, mas não de forma conspiratória, ou seja, os meios de comunicação estão focados em causas econômicas e estruturais. Desta forma, para os autores, o sistema de propaganda não é conspiratório porque as pessoas que dele fazem parte não se juntam com o objetivo de prejudicar a sociedade, entretanto, é isso mesmo que acabam fazendo. A manipulação da opinião pública é a principal função da mídia, como podemos constatar no documentário.

A maioria das compras são decididas pelas crianças, constatamos isto, como se encontra retratado no documentário, que as mídias estão mais tempo conversando com elas do que seus pais ou responsáveis. Disso resulta que vivemos hoje uma sociedade robotizada pelos de comunicação de massa, os pais se deixam usar pela mídia, atendem aos apelos das crianças, por diferentes razões, como verificamos nos depoimentos de alguns deles. Ou porque eles não têm tempo para acompanhá-los, dar mais atenção a eles, então, buscam preencher essa carência satisfazendo seus desejos consumistas. Ou simplesmente, porque se acomodam, querem agradar sempre e não refletem sobre as consequências disto, não se preocupam em educá-los para mídia, bem como, evitar ou controlar o contato de seus filhos com esses recursos.

Na obra, *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord (1997), filósofo e cineasta francês, encontramos argumentos que estão perfeitamente sintonizados com a abordagem sobre publicidade e mídia expressa em *Criança, A Alma do*

Negócio. O filósofo chamou de Sociedade do Espetáculo, uma sociedade mediada por imagens, o fascínio pelo consumo cultuado, fortalecido pela cultura de imagens agradáveis, atrativas, que desencadeiam o desejo e provocam agudo interesse. De regra, é esta mesma, a intenção da propaganda, da publicidade infantil gerada pela mídia com o intuito de impactar e, assim, conquistar seu público. Tanto a obra quanto o documentário demonstram que a sociedade contemporânea tornou-se apenas meros espectadores, contempladores, seja da moral capitalista, do consumismo, da valorização do corpo esbelto, dos padrões exigidos pela mídia, esta busca pelo bem estar das pessoas, muitas vezes, se relaciona somente aparência das mesmas, sem levar em conta sua essência. Nessa sociedade, o capitalismo se naturalizou, assim como, a moral religiosa, que devem ser obedecidos rigorosamente, portanto, não são reconhecidos como construções sociais, mas como condições naturais.

O professor e filósofo brasileiro Mário Sérgio Cortella (2016), em entrevista concedida à Fundação Maria Cecília Souto Vidigal sobre a publicidade infantil, responde às mesmas perguntas e reflexões feitas no documentário *Criança, A Alma do Negócio*. Por exemplo, como os pais devem agir para proteger seus filhos da publicidade infantil abusiva. Cortella, entende que a publicidade infantil é mais um estímulo negativo entre vários que a criança está exposta. O autor afirma que os pais precisam ter o discernimento para selecionar o que deve ser aceito e o que faz mal a criança. Ele acrescenta, dizendo que não resolve retirar a criança do contato com a publicidade, isto não a prepara, não evita a “consumolatria”, o desejo insaciável de consumir. Mas, deve conversar com ela, de uma forma crítica e explicar. Contudo, se a criança tem somente quatro anos de idade, deve-se dizer não, é o suficiente.

Na conclusão da entrevista, o filósofo é indagado sobre seu posicionamento acerca das leis e projetos que restringem a publicidade infantil. Ele responde que boa parte está pautada no bom senso, como a autorregulação, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) como articulador. No entanto, isto não basta. Cortella, garante que é necessário uma pressão social em favor da regulamentação, mas que não ocorra por meio de censura, ao contrário, pelo consenso e através de parcerias. Outro aspecto que ele considera preocupante e, são os responsáveis diretos por legislar sobre os filhos é o enfraquecimento da autoridade dos pais, dos adultos. Este problema precisa ser enfrentado com extrema

urgência, os pais, responsáveis, devem se comprometer com a educação, formação de seus filhos, de forma integral, não devem deixá-los à vontade para serem moldados pelas mídias.

Como podemos verificar no quadro 18, a seguir.

Quadro 18 – Publicidade e Mídia no Documentário *Criança, A Alma do Negócio*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO			
TEMA: PUBLICIDADE E MÍDIA			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Discutir, a partir de <i>Criança, A Alma do Negócio</i>, como a publicidade e a mídia influenciam o público infantil para o consumismo e a adesão de atitudes e comportamentos que desprezam o desenvolvimento adequado dessa faixa etária.</p> <p>Estimular à reflexão, sobre a deliberada manipulação da mídia através de propagandas direcionadas ao público infantil demonstradas no próprio documentário.</p> <p>Perceber a necessidade de agir no sentido buscar meios éticos, educacionais e jurídicos que impeçam o uso da publicidade infantil abusiva, considerando a consistência de depoimentos exibidos no documentário.</p> <p>Ler textos indicados nesta unidade sobre o tema Publicidade e Mídia relacionando-os a narrativa presente no documentário.</p>	<p>Conceito de publicidade e mídia.</p> <p>Publicidade Infantil: O que é?</p> <p>Características das formas de manipulação da Publicidade e Mídia.</p> <p>Educação para a Mídia.</p> <p>Ética, Direitos e Publicidade Infantil.</p> <p>Compreensão de texto sobre A Manipulação do Público de Noam Chomsky e Edward Herman.</p> <p>Análise e interpretação de texto A Sociedade do Espetáculo de Guy Debord.</p> <p>Avaliação e estudo de texto sobre Publicidade Infantil de Mário Sérgio Cortella.</p>	<p>I- Introdução: Debater as influências e o que acarreta a publicidade infantil na vida e no desenvolvimento das crianças.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar ao discentes que produzam uma propaganda sobre os males da publicidade infantil abusiva para o desenvolvimento das crianças. Cada grupo de discentes produz sua propaganda e apresenta em mídias diferentes: Televisão, Rádio, Jornal, Internet. Pode ser através de encenação ou fabricação de cartazes com imagem das mídias e respectiva propaganda.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Pensar e produzir seu texto sobre Publicidade e Mídia à luz dos textos e documentário indicados nesta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Criança, A Alma do Negócio</i>.</p> <p>Texto 1: <i>A Manipulação do Público</i>, Noam Chomsky; <i>Edward Herman</i>.</p> <p>Texto 2: <i>A Sociedade do Espetáculo</i>, Guy Debord.</p> <p>Texto 3: <i>Publicidade Infantil</i>, Mário Sérgio Cortella.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.7 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

O documentário *Pro Dia Nascer Feliz*, dirigido por João Jardim, apresenta a realidade desigual da educação no Brasil, as condições, disparidades e semelhanças no contexto de escolas públicas e privadas em três estados do país, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. É assustadora a precariedade das escolas públicas exibidas neste trabalho, que vai desde problemas estruturais no espaço da escola, como ausência de manutenção nos prédios, falta de água, transporte escolar, insegurança, casos de violência, verba insuficiente, como também a ineficiência do sistema de ensino-aprendizagem que, de certo modo, precisa repensar sua prática educacional e, principalmente, a maquiagem executada nos conselhos de classe para aprovação de alunos que não teriam condições de seguir em séries seguintes. Por outro lado, nos defrontamos com a grande disparidade nos aspectos citados acima. O Colégio Santa Cruz, da rede privada de ensino do Estado de São Paulo, possui uma realidade completamente diversa, estrutura de excelência, não padecem de necessidades em termos de recursos materiais, entretanto, alguns problemas de ensino-aprendizagem demonstram uma notável semelhança com a rede pública de ensino, o educando, sua disciplina ou indisciplina, seu compromisso ou descompromisso com a aprendizagem.

Esta produção preocupa-se em demonstrar as angústias, comportamentos, como disciplina e indisciplina dos alunos e dificuldades, inquietações de outras ordens. Saber, portanto, quem é esse aluno e o que ele deseja, seus valores, como se relaciona no ambiente de sua formação escolar. Outra dimensão importante da escola é o papel do professor, muitos deles são entrevistados, expõem seu cotidiano profissional, expressam também suas angústias, dificuldades e expectativas e, desta forma, auxiliam no delineamento do quadro dos problemas internos e externos ao espaço escolar, mas que comprometem a qualidade da educação, como as desigualdades, a desestrutura familiar e a crescente violência no país. Enfim, este documentário convoca à reflexão sobre a necessidade de acompanhamento, atenção, cuidado para o bom desenvolvimento do aluno no âmbito familiar e o que a escola poderia oferecer para torná-los mais dedicados, interessados e, assim, melhorar o seu desempenho escolar.

4.7.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: O Ser no Mundo no Documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

O documentário, enfaticamente, nos apresenta grande disparidade em realidades escolares de jovens brasileiros. De um lado, as condições inadequadas e precárias da estrutura e ensino-aprendizagem de algumas escolas da rede pública de Pernambuco e Rio de Janeiro. Por outro lado, mostra a excelência em estrutura física, recursos materiais em uma escola da rede privada do Estado de São Paulo. Entretanto, ao considerarmos a visão do estudante sobre o sentido de frequentar a escola, a importância do ensino-aprendizagem para sua formação educacional e profissional, não há muita diferença. Ou seja, tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas, se encontra o aluno dedicado, disciplinado, interessado na sua aprendizagem, mas também, nos deparamos com seu oposto. Assim sendo, esta narrativa conduz a reflexões sobre o ser no mundo, levanta questões, como quem sou eu? O que eu desejo?

Reconhecemos, portanto, que as desigualdades na qualidade do ensino no Brasil não podem ser atribuídas, exclusivamente, às escolas bem equipadas ou precárias, mas também, ao ser humano aluno, ele é o protagonista, ele é responsável por fazer a diferença na qualidade do ensino, se boa ou não. Contudo, é necessário ressaltar que, este ser no mundo, não é oriundo de condições sociais, econômicas, afetivas, educacionais uniformes, pelo contrário, eles vêm de realidades diversas e muitos deles, de situações bastante adversas. Desse modo, o delineamento da identidade do sujeito, que sofre alterações ao longo de sua existência é, em geral, alicerçada por estas condições. Na obra *Ser e Tempo* de Heidegger (2015), encontramos a ideia de ser no mundo, que questiona o sentido do ser e, representam as possibilidades e maneiras de ser do ser-no-mundo, que muitas vezes ficam ocultadas ou ignoradas. Isto, portanto, podemos destacar nas escolhas inautênticas feitas pelos jovens que não buscam o que desejam e se acomodam em razão da ansia ou angústia que eles relatam sentir em seus depoimentos no documentário *Pro Dia Nascer Feliz*.

São mencionados no documentário, problemas de identidade em vários adolescentes, como o Douglas, estudante de uma escola pública em Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro. Sua professora argumenta que o comportamento questionável dele, como andar com a bandagem, às vezes usar drogas,

diretamente não tem nada a ver com sua personalidade, é mais influência do meio em que ele vive. Ela diz que ele gosta muito da música, da banda da escola, passou a frequentar mais as aulas e, demonstra interesse pela carreira militar, então, se Douglas tiver mínimo de acompanhamento pode ter outro diagnóstico social, por exemplo, um bom desenvolvimento educacional e profissional. Hegel (2016), em sua obra *Ciência da Lógica*, trata do conceito de identidade e diferença, que constitui uma relação de negação do ser consigo mesmo e não com outro. Analogicamente, seria como se olhar no espelho e lá se enxergasse e a partir disso, houvesse a negação de si, mas essa negação de seu próprio ser remete a sua identidade. Portanto, no caso do Douglas, como de todo ser humano no mundo, a negação da identidade representa o impulso contínuo por mudança, busca constante de uma nova identidade. Nesse sentido, a diferença na filosofia de Hegel é própria negação do ser e não do outro.

Ainda sobre a questão do ser no mundo, bastante proeminente em *Pro Dia Nascer Feliz*, cabe destacar o desabafo de uma professora da rede pública de ensino, que diz estar exausta física e psicologicamente, faz terapia uma vez por mês para dar conta dessa demanda, que é a principal causa de suas angústias e desmotivação. Ela conta que o professor perdeu a dignidade, tem que suportar muitas situações adversas em sala de aula, a receptividade de alunos agressivos e desrespeitosos e, portanto, o professor não se encontra preparado para esse tipo de aluno. Essa desvalorização do professor que está cada vez mais generalizada tem se tornando tão angustiante que alguns abandonaram a profissão. Diante disto, é pertinente relacionar esta problemática ao poema *Esta Velha Angústia*, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa (2011), pois, a identidade originária, o papel do professor tem sofrido sério desgaste, em virtude de políticas inadequadas e problemas sociais de diversas ordens. O poema denuncia uma angústia que sempre existiu, um mal estar na alma, é como se isto, estes sentimentos fossem intrínsecos à condução de vida. Desta maneira, o autor compara quem vive preso a estes sentimentos a um interno de um manicômio sem manicômio. É um estar doido a frio, está lúcido e louco, está alheio a tudo e igual a todos, está dormindo desperto com sonhos que são loucura porque não são sonhos.

Como podemos conferir no quadro 19, a seguir.

Quadro 19 – O Ser no Mundo no Documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: PRO DIA NASCER FELIZ			
TEMA: O SER NO MUNDO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Discutir o significado de ser no mundo à luz de depoimentos exibidos no documentário <i>Pro Dia Nascer Feliz</i> e a concepção sobre este tema dos filósofos Heidegger e Hegel.</p> <p>Conhecer conceitos da filosofia de Heidegger como ser no mundo e a angústia, através do documentário e texto do autor.</p> <p>Assimilar o conceito de identidade e diferença na Filosofia de Hegel por meio do documentário e texto do pensador.</p> <p>Construir ideias e desenvolver textos que demonstrem o entendimento sobre O Ser no Mundo, a partir da leitura de autores indicados nesta unidade didática e abordagem de <i>Pro Dia Nascer Feliz</i>.</p>	<p>Significados de ser no mundo.</p> <p>Conceitos de ser no mundo e angústia na Filosofia de Heidegger.</p> <p>Conceito de Identidade e Diferença no pensamento de Hegel.</p> <p>Apresentação e estudo de texto Ser e Tempo de Martin Heidegger.</p> <p>Exploração de texto, <i>Ciência da Lógica</i>, de Friedrich Hegel.</p> <p>Análise e interpretação de poema, <i>Esta Velha Angústia</i>, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa.</p>	<p>I- Introdução: Debater a ideia de ser no mundo considerando trechos de <i>Pro Dia Nascer Feliz</i> e concepção de autores indicados nesta sequência didática.</p> <p>II- Contextualização: Construção de poemas ou desenhos expressando como os jovens se sentem e o que almejam. Poderiam usar um pseudônimo em seus poemas e desenhos, e depositar em urna, caso não quisessem se expor, depois seria feita uma seleção por uma equipe de professores da para exposição e publicação, também em mídias.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Leitura dos textos indicados, em seguida redigir seu próprio texto sobre o tema, destacando uma articulação entre o documentário e os textos desta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Pro Dia Nascer Feliz</i></p> <p>Texto 1: <i>Ser e Tempo, Martin Heidegger.</i></p> <p>Texto 2: <i>Ciência da Lógica, Hegel.</i></p> <p>Texto 3: <i>Esta Velha Angústia, Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa.</i></p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.7.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Cidadania e Direitos Humanos no Documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

O conceito de cidadania não é fixo, pelo contrário, está sujeito à dinâmica das transformações sociais, dos contextos históricos, das mudanças ideológicas em razão disto, se renova constantemente. O ideal de cidadania buscado hoje nas sociedades democráticas implica na garantia de diferentes direitos, tais como, os direitos civis, políticos, sociais e humanos. Entretanto, o cidadão inserido em uma comunidade, enquanto ser social que é, não é somente um ser de direitos, mas também de deveres, responsabilidades, pois é parte integrante dessa comunidade. Os direitos humanos que, por sua vez, são a mais relevante condição de cidadania, uma vez que se refere aos direitos naturais, como a vida, a proteção contra diversos casos de desrespeito, intolerância, discriminação e opressão. Em *Pro Dia Nascer Feliz*, somos espectadores de diferentes situações de violação aos direitos que constituem a cidadania humana. A precariedade dos estabelecimentos de ensino público filmados, assim como, o descomprometimento de todos os envolvidos na conjuntura do sistema educacional, inclusive o próprio aluno e o acompanhamento dos pais ou responsáveis.

Em *A Era dos Direitos* de Norberto Bobbio (2004), ele indaga se é possível um fundamento absoluto sobre os direitos do homem e, se for possível, é desejável? Uma vez que o autor reconhece o progresso científico e técnico como efetivos, contudo, o progresso moral enfrenta o problema da efetividade. No documentário, constatamos como é desigual a realidade educacional no país, o problema da moralidade é um dos que mais afeta a qualidade do ensino, o desrespeito aos direitos e obrigações da cidadania, que está presente em todos os lados da educação. Alunos que provem de ambientes familiares desestruturados, a ausência de políticas de gestão escolar e governamental adequadas e eficientes afetam o processo ensino-aprendizagem. Desta forma, se verifica na narrativa que a banalização da violência, frequente na sociedade, se reproduz no espaço escolar, entre alunos, até mesmo com o professor. Em suma, como afirma Bobbio, o conceito de moral é problemático, pois ninguém até hoje encontrou indicadores precisos para medir o progresso moral de uma sociedade, quanto o são os indicadores que medem o progresso científico e técnico. Vimos no documentário, o abismo que separa a qualidade do ensino básico público do privado, em contrapartida, uma

jovem estudante chamada Valéria, de escola pública do interior de Pernambuco, se destaca por conta de suas redações e poesias bem qualificadas. Porém, ela é perseguida e moralmente assediada por professores e alunos que a chamam de plagiadora, por não acreditarem que foi ela mesma que produziu os textos.

Assim sendo, em contextos onde a qualidade da educação é baixa, logo o progresso moral também estará comprometido, mas é preciso esclarecer que nem a educação ou qualquer outro indicador é absolutamente preciso em relação a moralidade. A questão da dignidade humana é abordada nas linhas e entrelinhas de todo o documentário ao manifestar as mais variadas formas de violência social, que vai desde a escola, ensino-aprendizagem, transporte escolar inadequados até a violência física. A dignidade é tema da obra *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt (2012). A filósofa concebe a dignidade como a fonte dos direitos humanos. Arendt explica que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, produzida no período iluminista, significou a emancipação do homem, porque foi a partir daquele momento que ele se tornou fonte de toda a lei. Desse modo, os direitos humanos emanam do próprio homem, ele não está mais sujeito a uma entidade divina ou regras de costumes da história. Portanto, a conquista da cidadania representa está livre de qualquer tutela, ou seja, a autonomia para definir os direitos do homem e, assim, melhor conviver em sociedade é deles próprios.

Destacamos ainda, em *Pro Dia Nascer Feliz*, que a violência escolar é reflexo do que está presente na sociedade, o desrespeito que se instaurou no ambiente escolar advém da intensa desigualdade social no país, de jovens carentes de tudo, frutos de famílias conturbadas, a ausência de oportunidades, de orientação, ensino, tanto familiares quanto políticas vai produzir a marginalidade, ao contrário de possibilitar estes jovens em situação de risco à conquista de cidadania e direitos. Podemos, assim, associar a abordagem deste documentário à letra da música *Brasil*, Cazuza, George Israel e Romero (1988), pois, no desfecho deste trabalho de João Jardim, os adolescente que se encontram na criminalidade, questionam, que o Estado não oferece condições de vida digna a eles, eles não tem família, não tem trabalho, por isso, não valorizam suas vidas e dizem que não têm nada a perder. Também acusam a classe política de ser corrupta, praticam muito mais crimes do que eles e não são punidas com rigor, a postura desses jovens é como entoa a letra da música, principalmente, seu refrão: “Brasil! mostra tua cara, quero ver quem paga pra gente ficar assim, Brasil! Qual é o teu negócio? o nome do teu sócio? confia em

mim”. A consecução dos direitos de cidadania só se faz bem presente, na escola da rede privada do Estado de São Paulo, como nos mostra o documentário.

Como podemos verificar no quadro 20, a seguir.

Quadro 20 – Cidadania e Direitos Humanos no Documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: PRO DIA NASCER FELIZ			
TEMA: CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Conceber a dinâmica da cidadania e a ideia de cidadania hoje, como direitos civis, políticos, sociais e humanos, a partir do próprio documentário.</p> <p>Entender como surgiram a Cidadania e os Direitos humanos no Brasil e associar por meio do documentário a prática ou violação desses direitos.</p> <p>Apresentar a constituição Cidadã de 1988 e Declaração Universal dos Direitos Humanos e relacioná-las ao documentário.</p> <p>Conhecer o papel do cidadão e como anda a cidadania e os direitos humanos no Brasil na ótica de Pro Dia Nascer Feliz.</p> <p>Ser capaz de desenvolver conexões entre o documentário e textos indicados nesta unidade sobre Cidadania e Direitos Humanos.</p>	<p>O sentido de cidadania grega, na era clássica e de cidadania hoje. Origem da cidadania e dos direitos humanos no Brasil.</p> <p>Classificação e conceitos dos direitos do cidadão. O que são Direitos Humanos?</p> <p>A prática e a violação dos direitos do cidadão brasileiro, inclusive os direitos humanos na atualidade.</p> <p>Apresentação do texto, <i>A Era dos Direitos</i>, de Norberto Bobbio.</p> <p>Abordagem da obra, <i>Origens do Totalitarismo</i>, de Hannah Arendt.</p> <p>Análise de letra musical: Brasil, de Cazuya, George Israel e Nilo Romero.</p>	<p>I- Introdução: Discussão acerca da cidadania e dos direitos humanos no Brasil, observando passagens do documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos alunos que realizem uma pesquisa com adultos e também idosos, sobre cidadania e direitos humanos no seu bairro, para saber quais direitos são efetivamente cumpridos e quais são os direitos desrespeitados. Em seguida fabricar painel sobre resultados e debate, no pátio, envolvendo toda a escola.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Estudo de textos indicados e produção textual sobre Cidadania e Direitos Humanos no Brasil, considerando a narrativa do documentário.</p>	<p>Documentário: <i>Pro Dia Nascer Feliz</i></p> <p>Texto 1: <i>A Era dos Direitos</i>, Norberto Bobbio.</p> <p>Texto 2: <i>Origens do Totalitarismo</i>, Hannah Arendt.</p> <p>Texto 3: <i>Brasil, Cazuya, George Israel e Nilo Romero</i>.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.7.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Educação Para Emancipação no Documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

O documentário chama a atenção sobre um aspecto relevante para a melhoria da qualidade na educação, a perspectiva metodológica, que contribua para desenvolver no discente uma atitude reflexiva, questionadora, portanto, mais emancipatória, que o retire da condição passiva no processo ensino-aprendizagem. Pudemos verificar em *Pro Dia Nascer Feliz*, maior frequência de aulas expositivas seguindo o modelo tradicional nas escolas, assim como, a escassez de material didático, a ausência de recursos tecnológicos, por exemplo, ou outros materiais que possam propiciar uma aula diferenciada. Uma professora da escola pública relata no documentário que não acredita mais na escola nos moldes que ela se encontra, modelo de ensino ultrapassado, obsoleto, não cumpre mais sua função, desta forma, ela precisa ser repensada, considerando a realidade digital, o mundo à mão que tem acesso pela internet, com isto, ela afirma que estas aulas do século passado se tornaram bem desproporcionais e desinteressantes.

A perspectiva de educação em Richard Rorty (1999), contempla uma ideia edificadora e, também reformadora como sugere a professora Denise. Em sua obra *Filosofia e Esperança Social*, Rorty sustenta que a conversação livre e aberta, isto é, falar de forma alternativa faz toda a diferença do ponto de vista educacional. Ele esclarece que o modo como as coisas são ditas, a maneira de se abordar um conteúdo, um tema, pode ou não ser significativo, uma vez que ele entende a educação como o caminho para a edificar as pessoas. Contudo, a explanação de conteúdos por alguns professores, como verificamos no documentário, não emprega o uso de narrativas que possibilitem uma conexão entre conteúdo, a realidade do aluno, outras realidades sociais, contextos históricos e culturais, pois, no posicionamento do autor, essa atividade de estimular a capacidade imaginativa do estudante é algo preponderante para promover a edificação das pessoas.

Em sua abordagem sobre a educação, Rorty apresenta dois processos educacionais contínuos e complementares, a socialização e a individualização. O primeiro está relacionado às ideologias vigentes, valores, como normas de comportamento, regras, leis que contribuem para a convivência das pessoas em comunidade. O segundo, diz respeito às perspectivas alternativas pelas quais as pessoas tomam conhecimento e criticam as ideologias e valores assimilados, na

intenção de criar novos valores. O processo de individualização, portanto, pode ocorrer por intermédio do professor ou por narrativas que sensibilizem o sujeito, como um romance, um filme, um documentário, uma peça teatral e outras narrativas. Encontramos no documentário, professores que empregam linguagem alternativa para sensibilizar seus alunos, como faz a professora de História, de escola pública de Pernambuco, ao narrar a biografia de Frei Caneca para seus alunos. A maneira como ela comunica o conteúdo a eles é bastante convidativa, porque consegue envolver emocionalmente seus alunos. O documentário também ressalta a importância do núcleo de cultura de uma escola pública de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, região de vulnerabilidade social, que consegue atrair alunos como Douglas, que adora música e passou a frequentar mais a escola.

Em *Pro Dia Nascer Feliz*, a professora Denise, que ministra aulas em uma escola pública no município de Inajá, Pernambuco, convoca seus alunos a refletirem sobre seu papel, sua importância e reponsabilidade no processo ensino-aprendizagem. Ela questiona sobre o ensino se restringir apenas a exposição de conteúdos no quadro e afirma que os alunos não devem se acomodar a esta condição, devem buscar ler mais, se aprimorar melhor, pensar em seu futuro, não se condicionar apenas a postura passiva, como um receptáculo de informações e, acrescenta que as práticas de ensino na escola precisam ser repensadas, pois se encontram bastante obsoletas. A professora Denise conclui seu desabafo enfatizando a diferença entre o professor e o educador. O primeiro limita-se a transmitir o conteúdo, enquanto o segundo conduz o estudante a pensar, refletir sobre si, o outro e o mundo. O depoimento desta professora coincide com algumas ideias defendidas pelo filósofo Rancière (2002), em sua obra *O Mestre Ignorante*.

O pensador francês Jacques Rancière acredita que não existam inteligências superiores ou inferiores, mas diferentes inteligências, diferentes habilidades. Desse modo, ele contesta a postura do professor explicador, que somente transmite os conteúdos, que ele também chama de professor embrutecedor. Este embrutecimento no qual o autor se refere não significa apenas negar o pensamento reflexivo do estudante, mas a subordinação de uma inteligência sobre a outra. Assim sendo, Jacques Rancière explica que o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, que divide o mundo em dois, melhor dizendo, divide o mundo em duas inteligências, uma superior e outra inferior. A inteligência superior estaria naqueles mais propensos a aprender, com mais capacidades e

oportunidades de aprender. Enquanto, a inteligência inferior seria aquela que acomete os menos capacitados, menos favoráveis para o ato de aprender. Este mito não passa uma construção cultural, com o intuito de uma cultura, dita superior, suprimir a outra. Com isto, Rancière compreende a educação como um caminho de contínua emancipação do sujeito, ao estabelecer relações dialógicas e a necessidade do pensamento crítico-reflexivo que respeite as diferenças encontradas na sociedade.

Pro Dia Nascer Feliz retrata uma realidade contrastante na educação do país, bem como, na situação econômica e social do povo brasileiro. É uma desigualdade tão violenta, que produz e reproduz continuamente uma sociedade também marcadamente violenta. É urgente uma revitalização das escolas, no que concerne às práticas pedagógicas, tornar a escola um lugar mais atraente para os jovens, evitando assim, que trilhem o caminho da marginalidade. A escola deve propor uma educação que edifique, sensibilize os jovens sobre problemas reais, do dia a dia, que proporcione a eles autonomia no pensar, uma postura emancipatória para lidar com a dinâmica da realidade e não somente formar seres robotizados para mera assimilação de conteúdos com vistas à aprovação em testes e exames. Reconhecemos, pois, que o conteúdo da letra musical *Metamorfose Ambulante*, de Raul Seixas (1973), exige de nós exatamente isto, buscar reformas, renovação constante, isto representa para a educação, nos comunicarmos de maneiras diferentes, enxergarmos de maneiras, pensar, portanto, de maneiras de diferentes, pois é sempre salutar a mudança, ela é que propicia um processo educacional estimulante e envolvente, logo, impulsiona o progresso educacional.

Como podemos verificar no quadro 21, a seguir.

Quadro 21 – Educação Para Emancipação no Documentário *Pro Dia Nascer Feliz*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: PRO DIA NASCER FELIZ			
TEMA: EDUCAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Demonstrar a importância e a necessidade de empregar novas percepções metodológicas na educação a partir da análise do documentário sobre o ensino.</p> <p>Promover uma educação emancipatória ao tratar o discente como sujeito crítico e reflexivo através de exemplos de estudantes, como a personagem Valéria do documentário.</p> <p>Contextualizar o sentido de emancipação na educação por meio dos textos indicados nesta sequência didática e o próprio documentário</p>	<p>Conceitos de Educação e Emancipação.</p> <p>Educação Tradicional e Novas Percepções Metodológicas do Ensino-aprendizagem.</p> <p>Educação para o desenvolvimento do senso crítico com vistas a emancipação.</p> <p>Apresentação de texto da obra <i>Filosofia e Esperança Social</i>, de Richard Rorty.</p> <p>Compreensão do texto, <i>O Mestre Ignorante</i>, de Jacques Rancière.</p> <p>Análise da letra musical <i>Metamorfose</i> <i>Ambulante</i>.</p>	<p>I- Introdução: Discutir diferentes perspectivas metodológicas de ensino para promoção de uma educação emancipadora a partir das concepções de ensino apresentadas no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Separar os alunos em grupos e solicitar que apresentem uma síntese do documentário, empregando diferentes perspectivas metodológicas, com ênfase na participação ativa de todos os discentes.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Ler e desenvolver argumentação textual a partir dos textos indicados e a abordagem do documentário sobre o tema desta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Pro Dia Nascer Feliz</i></p> <p>Texto 1: <i>Filosofia e Esperança Social</i>, Richard Rorty</p> <p>Texto 2: <i>O Mestre Ignorante</i>, Jacques Rancière.</p> <p>Texto 3: <i>Metamorfose Ambulante</i>, Raul Seixas.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.8 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência*

O documentário *Não Matarás* é uma produção do Instituto Nina Rosa, lançada no ano de 2006, com imagens, direção e roteiro de Denise Gonçalves. O objetivo deste trabalho não é somente demonstrar o sofrimento infligido aos animais em testes e experimentos industriais, centros de pesquisa e estudos em universidades. Na verdade, a principal finalidade deste documentário é convocar as pessoas a refletir e propor soluções, por meio da conscientização sobre o processo de produção de tudo que consumimos, pois isto, representa um massacre aos animais, que servem de cobaia para os testes destes produtos. É também, uma situação considerada bastante deplorável, que muitas universidades no Brasil ainda empreguem procedimentos tão ultrapassados, como usar animais vivos para estudos. Essa prática já deveria ter sido banida das comunidades acadêmicas.

Esse cenário cruel de tortura e sacrifício dos animais, é pouco questionado pela sociedade. Acredita-se que por conta da desinformação, ou seja, a maioria das pessoas não sabem que o alimento que chega a sua mesa, a roupa que usa, o medicamento que toma e demais produtos são originados da exploração, dos maus tratos e até da morte de animais. Em suma, o documentário clama pelo respeito a vida, a valorização dos animais, que sofrem, sentem dor e medo semelhante ao homem, deste modo, não podem ser tratados como objeto ou meio para alcançar um fim e, em seguida, serem descartados como lixo. Logo, as indústrias, os centros de pesquisas e estudos em universidades precisam com urgência, substituir estes seres vivos pela tecnologia, isso já uma realidade em outros países, como Inglaterra e Estados Unidos.

4.8.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Os Limites da Ciência no Documentário *Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência*

Há limites para a ciência? Uma vez que ela não se ocupa de julgamentos éticos e morais, estéticos, religiosos. Sua preocupação central é o fazer, a execução de procedimentos científicos, que de modo geral, não são questionados em relação aos valores citados anteriormente. A comunidade científica está pautada em uma

única justificativa, a busca por descobertas, o conhecimento, o controle da natureza, que visa ao progresso científico e bem estar da sociedade, mas que, de outro lado, também representa a destruição e prejuízos a essa mesma natureza e a sociedade, o desequilíbrio ambiental, que corresponde a degeneração de todo ecossistema. Como nos mostra o documentário *Não Matarás*, que a utilização de animais na ciência é uma prática muito antiga, que data do período em que homem buscava compreender a mecânica básica do corpo humano e, mesmo sendo bastante ultrapassada, essa prática ainda é estabelecida como metodologia padrão na investigação científica e empregada nas instituições de ensino. Constatamos, portanto, na introdução do documentário, mais precisamente, na fala de Nina Rosa Jacob, ativista e presidente do Instituto Nina Rosa, denúncias repletas de tristeza e indignação sobre o sofrimento, a violência que é infligida aos animais, para consecução desses estudos em universidades, laboratórios e testes em indústrias, todavia, a sociedade é indiferente a esta situação. Ela roga, busca sensibilizar e mobilizar as pessoas para se envolverem mais com o problema e, juntas, encontrarem soluções, não fechar os olhos a dor e morte de milhões de animais em

Diante desta realidade, apresentamos a ideia do filósofo australiano, ativista social, Singer (1990), em sua obra *Libertação Animal*, que é uma conquista do reconhecimento dos animais como nossos parceiros morais, suas vidas devem ser respeitadas. Deste modo, o livro trouxe grande repercussão prática, pois inúmeras empresas de produção de cosméticos e alimentos tiveram que alterar suas formas de produção e de testes de produtos abandonando práticas cruéis contra os animais. Seu trabalho é uma significativa contribuição para evitar, ou pelo menos amenizar o uso abusivo dos animais em experimentos, como verificamos no documentário. Muitos fabricantes de cosméticos já divulgam em suas embalagens que não realizam testes em animais, como forma de evitar que seus produtos sejam questionados pelos consumidores.

Em *Não Matarás*, nos defrontamos com uma descrição profundamente lamentável de que o progresso científico e econômico não caminha lado a lado com o progresso moral. O que vimos foi uma série de massacres contra os animais, muitas vidas sacrificadas pela causa de melhorar outras vidas, até mesmo a deles, os animais, como os testes para produto de limpeza, medicamento e ração. Muitas vezes, somente para usufruto das necessidades criadas pelo mundo capitalista. O filósofo estadunidense Regan (1983), em seu livro *Teoria sobre os Direitos dos*

Animais, presenteia a humanidade, o meio ambiente, com uma notável contribuição filosófica que busca assegurar os direitos morais, também a animais não-humanos, especialmente, os mamíferos. O autor luta pelo reconhecimento do princípio da igualdade, do direito à vida e do respeito, que todos os seres humanos e alguns animais possuem em comum. Eles são sujeitos de uma vida, indivíduos sensíveis, conscientes de si, assim sendo, não merecem ser tratados apenas como meios para um fim. Os argumentos do filósofo são ademais semelhantes à proposta que o documentário deseja que toda a sociedade abrace, a valorização da vida animal, negar que seja usada por indústrias, laboratórios de pesquisa, universidades e outras formas de confinamento que produzam dor ou sofrimento a eles.

Em algumas entrevistas do documentário, pudemos ouvir filósofos, cientistas, ativistas e estudantes de diferentes cursos universitários que abominam essa atividade, essa cultura deplorável de se produzir e reproduzir conhecimentos. O biólogo e professor da UNIFAL-MG, Thales Tréz, relata que os animais vem sendo usados aproximadamente 300 anos como uma prática enraizada nas instituições de ensino, ele acredita que a maioria das pessoas não saibam que nos cursos de biologia, assim como, para a formação de profissionais da área de saúde, geralmente, os estudantes são obrigados a passar pela prática de vivisseção, que consiste em causar danos ao animal, abrir um animal vivo, como uma prática pedagógica, ou seja, ilustrar conhecimentos que já se sabe. Isto poderia sim, ser realizado de outra maneira, sem provocar a tortura, violência e morte nos animais.

Esses profissionais no início, se sentem desconfortáveis moral e fisicamente, desabafa Thales, mas ao longo do curso, vão se acostumando, ou melhor, se dessensibilizando, passando a ver o animal como coisa, objeto para que a pesquisa prossiga. A vida passa a ser coisificada, desvalorizada, desrespeitada. Curiosamente, este tema sobre o respeito e o direito a vida dos animais já era preocupação antiga. O gênio renascentista, apaixonado por todas as áreas do conhecimento, excelente pintor italiano, *Leonardo Da Vinci*, era vegetariano e ativista dos direitos de proteção aos animais. Em um de seus diários, ele deixou registrado a importância que dava à vida dos animais, a forte ligação que possuía com estes seres vivos, que qualquer militante da causa dos animais, da vida, se arrepia ao ler o tocante poema ou declaração do gênio que diz “Chegará o tempo em que o homem conhecerá o íntimo de um animal e nesse dia todo crime contra um animal será um crime contra a humanidade”.

Em *Não Matarás*, Nina Rosa faz um apelo emocionado e comovente, de que olhemos nos olhos desses animais que sofrem os massacres impostos pela indústria, pesquisa, ensino, para que atendamos seu pedido de socorro. Não podemos ignorar, mas nos indignar com as cenas chocantes filmadas nos bastidores de empresas, laboratórios, universidade, para mudar esta perturbante, brutal e impiedosa realidade. É necessário constituir uma cadeia de pessoas obstinadas a lutar pela dissolução dessa cultura, partindo dos fundamentos manifestados nas indagações de Nina Rosa: É justo? É moral? É um direito?. Estes atentados aos animais precisam ser proibidos em qualquer circunstância, qualquer instância. Precisamos cuidar, preservar o meio ambiente, isto inclui cuidar da vida animal. Os animais precisam ser respeitados como seres vivos e não tratados como coisas. Nesse sentido, a consciência da sociedade brasileira precisa evoluir acerca deste tema.

Como podemos verificar no quadro 22, a seguir.

Quadro 22 – Os Limites da Ciência no Documentário *Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: NÃO MATARÁS - OS ANIMAIS E OS HOMENS NOS BASTIDORES DA CIÊNCIA			
TEMA: OS LIMITES DA CIÊNCIA			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Dialogar com os discentes sobre a violência praticada contra os animais e, portanto, ao meio ambiente, em nome do progresso científico e econômico, a partir de entrevistas exibidas no documentário.</p> <p>Argumentar sobre a moralidade do tratamento cruel dispensado aos animais que culmina com sua morte, em pesquisas científicas, com a justificativa utilitarista de trazer benefícios para a humanidade, como é constatado em <i>Não Matarás</i>.</p> <p>Desenvolver consciência ativista em defesa dos animais e do meio ambiente, assim, exigir, a criação de direitos que substituam animais em experimentos e testes científicos por outros instrumentais, a tecnologia.</p> <p>Elaborar ideias e textos que esclareçam a importância de proibir as experiências científicas e estudos em universidades que usem animais, a partir da leitura dos textos dessa unidade e do documentário.</p>	<p>Limites da Ciência: Moralidade <i>versus</i> Violência.</p> <p>Bioética: Respeito à Vida Humana e Não Humana.</p> <p>Semelhança Entre a Dor Humana e a Dor Animal.</p> <p>Significados de Utilitarismo</p> <p>O Utilitarismo Científico e Econômico.</p> <p>Direitos dos Animais.</p> <p>Abordagem do texto, <i>Libertação Animal</i>, de Peter Singer.</p> <p>Explicação da obra, <i>Teoria dos Direitos dos Animais</i>, de Tom Regan.</p> <p>Apreciação de poema sobre direito dos animais, de Leonardo Da Vinci.</p>	<p>I- Introdução: Debates sobre o tema e degustação de comidas veganas e vegetarianas organizada e produzidas pelos alunos.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos discentes que produzam painéis com a legislação brasileira dos direitos dos animais e idealização de mais direitos além dos que existem.</p> <p>Organizar palestra na escola com representantes de Órgão de Proteção aos Animais, para esclarecimentos sobre este tema.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Leitura dos textos indicados, em seguida redigir seu próprio texto sobre o tema, enfatizando as conexões entre o documentário e os textos desta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Não Matarás: Os Animais E Os Homens Nos Bastidores Da Ciência</i>.</p> <p>Texto 1: <i>Libertação Animal</i>, Peter Singer.</p> <p>Texto 2: <i>Teoria dos Direitos dos Animais</i>, Tom Regan.</p> <p>Texto 3: <i>Poema Sobre Direitos dos Animais</i>, Leonardo Da Vinci.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018)

4.8.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Natureza e Cultura no Documentário *Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência*

O tema natureza e cultura desdobra-se em questões como o que é o ser humano? O que o distingue dos outros animais do planeta?, ou seja, saber diferenciar o estado de natureza, que são as condutas biológicas e inatas tanto dos animais quanto do homem, da cultura que é construção unicamente humana. Vimos no documentário, a cultura de vivissecção de animais é praticada desde tempos remotos para estudo e experimentos e, muitos entrevistados, inclusive pessoas envolvidas nestas pesquisas, como biólogos e profissionais da área de saúde consideram desnecessário, bárbaro, cruel, medonho, fazer sofrer e sacrificar animais com o pretexto de fazer ciência, pois não há somente uma prática possível de fabricar ciência. Alguns deles, também argumentam que é bastante incômodo e desprovido de qualquer ética a exploração de animais em pesquisas. Eles afirmam que hoje conhecendo melhor a natureza animal, os mamíferos, aqueles mais próximos do homem, conhecendo seu comportamento, a sensibilidade animal, não deveria mais ser admitido esse tipo de prática.

Diferentemente dos animais, que possuem aparato biológico para sobreviverem às intempéries da natureza, os homens possuem a habilidade de se ajustarem ao meio em que vivem por meio do conhecimento que fabricam. Na obra *Antropologia Estrutural*, de Claude Lévi-Strauss (1975), o ser humano é essa oposição ou dualidade natureza e cultura. Ele acrescenta, que a distância entre a natureza humana e a cultura consiste na elaboração simbólica que o homem é capaz de realizar, isto é, através da linguagem como forma de abstração, que produz sistema linguístico e permite compartilhar um universo de signos estruturados por princípios que estabelecem o funcionamento do intelecto. Compreendemos que o animal não humano é incapaz de manifestar tal aptidão, mas somente a linguagem rudimentar. Entretanto, o ser humano que representa uma síntese de natureza e cultura, é também, transformador de ambas. Assim, pois, retomando a problemática situação dos animais em *Não Matarás*, seria coerente que as pessoas difundissem por meio da linguagem, conhecimento que condene a violência contra os animais.

Contemplamos nesse documentário, a contrastante condição humana revelada por Blaise Pascal (1979), em sua obra *Pensamentos*. O autor destaca o homem como sendo o centro do universo, figura central do mundo criado, a expressão máxima e sublime de toda natureza, porque ele pensa, contudo, ironiza Pascal em uma de suas célebres frases: “O homem é o único animal que pensa, entretanto, é o único animal que pensa que não é animal”. A partir disto, podemos destacar o outro lado da condição humana, que definitivamente não se encontra centrada apenas na grandeza de sua racionalidade, mas, sobretudo, no uso desta para reconhecer sua condição miserável. Em seu pensamento ele entende que o homem é capaz de ações grandiosas, assim como, de ações não nobres. Considerando estas palavras de Blaise Pascal é possível efetivar um paralelo com o documentário. Em depoimento, por exemplo, do fundador da clínica Mayo, o Dr. Charles Mayo diz o seguinte: “Eu não conheço nenhuma realização conseguida pela vivisseção, nenhuma descoberta científica que não poderia ter sido obtida sem tal barbarismo e crueldade. A coisa é toda má”. Do mesmo modo, a professora Irvênia da USP, segue o mesmo julgamento do médico, ela fala que durante anos ouviu que a vivisseção é um mal necessário para a produção científica e afirma ter se inserido neste processo por algum tempo, no entanto, sempre se sentiu incomodada até que foi percebendo que há outras opções de investigação e produção científica. Desta forma, na construção da cultura humana, em suas obras, concluímos que o homem se mostra grande, mas também, miserável, como fundamenta Pascal.

A utilização de animais na ciência como narra o documentário é uma prática muito antiga, mas infelizmente, tem se perpetuado e se alastrado para outros segmentos da sociedade, como a indústria, que progride e lucra de forma exorbitante à custa da morte de milhões de animais. Em *Não Matarás*, podemos conhecer bem de perto esta realidade, pois tudo que é fabricado pelas indústrias é testado em animais, como líquido corrosivo para automóveis, medicamentos, cosméticos, alimentação e demais produtos, são introduzidos ou nos olhos ou no estômago dos animais. Essa prática impele nesses seres vivos o confinamento que vai provocar dor, sofrimento, doenças e até a morte. Eles são tratados historicamente como objetos, propriedade dos homens. Diante deste contexto desolador, apresentamos a letra musical *Negro Gato* de Getúlio Cortês (1965), que na intenção mesma do compositor significa atribuir um sentido dúbio à mensagem da música, que tanto fala do sofrimento, da exploração do animal gato, quanto do

negro da favela, excluído, discriminado, explorado e, assim, ambos enfrentam muitas adversidades para a preservação de sua existência. Eles, simultaneamente, têm dificuldades em encontrar alimentos e são vulneráveis à violência e exploração social e capitalista, como verificamos neste trecho da letra musical: “Eu sou um negro gato de arrepiar e esta minha vida é mesmo de amargar, há muito tempo não sei o que é um bom prato... Um dia lá no morro pobre de mim, queriam minha pele para tamborim, apavorado, desapareci no mato, eu sou o negro gato...”. Portanto, esta música deixa clara a visão de que os animais são tratados como coisas, objetos, e podem ser usados indiscriminadamente para quaisquer fins e, preferencialmente, como meios para fins lucrativos, como nos mostra o documentário.

Como podemos verificar no quadro 23, a seguir.

Quadro 23 – Natureza e Cultura no Documentário *Não Matarás – Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: NÃO MATARÁS-OS ANIMAIS E OS HOMENS NOS BASTIDORES DA CIÊNCIA			
TEMA: NATUREZA E CULTURA			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Esclarecer conceito de natureza e cultura, considerando o documentário <i>Não Matarás</i>.</p> <p>Compreender a condição humana em sua totalidade, como ser natureza e cultural, a partir de trechos do documentário.</p> <p>Caracterizar o comportamento animal, inteligência animal à luz do documentário.</p> <p>Apresentar a linguagem simbólica como construção humana que o diferencia de todos os outros animais, demonstrando o jugo desses animais pelos homens em <i>Não Matarás</i>.</p> <p>Ler textos que elucidam sobre o tema natureza e cultura, destacando o limiar entre estas duas condições e relacionar ao documentário.</p>	<p>Conceito de Natureza e Cultura.</p> <p>A Condição Humana em sua totalidade: ser natural e cultural.</p> <p>Comportamento Animal e Inteligência Animal.</p> <p>A Linguagem Simbólica como Construção Humana que o diferencia dos outros animais.</p> <p>Compreensão de texto Antropologia Estrutural, de Claude Lévi Strauss.</p> <p>Análise de texto Pensamentos, de Blaise Pascal.</p> <p>Apreciação e interpretação de letra musical Negro Gato, de Getúlio Cortêz.</p>	<p>I- Introdução: Discutir o tema Natureza e Cultura com foco na distinção entre inteligência humana e inteligência animal relacionando ao documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos discentes que produzam um vídeo sobre <i>Não Matarás</i>, com enfoque no tema <i>Natureza e Cultura</i>. Em seguida, realizar socialização do vídeo para todos da escola e postar em mídia social.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Ler os textos indicados nesta unidade didática e fabricar texto argumentativo conectando-os a trechos do documentário.</p>	<p>Documentário: <i>Não Matarás – Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>.</p> <p>Texto 1: <i>Antropologia Estrutural</i>, Claude Lévi-Strauss.</p> <p>Texto 2: <i>Pensamentos</i>, Blaise Pascal.</p> <p>Texto 3: <i>Negro Gato</i>, Getúlio Cortêz.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.8.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: Afetividade: a Relação entre Humanos e Animais no Documentário *Não Matarás - Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência*

Os seres humanos à medida que precisam suprir suas necessidades básicas, como alimentação, proteção do calor, do frio, também tem necessidade de afeto ou carência afetiva, decorrentes do anseio de serem amados. A afetividade se traduz por sentimentos positivos de bondade, ternura, entretanto, a afetividade em um sentido mais amplo, compreende qualquer tipo de emoção, sentimento de paixão, desejo que nos atinge de modo agradável ou desagradável, que produz em nós prazer, dor ou repulsa. A relação dos homens com os animais ao longo da história tem se refletido de diferentes modos. Inicialmente, a ideia de domínio natural do homem sobre os animais como sua propriedade ou criação, tendo, portanto, o poder sobre suas vidas de domesticá-los para o trabalho, como o cavalo, o cão, ou mesmo sacrificá-los para o alimento ou outros fins. Essa ideia se perpetua até os nossos dias, conferimos isto em *Não Matarás*, a comunidade científica e as indústrias usam os animais para diferentes fins. Contudo, há outra concepção na história da humanidade que diverge dessa ideia.

Na Grécia Antiga, segundo Violin (1990) em seu artigo, “*Pythagoras – The First Animal Rights Philosopher*”, demonstra que Pitágoras foi o primeiro filósofo a questionar a violência e o consumo de animais. Em sua célebre frase encontramos: “Enquanto o ser humano for implacável com as criaturas vivas, ele nunca conhecerá a saúde e a paz”. Enquanto os homens continuarem massacrando animais, eles também permanecerão matando uns aos outros. O filósofo naquela época já defendia o Direito dos Animais, como também é defendido na proposta central do documentário. Pitágoras acreditava que a abstenção do consumo de animais permitiria que o ser humano alcançasse um grau mais elevado de consciência. O pensador comparou o ato de comer carne ao canibalismo, pois, entende que os seres humanos são animais e, deste modo, possui relação de parentesco com os animais, mas ainda assim, se alimenta carne animal. Sua afetividade ou sentimento de compaixão em relação aos animais não humanos é motivada pela crença na transmigração das almas, ou seja, a ideia de que os seres humanos possam renascer como animais não humanos e vice-versa. Ele era contra a objetificação do animal, uma vez que eles têm o privilégio de possuir almas, são seres vivos que

expressam semelhanças com os humanos. E acrescenta, que não é menos bárbaro derramar o sangue de um animal do que de um humano. Pitágoras também considerava horrível a insensibilidade do açougueiro às súplicas de um cordeiro ou bezerro, apesar de seus gritos serem semelhantes aos gritos de um bebê. Identificamos no documentário várias situações como esta. Nina Rosa nos mostra os bastidores da ciência, a dor e o sofrimento dos animais, ela diz que não podemos fechar os olhos ao pedido de socorro deles, pois, é preciso que nos indignemos, que nossa mentalidade e percepção sejam modificadas, sensibilizadas para salvá-los dessa triste e dolorosa situação.

Em algumas obras de Schopenhauer (2001), nos deparamos com seu curioso interesse e posicionamento digno de aplausos acerca dos Direitos dos animais. O autor em *O Mundo Como Vontade e Representação*, desconsidera a visão antropocêntrica de que os animais existem simplesmente para servirem aos seres humanos. Ou seja, estes alimentam a crença de a conduta humana em relação aos animais não tem nada a ver com a moral, assim sendo, ele questiona na obra a moralidade cristã limitada que apenas contempla o homem. O filósofo afirma que a moralidade que atende somente aos interesses dos homens não representa uma moralidade legítima, uma vez que considera exclusivamente os seres de sua espécie. Schopenhauer, assim como, muitos entrevistados no documentário, discorda que os animais sejam meros meios para quaisquer fins, pois, se o homem pensar desta maneira, será conivente com a violência, exploração animal, qualquer tipo de atrocidade contra outra espécie. No livro, *O Fundamento da Moral*, o pensador levanta um questionamento a respeito de nossa própria moralidade que não contempla ninguém além de nós mesmos. Schopenhauer diz (2001, p.173) “É uma vergonha essa moralidade digna de párias [...], chandalas, mlechchas e que não reconhece a essência eterna que existe em cada coisa viva, e brilha com significado inescrutável em todos os olhos que veem o sol”.

Desta forma, reconhecemos que o filósofo nutre grande sentimento de compaixão em relação aos animais não humanos e, para ele, a compaixão é a principal fonte de ação moral, portanto, a partir disto elaborou sua reivindicação a respeito dos animais não humanos. E ainda, em texto da obra *Parerga e Paraliponema*, Schopenhauer (1999), diz que o mundo não é uma peça de maquinaria e os animais não são artigos fabricados para o nosso uso. Desta maneira, ele concebe que afetividade, a compaixão pelos animais está relacionada a

bondade de caráter do indivíduo e, afirma que quem é cruel com as criaturas vivas não pode ser um bom homem. O pensador alemão também faz um relato de que um dia leu sobre um caçador inglês, que depois de matar um macaco não conseguiu mais esquecer o olhar moribundo que aquela criatura lançava sobre ele. Movido por remorso, jamais atirou em outro animal. Este sentimento de culpa, remorso, mal-estar nos foi relatado em várias falas do documentário, entretanto, para que as pesquisas e testes continuem é preciso afastar qualquer sinal de compaixão e acreditar que os animais são objetos e não seres vivos. Desse modo, muitos profissionais envolvidos nesse processo dizem que sentem grande desconforto emocional, físico, moral, mas que com a repetição de atos como a vivisseção, indução a fome, ao estresse entre outros danos causados em animais, sofrem uma espécie de dessensibilização e passam a coisificar a vida. Assim de acordo com a professora Irvênia, a estrutura da universidade está apoiada na recomendação de que o cientista deve ser frio em relação ao trato com os animais e, portanto, falar, em dó, piedade, compaixão não combina com interesses da instituição.

Assim sendo, os profissionais apreendem, não apenas anatomia, fisiologia, mas os valores antropocêntricos, especistas de que os animais são objetos, podem ser utilizados como meios para os fins que se pretende e em seguida serem jogados fora. Essa é a principal crítica levantada por Schopenhauer, a ausência de sensibilidade, compaixão, o desrespeito à vida desses seres vivos, que deve ser conservada e não está submetida a maus tratos, assim como, se busca garantir esses mesmos direitos para a vida humana. Infelizmente, estudantes denunciam que há muitas aulas inúteis, em razão de não haver necessidade de empreender, repetir exaustivamente experiências que prejudiquem os animais. A estudante de Psicologia Thais Domingues, apresenta seus ratinhos de estimação que antes eram seus sujeitos de pesquisa, entretanto, diz que se apegou muito a eles, percebe que são animais que possuem individualidade, a reconhecem, são carinhosos, interagem bastante, por isto, não imagina mais nenhum tipo de pesquisa, experiência com o ratos.

O líder pacifista indiano Mahatma Gandhi(1869-1948), principal personalidade da independência da Índia, ganhou destaque na história através da luta contra os ingleses por meio do seu projeto de não violência, também dedicou-se a defender a causa dos direitos dos animais, ele compreendia que qualquer ser que fuja ou resista não serve para nossa alimentação. O líder religioso também defendia a

seguinte ideia: “A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo que seus animais são tratados”. Com isto, ele quer dizer que uma sociedade evolui, tem progresso intelectual, tecnológico, quando assimila a importância de respeitar os direitos dos animais, assim como, se busca respeitar os direitos humanos. Em Não Matarás, vimos que como a paz, a violência não é algo inerente ao homem, ela é aprendida e ensinada. O biólogo e professor Thales Tréz entende que é necessário um ensino mais humanitário, mais crítico, que ensine valores e forme pesquisadores mais abertos a novas tecnologias. Ele apresenta o exemplo dos Estados Unidos em que cerca de noventa por cento das universidades não utiliza mais animais para estudos. Em suma, a intenção de negar a submissão de animais a diferentes formas de sacrifício no documentário foi motivada, principalmente, por uma alteração na maneira de ver e se relacionar com esses animais, ou seja, pela afetividade, o sentimento de compaixão, amizade, ternura e identificação ou semelhança dos humanos com estes seres vivos.

Como podemos verificar no quadro 24, a seguir.

Quadro 24 – Afetividade: Os Humanos e os Animais no Documentário *Não Matarás: Os Animais e Os Homens nos Bastidores da Ciência*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: NÃO MATARÁS - OS ANIMAIS E OS HOMENS NOS BASTIDORES DA CIÊNCIA			
TEMA: AFETIVIDADE: A RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Conhecer o conceito de Afetividade e como ela se expressa no homem e no animal, a partir das ideias do documentário.</p> <p>Apresentar diferentes concepções históricas da representação dos animais não humanos, conectando aos diferentes discursos exibidos em <i>Não Matarás</i>.</p> <p>Analisar o grau de evolução da afetividade humana e animal na contemporaneidade, com o olhar na perspectiva do documentário.</p> <p>Estudar textos filosóficos e não filosóficos acerca do respeito e amizade aos animais, bem como as razões que fundamentam esse valor afetivo.</p>	<p>O Que é Afetividade?</p> <p>Há semelhanças entre a Afetividade Humana e Animal?</p> <p>A Relação homem e Animal: Diferentes Concepções Sobre a Condição do Animal não Humano.</p> <p>Avaliação sobre o grau de evolução da afetividade entre homem e o animal na contemporaneidade.</p> <p>Estudo de texto sobre os Direitos dos Animais em Pitágoras.</p> <p>Compreensão sobre os Direitos dos Animais em Schopenhauer.</p> <p>Ilustração de pensamentos sobre Direitos dos Animais em Mahatma Gandhi.</p>	<p>I- Introdução: Discussão sobre as diferentes concepções ou visões da relação homem animal, observando depoimentos presentes no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos discentes que possuam animais de estimação que produzam vídeos que demonstrem as expressões de afetividade do animal.</p> <p>A outra parte da turma pode realizar uma pesquisa sobre os países em que o respeito, afetividade, direito dos animais é mais satisfatório e, também os países em que há mais abandono, maus-tratos, ou seja, desrespeito aos direitos dos animais. Depois colocar em mural para socialização na escola.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Leitura dos textos indicados, em seguida redigir seu próprio texto sobre o tema, relacionando o documentário aos textos desta unidade.</p>	<p>Documentário: <i>Não Matarás: Os Animais e os Homens nos Bastidores da Ciência</i>.</p> <p>Texto 1: <i>The First Animal Rights Philosopher, Mary Ann Violin</i>.</p> <p>Texto 2: <i>O Direito dos Animais em O Mundo como Vontade e Representação, O Fundamento Moral, Parerga e Paraliponema, Schopenhauer</i>.</p> <p>Texto 3: <i>Pensamento Sobre Direitos dos Animais, Mahatma Gandhi</i>.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.9 Proposta de unidades didáticas a partir do documentário *Cara do Mundo*

O documentário *Cara do Mundo*, produzido e dirigido por Erichsen Raphael no ano de 2017, nos mostra um grupo de jovens da periferia da cidade de São Paulo e, também, estudantes da Escola de Jornalismo ÉNOIS, que se interessam em conhecer o mundo, mas de que modo? A partir do próprio lugar onde vivem, São Paulo, cidade que acolhe gente do mundo inteiro, possui uma população de mais de 340 mil imigrantes de diferentes partes do mundo. Estes jovens se concentram em conhecer a realidade de imigrantes e refugiados, entender suas histórias, aspirações e como se relacionam com São Paulo, como concebem este lugar, esta sociedade. Através da aproximação com essas comunidades de estrangeiros, a exploração de reportagens com eles resultou neste documentário, *Cara do Mundo*, além disto, esta experiência também ofereceu ao grupo de jovens a possibilidade de questionarem suas próprias histórias.

4.9.1 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A Estética da Existência no Documentário *Cara do Mundo*

Em *Cara do Mundo*, a busca de novos caminhos, outros rumos, no intento de criar um modo de vida singular a partir de sua própria liberdade se alinha ao tema proposto, A Estética da Existência, pois, conhecendo a história dos imigrantes e refugiados apresentados neste documentário, foi possível perceber as adversidades e as necessidades que eles enfrentaram para, então, se preocuparem em acionar suas liberdades com o fim de produzir um novo estilo de vida em outro lugar, longe de sua terra natal. Deste modo, podemos relacionar este contexto às ideias desenvolvidas por Foucault (2010) em *A Hermenêutica do Sujeito*, que o autor investiga a noção de cuidado de si, ao descrever o modo de subjetivação dos gregos na antiguidade. Foucault identifica nesta sociedade uma extrema preocupação em produzir uma vida livre, assim, por meio do pensamento, de práticas filosóficas como o diálogo, constituíram a administração das cidades, a produção de leis, em suma, estabeleceram a organização política da cidade. Conquanto, o grego não se encontra satisfeito, porque se preocupa com um terceiro problema, além do poder sobre a economia da cidade e sua organização política, ele se questiona a respeito

do poder sobre si mesmo, uma vez que para manter a plena administração da cidade, ele precisaria disso.

Esse poder sobre si mesmo é que vai representar, de fato, a expressão da liberdade, ou seja, uma estética da existência, que consiste em superar forças que tendem à submissão, doutrinação, ideologização, como diz Foucault e, com isto, exercer sua liberdade de pensamento, ao afirmar-se como força ativa que preconiza uma vida original, superior, em que o próprio sujeito é quem a dirige e, portanto, privilegia sua autorrealização. A personagem de *Cara do Mundo*, a jovem Zhang Surui, de Fujian, na China, que decidiu deixar sua família de origem e vir para São Paulo em busca de se tornar a verdadeira compositora de sua existência, isto é, produzir a sua vida de acordo com sua liberdade de pensamento, sua vontade, atenciosa ao cuidado de si, uma das maneiras de se cuidar, se vigiar, ocupar-se consigo, valorizar-se, como é definido na hermenêutica do sujeito de Foucault. Ela, então, nega a subjetivação de seu corpo e de sua alma, ao não concordar com a impossibilidade de aceitação de seu relacionamento afetivo na cultura de seu país. Logo, a estética da existência é compreendida aqui do mesmo modo que é concebida pelos gregos, como a arte de tecer sua própria existência, conduzir sua própria vida, o que implica dominar ou somente mesmo resistir às forças múltiplas de submissão nas quais o ser humano é formado e também se encontra exposto.

A atitude dos jovens produtores do documentário em conhecer o mundo através das entrevistas com imigrantes e refugiados é uma contribuição significativa, especialmente para eles, pois os instiga à reflexão sobre suas próprias existências, provoca o questionamento, se estão verdadeiramente buscando um sentido próprio para suas vidas, um sentido original e desejado, ou pelo contrário, se apenas seguem uma rotina automática, sem prazer e sem sentido. Está população, pode sim, inspirá-los, ao conhecer suas histórias, experiências, maneiras de pensar, posicionamentos surpreendentes diante de sua condição, sua vida em São Paulo. Um dos entrevistadores, Vinícius Cordeiro, de Vila Lopes, Rio Grande da Serra-SP, faz um desabafo, diz que é uma pessoa muito insegura na escola, na vida, de um modo geral, que teme muito o novo, arriscar algo que não sabe, não conhece e acaba preferindo ficar em zonas de conforto, o que faz com que não avance. Ele exalta, com bastante admiração, a coragem, a segurança de um dos imigrantes entrevistados, Satoro Hirose, do Japão, que começou um estudo pretendendo conhecer outro país através de filmes e, então, veio para o Brasil com poucas

posses, é bem desprendido, mora em um quartinho e se ocupa em fotografar a cidade, mas está sempre em busca de conhecer novos lugares.

Em vista dos relatos de ambos sobre a maneira de enfrentar a vida, de um lado Vinícius, atemorizado, acomodado, inseguro, de outro, Satoro, ousado, curioso, decidido, sempre em busca de novos conhecimentos, novas experiências, será que podemos associar esses dois modos de existência ao *Mito de Sísifo*, de Albert Camus? O Jornalista, romancista, filósofo argelino Albert Camus (2010), compara a vida dos homens com o Mito de Sísifo, que por esperteza, tentou enganar a morte, tramando contra os deuses, foi duramente castigado a rolar diariamente uma pedra montanha acima até o topo. Ao chegar ao topo, o peso e o cansaço promovidos pela fadiga fariam a pedra rolar novamente até o chão e no outro dia ele deveria começar tudo novamente por toda a eternidade. Podemos conferir que a vida do japonês Satoro é criada diariamente, não representa uma rotina diária, está constantemente em busca de inovação, portanto, não é alienante, tampouco é submetida a instâncias, como ideologismos religiosos ou capitalistas, na verdade Satoro é bem desprendido em relação a esses valores. Contudo, a vida de Vinícius está estritamente relacionada ao significado atribuído ao Mito de Sísifo por Camus (2010). O jovem é muito preso a rotina diária, se interessa pelo novo, mas paralisa, teme arriscar, buscar inovação, desta forma, não persegue um sentido próprio para sua existência, não promove mudanças em sua vida, se sente insatisfeito por agir assim, pois sabe que não se desenvolverá, não haverá progresso sem o exercício de sua liberdade.

Na narrativa das diferentes histórias e experiências de imigrantes e refugiados exibidas no documentário, encontramos aspectos comuns entre eles. O afastamento, a distância, a separação de pessoas queridas, familiares e, também de sua terra natal, que para uns foi uma decisão pessoal, enquanto para outros, neste caso a maioria, tiveram que deixar suas vidas anteriores pela necessidade, vieram garantir sua sobrevivência, em busca de trabalho, de oportunidades. Em razão disto, podemos traçar ou ajustar uma comparação entre o sentimento inicial de dor, desânimo, fracasso e ao mesmo tempo de luta, resignação, resistência, força para superar essas dificuldades e administrar suas vidas com a letra musical *Travessia* (1967), de Fernando Brant e Milton Nascimento, que descreve a dor, a desesperança e desespero de alguém que sofreu a perda, separação de um grande amor e que pensa até em desistir da própria vida, também traz críticas à ditadura

militar, que anula liberdades, contudo, brota um novo pensamento, de força, de luta, resignação, resistência, superação, buscando se reconstruir, reinventar sua existência.

Como podemos notar no quadro 25, a seguir.

Quadro 25 – A Estética da Existência no Documentário Cara do Mundo

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: CARA DO MUNDO			
TEMA: A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Compreender o significado de Estética da Existência a partir dos gregos considerando a narrativa do documentário <i>Cara do Mundo</i>.</p> <p>Estabelecer relação de semelhança entre o conceito de Arte para os gregos na antiguidade e alguns trechos do documentário.</p> <p>Conhecer a concepção de Estética da Existência em Foucault e outros filósofos buscando relacionar a história de personagens de <i>Cara do Mundo</i>.</p> <p>Ler, interpretar e produzir novos textos, a partir da leitura indicada nesta unidade, relacionando o tema apresentado ao documentário.</p>	<p>Significado de Estética da Existência Para os Gregos na Antiguidade.</p> <p>Conceito de Arte para os Gregos e sua relação com a Estética.</p> <p>Concepção de Estética da Existência em Foucault e outros filósofos.</p> <p>Estudo de texto, <i>A Hermenêutica do Sujeito</i>, de Michel Foucault.</p> <p>Interpretação de texto, <i>O Mito de Sísifo</i>, de Albert Camus.</p> <p>Apreciação da letra musical <i>Travessia</i>, de Fernando Brant e Milton Nascimento.</p>	<p>I- Introdução: Debate sobre o tema Estética da Existência, conectando às história dos imigrantes e refugiados apresentados no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos alunos que façam um levantamento sobre imigrantes ou refugiados jovens, caso encontrem na cidade de Teresina, privilegiando a área central (centro comercial). Estes imigrantes podem ser do Estado do Piauí, outros Estados ou outros países. Em seguida, selecionar alguns deles e realizar entrevista filmada sobre suas histórias, como produzem suas vidas. O resultado da entrevista deve ser socializado na escola.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Leitura e produção de texto articulando o tema desta unidade aos textos sugeridos aqui e documentário <i>Cara do Mundo</i>.</p>	<p>Documentário: <i>Cara do Mundo</i></p> <p>Texto 1: <i>A Hermenêutica do Sujeito</i>, Michel Foucault.</p> <p>Texto 2: <i>O Mito de Sísifo</i>, Albert Camus.</p> <p>Texto 3: <i>Travessia</i>, Fernando Brant e Milton Nascimento.</p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.9.2 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A Discriminação no Documentário *Cara do Mundo*

A discriminação é um fenômeno social instaurado nas diferentes culturas em razão de seu processo de construção manifestado por meio de múltiplas doutrinas e ideologias. Desta forma, é impossível encontrar alguém que não tenha preconceito algum, pois, sem perceber internalizamos muito da nossa herança cultural, que se encontra carregada de modos sutis de recusa aos diferentes. Nesse sentido, o preconceito sempre traz consigo prejuízo, uma vez que significa conceito ou opinião formada antecipadamente, sem o conhecimento adequado dos fatos. Historicamente, a origem da discriminação, seja ela de raça ou de gênero, geralmente é produto da desigualdade social. Sabemos que desde a antiguidade grega o poder é branco, masculino e adulto. Entretanto, encontramos no documentário *Cara do Mundo* o depoimento de Lenna Bahule, cantora, de Moçambique, que migrou para cidade de São Paulo, Brasil, em busca de oportunidades e relata que sofreu forte discriminação racial, diz que se sente constrangida, pois é bastante observada aonde chega e, em alguns lugares chega a sentir medo, como na Avenida Paulista, e acrescenta, que só soube que é negra quando chegou em São Paulo, pois mora em um país de negros, onde os governantes também são negros.

A discriminação é também a mãe dos estereótipos, que produzem e reproduzem estigmas. Em uma das obras mais conhecidas de Tocqueville (2005), *A Democracia na América*, identificamos a concepção estereotipada do autor, quando em um momento da obra ele discute sobre “o futuro provável das três raças que habitam o território dos Estados Unidos.” No posicionamento de Tocqueville, os brancos, europeus estão em vantagem para compor a jovem nação, porque estão sempre em primeiro lugar em atrair os olhares, pela fisionomia, saber, força e felicidade, enquanto os negros e os índios surgem abaixo dele. O pensador descreve, principalmente, os negros, com adjetivos bastante depreciativos, ou seja, carregados de estereótipos e estigmas, tais como, definir a fisionomia dos negros como horríveis, sua inteligência é limitada, seus gostos são vis, pelo fato de terem nascido da degradação, são portanto, estrangeiros, introduzidos na sociedade estadunidense pela servidão.

Logo, no documentário *Cara do Mundo*, percebemos no depoimento de Antônio Andrade, imigrante boliviano, que a grande mídia, de certa forma, não mostra o lado positivo, a rica cultura dos imigrantes ou refugiados, o que eles produzem aqui no Brasil, pelo contrário, não mostram que o boliviano também é cultura, não somente tráfico de drogas ou de escravos, ele, por exemplo, criou um portal de cultura. Então, Andrade, continua queixando-se de que os imigrantes são vistos apenas como coitados com problemas sociais, infelizmente, essa visão equivocada e esteriotipada é, preferencialmente, a mais propagada pelos meios de comunicação de massa, o que culmina com a falta de interesse em conhecer esse grupo, a indiferença ou discriminação. É esta, exatamente, a postura de Tocqueville ao tratar da questão do racismo, ele mantém uma visão eurocêntrica, ao valorizar estritamente sua cultura em detrimento de outras.

Verificamos ainda, no documentário, que a maioria dos imigrantes e refugiados que foram entrevistados continuam mantendo suas atividades e peculiaridades, como seus gostos, seus traços culturais, a exemplo de Gael Joseph, cantor e refugiado em São Paulo e oriundo da cidade de Porto Príncipe, no Haiti. No entanto, ele se identifica muito com a cidade, porque ao mesmo tempo em que preserva sua identidade cultural, também consegue se integrar satisfatoriamente à cultura de São Paulo. Ele diz que se sente bem, se sente em casa em São Paulo, porque essa cidade é Gueto, representa uma forte cultura afro-americana dos jovens pobres, grafite em toda parte, também, música, negro, isto é chamado de hip hop, cultura que nasceu no subúrbio de Nova York. Considerando este cenário, convém mencionar o texto de Touraine (1996), *A Integração Democrática*, em que o autor critica a arrogância e desrespeito pelas culturas e experiências diferentes e, também, adverte sobre a integração dos imigrantes, ao afirmar que esta não é bem sucedida quando se funde na massa, mas somente quando os outros respeitam sua identidade cultural porque parece ser compatível com a filiação a uma sociedade comum. Portanto, o autor frisa que um imigrante só consegue ser integrado quando é aceito como tal, quando sua diferença é reconhecida como um enriquecimento para a sociedade.

Em razão da discriminação de gênero, muito violenta em sua cultura, a chinesa Zhang Surui, deixou seu país justamente com intento de poder usufruir de sua liberdade individual e escolheu o Brasil para viver. O refugiado Mouhammed Ali, da Palestina, também veio ao Brasil com sua família em busca de liberdade, para

preservar suas vidas, dos conflitos, das guerras em seu país, que para ele não é só intolerância, mas o dinheiro, pois, se questiona contra quem os terroristas lutam, se as armas que usam são compradas na América, nos Estados Unidos. Do mesmo modo, outro refugiado de Mali, o senhor Adama Konate, precisou deixar seu país, em busca do direito sagrado de liberdade, que infelizmente, não é respeitado onde vivia. A jovem paulista Evelyn, que entrevistou Adama Konate, diz ter se emocionado muito ao perguntar a ele, qual seu maior desejo, Maior sonho? E ele responde que é ver o mundo feliz, para isto é necessário liberdade e independência. Então, ele começa a recitar a constituição brasileira sobre liberdade e, afirma que gosta deste país porque não apenas considera, mas determinou como leis, as liberdades humanas, o reconhecimento da pessoa humana como sagrada e inviolável, seja de credo, religião, opinião, entre outras. Com isto, Adama encerra sua fala declarando que o bem mais precioso que o ser humano pode conquistar é a liberdade e independência.

Diante dos relatos destes imigrantes que exaltam o valor e importância do respeito às liberdades humanas, pois representam um bem inestimável, porque o direito à liberdade, exclusivamente ele, é capaz de extinguir a discriminação, o preconceito, o racismo sobre qualquer de suas formas. Essas ideias convergem com o pensamento do líder político africano, Nelson Mandela (2018), para quem a discriminação é algo aprendido, uma vez que ninguém nasce odiando o outro pela cor da pele, origem ou religião, como ele afirma, é necessário aprender, daí, Mandela conclui que se as pessoas podem aprender a odiar, elas também podem ser ensinadas a amar. Assim, compreendemos que a discriminação é o oposto da liberdade, segue caminho contrário, quando acentua o desrespeito, a segregação, a violência, enquanto, o caminho da liberdade invoca o respeito à pessoa humana, a união, a paz. Conquanto, priorizar este caminho da liberdade significa alcançar o mundo sonhado por Adama Kanote, um mundo feliz pra todos, uma sociedade ideal, livre de estereótipos ou estigmas.

Como podemos notar no quadro 26, a seguir.

Quadro 26 – A Discriminação no Documentário *Cara do Mundo*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: CARA DO MUNDO			
TEMA: A DISCRIMINAÇÃO			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Apreender a discriminação, como forma de violência, considerando trechos do documentário.</p> <p>Conhecer o significado de preconceito e estereótipo com o auxílio da narrativa do documentário <i>Cara do Mundo</i>.</p> <p>Assimilar as diferentes formas de racismo, principalmente em relação a imigrantes e refugiados a partir do documentário.</p> <p>Analisar textos que se ocupam do tema Discriminação, a fim de promover a articulação com situações pertinentes a ele em <i>Cara do Mundo</i>.</p>	<p>A Discriminação Como Forma de Violência.</p> <p>O Significado de Preconceito e Estereótipo.</p> <p>Diferentes Tipos de Manifestações de Racismo.</p> <p>Compreensão de texto sobre A Democracia na América, de Alexis de Tocqueville.</p> <p>Estudo e entendimento de texto, A Integração Democrática, de Alain Touraine.</p> <p>Análise e interpretação de Pensamento sobre Discriminação, de Nelson Mandela.</p>	<p>I- Introdução: Roda de conversa sobre preconceitos, estereótipos, relacionando a situações externadas no documentário.</p> <p>II- Contextualização: Solicitar aos discentes que produzam um jornal escolar a partir do tema sobre Discriminação, destacando, essencialmente, o racismo em relação a imigrantes e refugiados, por meio da narrativa de <i>Cara do Mundo</i>.</p> <p>III- Estudo de Texto e Produção Textual: Leitura dos textos sugeridos nesta unidade didática e produção textual sobre o tema discriminação, com enfoque no discurso exposto no documentário acerca do referido tema.</p>	<p>Documentário: <i>Cara do Mundo</i>.</p> <p>Texto 1: <i>A Democracia na América, Alexis de Tocqueville.</i></p> <p>Texto 2: <i>A Integração Democrática, Alain Touraine.</i></p> <p>Texto 3: <i>Pensamento Sobre Discriminação, Nelson Mandela.</i></p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

4.9.3 Proposta de unidades didáticas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio: A Utilidade da Filosofia no Documentário *Cara do Mundo*

A utilidade da Filosofia sempre foi questionada pelo senso comum, contudo, ela também não é devidamente reconhecida por grande parte da comunidade científica, assim como, por profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Isto se deve ao fato de considerarem que a Filosofia não possui uma aplicabilidade prática imediata. Ela não ensina técnicas, procedimentos para solucionar problemas, seja na área de saúde, engenharias e demais áreas. Todavia, a Filosofia é fundamental na existência de todo ser humano, pois proporciona a prática de analisar e refletir criticamente o conhecimento do mundo e o próprio homem. Em *Cara do Mundo*, oito jovens paulistas, estudantes da escola de jornalismo ENÓIS, decidem conhecer o mundo, então, eles executam este propósito a partir da produção deste documentário. Em contato com imigrantes e refugiados de vários países, conhecendo suas realidades, suas experiências, aspirações, realizações e sua relação com a cidade de São Paulo, culmina com um empreendimento: A Atitude Filosófica, visto que provoca nesses jovens, o questionamento sobre sua própria história, a reflexão acerca de suas existências, suas capacidades e possibilidades, com o propósito de melhorar. Com isto, percebemos o quanto a Filosofia é útil.

Em seu livro *Convite à Filosofia*, Marilena Chauí (2000), define como algo bastante intrigante, a pergunta corriqueira sobre a utilidade da Filosofia. Ela indaga, porque não ouvimos ninguém perguntar para que servem a Matemática ou Física? Para que a Biologia ou Psicologia? Para que Astronomia ou Química? Para que a Pintura, a Literatura, a Música, a Dança? No entanto, as pessoas consideram muito natural perguntar: Para que serve a Filosofia? Qual é a sua utilidade? A autora responde com outras indagações bem coerentes a esta pergunta, dizendo que se for útil abandonar nossas convicções, preconceitos, que têm origem, geralmente, nas ideologias dominantes do poder estabelecido; se for útil buscar compreender as descrições do mundo, cultura, história, as diferentes criações humanas, seja na política, ciência, arte, enfim, se for útil nos darmos a oportunidade e a sociedade de desenvolver ações que conduzam a uma prática da liberdade e felicidade para todos, então, a Filosofia seria o mais útil de todos os saberes.

Desta forma, os argumentos e a conclusão de Chauí (2000) sobre a utilidade da Filosofia, nos lembra do posicionamento diante da vida de alguns participantes do documentário, como o jovem imigrante Satoro Hirose, do Japão, que escolheu livremente seu modo de viver e conhecer o mundo, viajando com uma câmera fotográfica e um caderno de anotações e, assim, conhecer lugares, idiomas, pessoas, paisagens, isto é, apreender a realidade, se renovando, em busca de novos conhecimentos e experiências novas, pois, para ele, esta maneira de viver é que lhe proporciona liberdade e felicidade. É relevante destacar também, a percepção acerca de ideias do senso comum ou preconceitos, de um jovem refugiado, agora morador do Brasil, entrevistado em *Cara do Mundo*, Gael Joseph. Ele diz que valoriza a amizade, conhecer pessoas, compartilhar experiências, portanto, gosta de todo mundo, não tem preconceito com nenhuma nação, nenhuma pessoa, questiona quem não se aproxima de outras pessoas por alguma convicção ou qualquer forma de preconceito. De fato, não podemos nos fechar, isolar, aprisionar, preferencialmente, em ideias, não é útil para o conhecimento, para o progresso humano, logo, não é útil para a Filosofia, que sempre busca atitude crítica, coragem, liberdade.

Em sua obra *Nietzsche e a Filosofia*, Deleuze (1987), declara que a Filosofia serve para entristecer, portanto, se alguém perguntar qual é a utilidade dela, a resposta deve ser enérgica, uma vez que a pergunta se propõe irônica, pois, a Filosofia não serve nem ao Estado, nem a Igreja, que têm outros encargos, ou seja, ela não serve a nenhum poder estabelecido. A preocupação da Filosofia é prejudicar as forças reativas, as tolices, as submissões externas, transformar tudo isso em algo vergonhoso. Assim sendo, a Filosofia não possui outra finalidade senão a de criticar, denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas. Desse modo, interessa à Filosofia fazer pessoas livres, pessoas que não confundam os fins da cultura com o proveito do Estado, da moral, da religião. Ela representa, portanto, a desmistificação da realidade mascarada de ideologias dominantes. A quem interessa isso a não ser a Filosofia?. Nesse contexto, é conveniente remontarmos ao documentário, mais precisamente, à fala do refugiado Mohammed Ali, da Palestina, que argumenta, empregando um pensamento bem crítico, característico de uma atitude filosófica. Ele diz que em seu país a vida era boa antes da guerra, exceto a privação de liberdade, mas depois se tornou cara, dificuldades até para as necessidades mais básicas, como a alimentação. Ele lamenta que isso tudo ocorra

com seu povo por razões econômicas e políticas, então, questiona que esses terroristas lutam contra quem? Se as armas do Estado Islâmico são fabricadas na América, nos Estados Unidos. Nesta declaração, ficam esclarecidos, os exemplos de tolice e baixeza de que Deleuze se refere em sua obra.

Em *Cara do Mundo*, conhecemos histórias de coragem, luta e resistência de imigrantes e refugiados, como nos conta Antônio Andrade, de La Paz, Bolívia. Ele fala que veio ao Brasil, não em busca de lazer ou fazer amizades, mas para trabalhar e poder sustentar sua família, este é seu único objetivo, assim como, para maioria deles, vieram buscar melhores condições de vida. A jovem Lenna Bahule, cantora e artista, de Moçambique, é também uma lutadora incansável, exemplo de força, resistência. Ela desabafa sobre as dificuldades e sacrifícios os que tem passado, fala sobre o racismo que sofre, pois não é uma realidade do seu país, a população é negra, inclusive as autoridades que governam. Mas, por outro lado, ela reconhece São Paulo como um lugar de uma multiplicidade cultural riquíssima, é bastante inspirador, diverso e agitado. No entanto, acrescenta, que sua vida é turbulência, mergulhada em atividades e informações, mas consegue amenizar isso buscando a distração, não está o tempo todo focada, mas em um movimento contínuo de concentração e distração, deste modo tenta se conservar nesse processo entre a turbulência e a calma, para manter o seu equilíbrio. A cantora entende que esta atitude contribui para seu processo criativo e de autoconhecimento.

Estas considerações sobre a coragem, o destemor, a força, luta e resistência desses imigrantes e refugiados nos permite uma analogia com o poema *Canção do Tamoio*, do poeta maranhense Gonçalves Dias (2018), que exalta a coragem, força resistência dos indígenas, nativos do Brasil, que lutaram até o fim, não se entregaram e nem se submeteram à dominação dos brancos europeus. Eles se mantiveram firmes, sustentando um propósito maior, de conservar seu território, seu povo, sua cultura e, mesmo em uma batalha desleal, em que o branco possuía armas e embarcações mais poderosas e sofisticadas do que eles, não desistiram de lutar e, perseguiram seu objetivo até o fim, mesmo isto custando suas próprias vidas. Esta analogia está expressa em estrofes do poema como, por exemplo, na parte introdutória, em que diz que a vida é luta renhida, a vida é combate, que os fracos abate e os fortes, os bravos, só pode exaltar. Assim, esta firmeza é também

um traço marcante dos imigrantes e refugiados do documentário *Cara do Mundo*. Como podemos constatar no quadro 27, a seguir.

Quadro 27 – A Utilidade da Filosofia no Documentário *Cara do Mundo*

AULAS DE FILOSOFIA E DOCUMENTÁRIO			
DOCUMENTÁRIO: CARA DO MUNDO			
TEMA: A UTILIDADE DA FILOSOFIA			
OBJETIVOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES	RECURSOS DIDÁTICOS
<p>Entender a importância e utilidade da Filosofia para interpretar criticamente a realidade com o auxílio da narrativa de <i>Cara do Mundo</i>.</p> <p>Buscar no documentário, diferentes exemplos de como a Filosofia pode ser útil em nossa vida.</p> <p>Refletir, a partir das experiências apresentadas no documentário, como a Filosofia nos possibilita ser livres.</p> <p>Aprender a questionar nossas convicções por meio de <i>Cara do Mundo</i> e da atividade filosófica.</p> <p>Ler criteriosamente textos indicados nesta unidade, para em seguida, produzir novos textos, que contemplem uma articulação entre a narrativa do documentário, os textos referidos e o tema sugerido: A Utilidade da Filosofia.</p>	<p>Importância e Utilidade da Filosofia.</p> <p>Exemplos de como a Filosofia pode ser Útil em Nossa Vida.</p> <p>A Reflexão Filosófica Conduz à Liberdade?</p> <p>Apresentação e Estudo de Texto, Convite à Filosofia, de Marilena Chauí.</p> <p>Interpretação de Texto, Nietzsche e a Filosofia, de Gilles Deleuze.</p> <p>Análise e interpretação de Poema Canção do Tamoio, de Gonçalves Dias.</p>	<p>I- Introdução: Discutir a Utilidade da Filosofia, tomando como exemplo, a curiosidade dos jovens em conhecer o mundo por meio da produção de um documentário sobre imigrantes e refugiados. O que esta experiência representou para eles.</p> <p>II- Contextualização: Demonstrar porque a Filosofia é útil, pois desestabiliza convicções, a partir da interpretação de letra da música Dinheiro Sujo, do F. Gueto, cantada no documentário.</p> <p>III-Estudo de Texto e Produção Textual: Leitura e produção textual articulando o tema desta unidade aos textos que foram sugeridos e o documentário <i>Cara do Mundo</i>.</p>	<p>Documentário: <i>Cara do Mundo</i></p> <p>Texto 1: <i>Convite à Filosofia, Marilena Chauí.</i></p> <p>Texto 2: <i>Nietzsche e a Filosofia, Gilles Deleuze.</i></p> <p>Texto 3: <i>Canção do Tamoio, Gonçalves Dias.</i></p>

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa nos propusemos a uma análise e fundamentação sobre a necessidade de empreender um ensino contextualizado das aulas da disciplina de Filosofia no Ensino Médio. Por considerar louvável a perspectiva do filósofo neopragmatista Richard Rorty, que prioriza a filosofia prática, filosofia da ação, sobretudo, o uso de narrativas ao invés de teorias, como força geradora e transformadora da ação política, moral, educacional, portanto, da ação social, capaz de promover, não apenas a melhor compreensão de temas variados da realidade, mas principalmente, de provocar mudanças significativas e edificadoras na sociedade. Deste modo, a narrativa do gênero documentário, reverenciada por este autor é a ferramenta que apresentamos nesta pesquisa como meio adequado e eficiente para contextualizar temas de Filosofia e propiciar efetivamente a finalidade que esta disciplina se propõe, como o desenvolvimento do pensamento crítico, do senso crítico, logo da atitude filosófica. Isto, obviamente, não significa manter ou reproduzir verdades e crenças herdadas ou estabelecidas socialmente, pelo contrário, mas colocá-las em questão, em dúvida, com efeito, esta deve ser a utilidade da filosofia, provocar reformas, reestruturação e até mesmo transformação social, proposta que coincide inteiramente com a filosofia prática defendida por Rorty.

Na busca de um ensino de Filosofia contextualizado em razão de suas peculiaridades, torna-se indispensável o uso de metodologias e recursos didáticos que permitam a compreensão clara e significativa de seus temas. A reprodução conteudista de teorias nem sempre faz cumprir a finalidade intrínseca à disciplina de Filosofia, ou seja, o desenvolvimento de uma postura crítica, questionadora, que produzam mudanças de pensamento, de comportamento. Com base nisto, elencamos como suporte e ênfase outras concepções de autores que reconhecem e recomendam o emprego de métodos e instrumentos para uma aprendizagem eficiente e contextualizada. Constatamos em Ghiraldelli Jr. e Gallo que, assim como Rorty, valorizam o uso de narrativas para a promoção de um ensino aprendizagem significativo. Ghiraldelli Jr., por exemplo, prioriza o uso de metáforas, vocabulários do cotidiano do discente ou que causem impacto, convoquem sua atenção. Gallo (2012), compreende que para um ensino de Filosofia contextualizado, o professor precisa lançar mão do que ele chama de saco de utilidades. Podemos entender a

importância dessa ação como meio de empregar diferentes narrativas para auxiliar na compreensão de temas propostos. Então, o autor orienta que além de textos dos próprios filósofos, o professor precisa utilizar textos não filosóficos, filmes, documentários que se aproximem do tema a ser trabalhado.

Portanto, nesta pesquisa elegemos a narrativa do documentário por julgar sua linguagem robusta, bastante enriquecida, capaz de afetar, de sensibilizar o discente ao conduzi-lo a um estado mental de mais elevada atenção e envolvimento, logo, de melhor assimilação dos temas abordados. A habilidade de ensinar Filosofia implica proporcionar ao aluno fazer uso do pensamento e, nem sempre a linguagem de um livro, de um texto filosófico é suficiente para que isto ocorra. O documentário, nosso objeto neste trabalho propicia, por meio de imensuráveis recursos linguísticos, a possibilidade de pensar, refletir, inspirar o discente ao desenvolvimento de um olhar crítico sobre aspectos da realidade, essa narrativa tem como mérito retirar o espectador da passividade, impeli-lo a argumentação, ao questionamento. Desta forma, concebemos o documentário como um recurso didático indiscutivelmente poderoso para provocar o que esta pesquisa persegue como objetivos principais, a participação mais ativa do discente, a conversação e, por conseguinte, a contextualização do Ensino de Filosofia.

O escopo deste trabalho é de estimular e, como consequência, identificar o discente como protagonista no processo ensino aprendizagem da disciplina de Filosofia, essa característica é sem dúvida, uma das principais prerrogativas para o ensino contextualizado. Não obstante, a atuação, o espírito participativo desse discente requer certas ações ou posturas adotadas pelo professor, seja a sua metodologia ou os recursos didáticos, ou então ambos. Além da literatura descrita acima, mencionamos autores que aprovam e incentivam a autonomia, a liberdade de pensamento do discente no ensinar e aprender, tais como, Nietzsche, Rancière, Savater, que não admitem, pelo contrário, criticam com veemência o paradigma de ensino tradicional. Elencamos ainda, autores que preconizam o poder da imagem e de elementos cinematográficos, Ghedin e Ramos, entre outros, que garantem que eles capazes de ampliar horizontes e possibilidades de conhecer.

Trazemos a proposta do uso do documentário para as aulas de Filosofia como maneira de torná-las mais contextualizadas, pois o interesse, atenção, envolvimento, compreensão e participação do discente são incontestáveis. Diferentemente do livro, a dinâmica desta narrativa influencia muito mais o discente

a pensar de forma livre, a ser protagonista em seu aprendizado. É nesta crença e neste desejo que construímos e sugerimos no terceiro capítulo deste trabalho, unidades didáticas com o uso de documentários para exploração de temas variados em articulação com textos filosóficos e não filosóficos e, também a abordagem de objetivos que norteiem a dissecação dos documentários e seus respectivos textos, além disto, orientamos a execução de atividades concernentes aos temas sempre em conexão com a narrativa de cada documentário.

A atividade de filosofar com o auxílio do documentário em articulação com textos dos próprios filósofos e textos não filosóficos, como músicas, poesias, poemas, pensamentos ou citações, textos jornalísticos, textos literários, significa um investimento bastante favorável para o ensino de Filosofia, uma vez que resulta na aproximação entre Arte e a Filosofia, pois conjugá-las, implica em estabelecer um excelente modo de contextualizar temas da realidade social. Logo, reconhecemos que o gênero documentário é expressão artística que possui recursos de linguagem mais estimulantes do que o livro didático, desta forma, impulsiona o desenvolvimento da imaginação, porque é capaz de sensibilizar muito mais o sujeito do que a reflexão filosófica. Essa atividade de filosofar não consiste meramente na apropriação de conceitos e conhecimentos da disciplina de Filosofia, mas em empregar a criatividade, fazer brotar o novo, o ainda não pensado partindo do velho, ou seja, do que já foi pensado, determinado, estabelecido.

À vista disto, consideramos nesta pesquisa, o pragmatismo filosófico de Rorty, que visa repensar as ações políticas, éticas, pedagógicas da sociedade na intenção de edificar, reformar e de propiciar progresso intelectual e moral para todos. Entretanto, o caminho para alcançar este progresso segundo o filósofo não é a teoria, mas a narrativa, seja do gênero literário, do gênero documentário ou de outro gênero. Ela possui a supremacia de sensibilizar, de envolver, por consequência, de provocar o pensamento crítico, desestabilizar ideologias, verdades arraigadas e, é esta mesma a utilidade da filosofia e para quem ela deve servir. Em razão disto, apresentamos a narrativa do documentário como ferramenta adequada e eficiente para o ensino contextualizado de filosofia, mas que principalmente, desperte no discente o pensamento ativo e autônomo.

Acreditamos e defendemos a perspectiva rortyana acerca da relevância da linguagem, da maneira de se comunicar, melhor esclarecendo, da importância e do papel da linguagem para atingir um propósito. Com base nisto e nos argumentos já

manifestados sobre o uso do documentário, preconizamos que um ensino de Filosofia menos enfadonho e mais instigante, menos teórico e mais prático, aulas mais agradáveis e proveitosas, na maioria das vezes, só depende de mudanças na nossa maneira de se comunicar, ou seja, empregar uma linguagem diferente do habitual, portanto, o uso da linguagem do documentário em sala de aula, sua riqueza de significados, as vivências e experiências pelas quais somos tocados ou nos identificamos, por meio da dinâmica produzida pelos recursos linguísticos audiovisuais, que evidentemente, é mais substancial do que o livro didático, para a compreensão e interpretação dos temas a serem abordados, mas também para a emancipação do pensar.

Podemos francamente afirmar que a natureza do documentário se constitui como ferramenta de desestabilização de paradigmas arraigados, desmonta, porque põe em dúvida verdades absolutizadas, perpetuadas através de práticas culturais das mais diversas ideologizações, que mantêm e reforçam sistemas que restringem e ameaçam o desenvolvimento humano, seu progresso em todos os âmbitos, cultural, moral, intelectual, político, econômico, social, entre outros. Desta forma, a consistência da linguagem do documentário nos impele a filosofar, toca a nossa alma, coração, porque somos envolvidos pelas sensações, ou seja, ela ataca a nossa sensibilidade, como deve ser o próprio processo do filosofar, pensar filosoficamente, o que significa nos inserirmos em uma realidade, experimentá-la por inteiro, isto é o que faz do documentário uma arte brilhante. Assim, acreditamos que como concebe Rorty, a faculdade da imaginação, esta é a que sempre nos leva mais longe do que as fronteiras de uma razão fixa e estagnada. É preciso contínua renovação e transformação, logo, é preciso um filosofar permanente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

_____; _____. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARMAGEDON, Total Alienação. **Letras.mus.br**, 1986. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/armagedom/429609/>. Acesso em: 3 out. 2018.

ANTUNES, Arnaldo. O Pulso. **Letras.mus.br**, 1989. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/1114673/>. Acesso em: 19 dez. 2018.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Imaginário, 2000.

BAUER, Érika. **O Documentário Como Experiência**. Sobre Fazer Documentários. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOMENY, Helena. *et al.* **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências humanas e suas tecnologias. v. 3. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRANT, Fernando. NASCIMENTO, Milton. Travessia. **Letras.mus.br**, 1967. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47456/> Acesso em: 19 nov. 2018.

BRECHET, Bertold. Coletânea de Poemas. **Orientação Marxista**, 2010. Disponível em: <http://orientacaomarxista.blogspot.com.br/2010/05/coletanea-de-poemas-bertolt-breht.html>. Acesso em: 14 mai. 2018.

BRIENT, Jean-François Brient. **A Servidão Moderna**. Tradução de Rodrigo Nishino. Youtube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ybp5s9ElmcY>. Acesso em: 2 abr. 2018.

BRITTO, Sérgio. Epitáfio. **Letras.com.br**, 2001. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/titas/epitafio>. Acesso em: 7 jul. 2018.

CARA DO MUNDO. Direção: Raphael Erichsen. Produção: Raphael Erichsen. Brasil: ENÓIS Inteligência Jovem & 3FILMGROUP.TV, 2017. DVD (54 min.) Color.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CAZUZA; ISRAEL, George; ROMERO, Nilo. Brasil. **www.culturagenial.com**, 1988. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musica-brasil-mostra-tua-cara/>. Acesso em: 20 out. 2018.

CAZUZA. Ideologia. **www.culturagenial.com**, 1988. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/musica-ideologia-de-cazuza/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

CORTÊS, Getúlio, Negro Gato, 1965. **Letras.com.br**. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/getulio-cortes/negro-gato>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CUSTÓDIO, Carlos Alberto. **Cordel: A Criança e o Consumo**, 2012. Disponível em: <https://voluntarios.institutocea.org.br/pages/7657-cordel-a-crianca-e-o-consumo>. Acesso em: 14 set. 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. **A Manipulação do Público: Política e Poder Econômico no Uso da Mídia**. São Paulo: Futura, 2003.

CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO. Direção: Estela Renner. Produção: Marcos Nisti, Maria Farinha Produções. Roteiro: Estela Renner, Renata Ursaia. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2008. DVD (50 Min.), Color.

DA VINCI, Leonardo. **Pensador**, 2018. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NzUzNTMw/>. Acesso em: 30 out. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS).

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de António M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 1987.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Antônio Gonçalves. Canção do Tamoio. **Pensador**, 2018. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTAwMTAzNg/>. Acesso em: 1 dez. 2018.

FÉLIX, Luciene. Discurso da Servidão Voluntária. **Escola Superior de Direito Constitucional – ESDC**. 2007. Disponível em:
http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_2007_11_Boetie.htm. Acesso em: 10 abr. 2018.

FERNANDES, Vladimir. Mito e Religião na Filosofia de Cassirer e a Moral Religiosa. **Notandum**, v. 7, n. 11, p. 1-5, 2011. Disponível em:
<http://www.hottopos.com/notand11/vladimir.htm>. Acesso em: 29 mar. 2018.

FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALLO, Sílvio. **Filosofia: experiência do pensamento**. São Paulo: Scipione, 2014.

_____. **Metodologia do Ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2012.

GANDHI, Mahatma. **Pensador**. 2018. Disponível em:
<https://www.pensador.com/frase/OTcyMjU/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortês, 2009.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: DPGA, 2000.

_____. **Richard Rorty: a Filosofia do Novo Mundo em Busca de Mundos Novos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**. A Doutrina do Ser. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

HOBBS, Thomas de Malmesbury. **Leviatã**. Os Pensadores. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 169-214.

HUME, David. **História Natural da Religião**. Tradução de Jaimer Conte. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Tratado da Natureza Humana**. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JORGE, Luiz Eduardo. **A Expressão Cinematográfica no Território do Documental**. Sobre Fazer Documentários. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

KANT, Immanuel. **O que é o esclarecimento?** In: KANT, Immanuel. Textos Seletos. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. ed. Petropolis: Vozes, 2010. p. 63-71.

_____. **Crítica da Razão Prática**. Tradução de Rodolfo Schaefer. São Paulo: Martin Claret, 2011.

KOHAN, Walter Omar. **Políticas do Ensino de Filosofia**. São Paulo: DP&A, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LINS, Consuelo. **O filme-dispositivo no documentário brasileiro contemporâneo**. Sobre Fazer Documentários. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MALCOLM X. **Pensador**, 2018. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/malcolm_x/. Acesso em: 6 ago. 2018.

MANDELA, Nelson. **Pensador**, 2018. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/nelson_mandela/. Acesso em: 26 nov. 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Antônio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista, 1848**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MEIRELES, Cecília. **Escolha Seu Sonho**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

MOORE, Alan. **V de Vingança**. São Paulo: Panini Comics, 1988.

MORIN, Edgar. **Culturas de Massa no Século XX: O Espírito do Tempo- Neurose e Necrose**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

MONTAIGNE, Michel de. **Dos Canibais**. São Paulo: Alameda, 2009.
 NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2012.

NÃO MATARÁS – OS ANIMAIS E OS HOMENS NOS BASTIDORES DA CIÊNCIA.
 Direção: Denise Gonçalves. Produção: Instituto Nina Rosa. Roteiro: Denise Gonçalves. Brasil: Instituto Nina Rosa, 2006. DVD (65 min.), color.

OLIVEIRA, Ana Paula; FIGUEIREDO, Valéria Maria chaves de. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO *et al.* Teoria de cultura de massa. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 147, nov. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/130>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Os Pensadores. Tradução de S. Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PENAFRIA, Manuela. **O Paradigma do Documentário**. Antônio Campos, Cineasta. Covilha, Livros Labcom, 2009.

PESSOA, Fernando. Esta Velha Angústia (Álvaro de Campos). **Jornal de Poesia**, 2011. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/pessoa.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

PUBLICIDADE E MÍDIA: Uma conversa com Mário Sérgio Cortella,. 2016. Disponível em: <http://desenvolvimento-infantil.blog.br/publicidade-infantil-e-consumismo-uma-conversa-com-mario-cortella/>. Acesso em: 5 out. 2018.

RABAÇA, Carlos Alberto. Moralidade e Religião. **O Globo**. 2015. Disponível em: <http://noblato.globo.com/geral/noticia/2015/11/moralidade-e-religiao.html>. Acesso em: 7 abr. 2018.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O Que é Documentário?** São Paulo: UNICAMP, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

READ, Rupert; GOODENOUGH, Jerry. **Film as Philosophy: Essays in Cinema After Wittgenstein and Cavell**. EUA: Palgrave, 2005.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até nossos dias. v. 3. São Paulo: Paulus, 1991.

REGAN, Tom. **The case for animal rights**. Berkeley/LA, University of California Press, 1983.

RELIGULOUS. Direção: Larry Charles. Produção: Bill Maher, Jonah Smith e Palmer West. Elenco: Bill Maher. Roteiro: Bill Maher. EUA: Thousand Words, 2008. DVD, (101 min.), color.

RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Philosophy and Social Hope**. London: Penguin, 1999.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

_____. **Emílio ou da Educação**. 1. ed. Tradução de Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017.

SALOMON, Décio Vieira. **Como Fazer uma Monografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SPINOZA, Baruch. **Tratado da Correção do Intelecto**. São Paulo: Ed. Amazon, 2014.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

SEIXAS, Raul. *Metamorfose Ambulante*. **www.lettras.mus.br**, 1973. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/48317/>. Acesso em: 22 out. 2018.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. São Paulo: Lugano, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade e Representação**. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. **Sobre o Fundamento da Moral**. Tradução de Maria Lúcia M. Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Parerga e Paralipomena**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

TARJA BRANCA: A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Juliana Borges. Elenco: Antonio Nóbrega, Domingos Montagner, José Simão, WandyDoratiotto. Roteiro: Marcelo Negri. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2014. DVD (80 min.), color.

TRADUÇÃO DA CARTA DE DEUS ESCRITA POR EINSTEIN. Disponível em: http://olombrigao.blogspot.com.br/2012/10/traducao-da-carta-de-deus-escrita-por_26.html. Acesso em: 5 abr. 2018.

THOREAU, Henry David. **A Desobediência Civil**. São Paulo: Pegim Companhia, 2012.

TIROS EM COLUMBINE. Direção: Michael Moore. Produção: Jim Czarnecki e Michael Moore. Elenco: Michael Moore Roteiro: Michael Moore. EUA: Alliance Atlantis, Dog Eat Dog Film, salter street films, 2002. DVD, (aprox. 120 min.), color.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A Democracia na América**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOURAINÉ, Alain. **O Que é a Democracia?** Petrópolis: Vozes, 1996.

UMBERTO ECO: "INFORMAÇÃO DEMAIS FAZ MAL". (2011). Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/umberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

UNISULVIRTUAL. **Metodologia Científica e da Pesquisa**: disciplina na modalidade a distância. 5. ed. Palhoça, RS: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007.

VANDRÉ, Geraldo. Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores. **www.lettras.mus.br, 1968**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandre/46168/>. Acesso em 18 dez 2018.

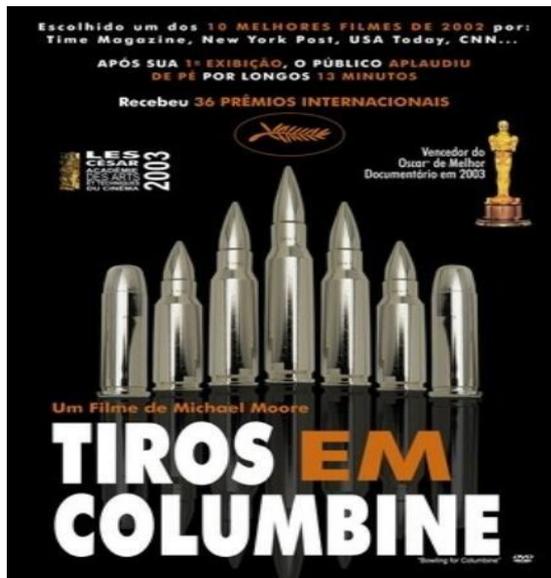
VIOLIN, Mary Ann. *Pythagoras – The First Animal Rights Philosopher*. **Journal of Philosophy Between the Species**, v. 6, p. 122-125, 1990.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Tratado sobre a tolerância**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

ZÉ, Tom. Tribunal do Feicebuqui. **pt. Wikipedia.org**, 2013. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tribunal_do_Feicebuqui. Acesso em: 1 set. 2018.

ANEXO A – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *TIROS EM COLUMBINE*

Figura 1 – Capa do DVD de Tiros em Columbine original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem de Michael Moore, autor e entrevistador de Tiros em Columbine, segurando uma arma



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem do cantor Marilyn Manson sendo entrevistado por Michael Moore



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de representante da associação nacional do rifle dos EUA segurando arma



Fonte: Google Images (2019)

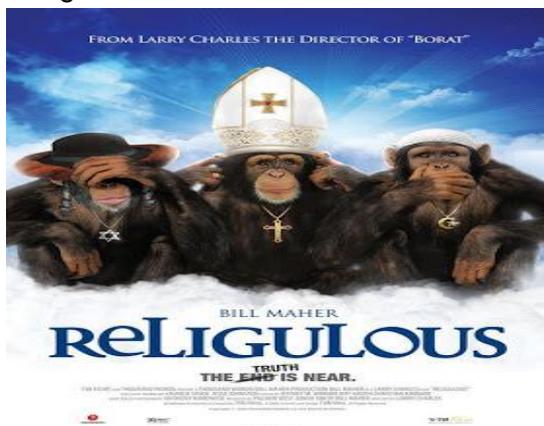
Figura 5 – Imagem do ataque à escola Columbine



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO B – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *RELIGULOUS*

Figura 1 – Capa do DVD de *Religulous* original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem de Bill Maher em Roma, autor e entrevistador de *Religulous*



Fonte: Google Images (2019)

Figuras 3 e 4 – Imagens de Bill Maher entrevistando representantes religiosos



Fonte: Google Images (2019)



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem de Bill Maher e o Jesus de Holy Land, em Orlando



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO C – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *DA SERVIDÃO MODERNA*

Figura 1 – Capa do DVD de *Religulous* original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem do ritmo acelerado e escravizante da sociedade capitalista



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem do documentário em que se vê uma multidão em ritual religioso



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de trabalhadores



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem de trabalhadores em empresa programados como máquinas



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO D – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *TARJA BRANCA*

Figura 1 – Capa do DVD de *Tarja Branca* original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem de entrevista com o ator Domingos Montagner



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem de entrevista com o escritor Marcelino Freire



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de entrevista com Hélio Leite, artesão universitário



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem de entrevista do diretor de *Tarja Branca*



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO E – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *NÓS SOMOS A LEGIÃO*

Figura 1 – Capa do DVD de *Nós Somos a Legião* original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 e 3 – Imagens de seguidores do grupo *Anonymous*



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 e 3 – Imagens de seguidores do grupo *Anonymous*



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de mascarado do *Anonymous* segurando cartaz em protesto



Fonte: Google Images (2019)

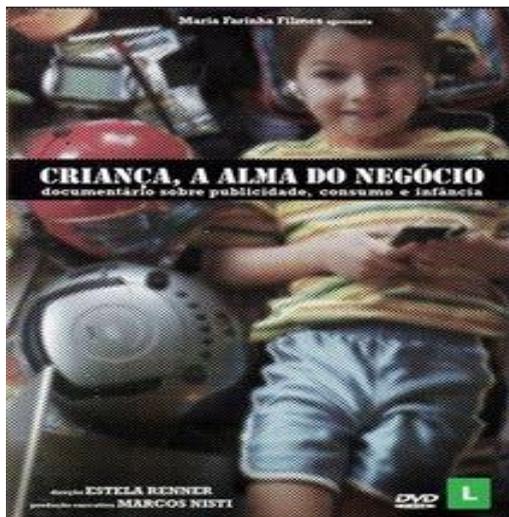
Figura 5 – Imagem de jovem em protesto segurando cartaz



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO F – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO*

Figura 1 – Capa do DVD de *Criança, A Alma do Negócio*



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem de uma criança degustando petiscos



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem de uma criança cercada de brinquedos



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de uma garotinha com as mãos cheias de sacolas de compras



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem de entrevista com adolescente acompanhada de sua mãe



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO G – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *PRO DIA NASCER FELIZ*

Figura 1 – Capa do DVD de *Pro Dia Nascer Feliz* original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem de professora ensinando seus alunos



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem de jovens estudantes conversando



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de uma estudante lendo e o outro observando



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem de um grupo de estudantes conversando



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO H – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO *NÃO MATARÁS*

Figura 1 – Capa do DVD de *Não Matarás* original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem uma profissional da saúde realizando testes em macaco



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem de um macaco capturado para ser usado em experimentos



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem de um profissional da saúde aplicando substância em macaco



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem de entrevista com biólogo e professor da UNIFAL-MG



Fonte: Google Images (2019)

ANEXO I – IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO CARA DO MUNDO

Figura 1 – Capa do DVD de Cara do Mundo original



Fonte: Google Images (2019)

Figura 2 – Imagem de estudantes de jornalismo compartilhando experiências



Fonte: Google Images (2019)

Figura 3 – Imagem da cantora e artista Lenna Bahule, de Maputo, Moçambique



Fonte: Google Images (2019)

Figura 4 – Imagem do poeta Adama Konate, de Karan, Mali



Fonte: Google Images (2019)

Figura 5 – Imagem do Modelo Mouhammed Deme, de Dakar, Senegal



Fonte: Google Images (2019)